

RUFFINOASSOCIATI Architetti

Um olhar sobre as práticas de projeto

Luís César Teixeira da Silva

Mestrado em Design de Interiores 2024



RUFFINOASSOCIATI Architetti

Um olhar sobre as práticas de projeto

DOCUMENTO PROVISÓRIO

Relatório de estágio

Luís César Teixeira da Silva
Mestrado em Design de Interiores 2024

Orientadora:
Professora Mestre Maria Milano

Co-orientadores:
Arquiteto Fabrizio Ruffino
Professora Doutora Ana Lúcia Pinto Duque

**Resumo e
palavras-chave**

O presente documento, intitulado “Ruffinoassociati Architetti: Um olhar sobre as práticas de projeto”, consiste num relatório de estágio realizado no âmbito da conclusão do grau de Mestre em Design, com especialização em Design de Interiores, na ESAD - Escola Superior de Artes e Design, em Matosinhos.

O estágio curricular foi realizado no estúdio Ruffinoassociati Architetti, em Palermo, entre janeiro e junho de 2024, e combinou a vontade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos em contexto académico com a oportunidade de o fazer num dos estúdios mais conceituados do panorama arquitetónico siciliano. No decorrer do estágio, foi possível participar em vários projetos, incluindo a visita a obras em curso e o contacto direto com clientes e colaboradores.

Devido ao interesse em aprofundar o conhecimento relativamente às metodologias de projeto, foi produzida uma análise a alguns dos trabalhos mais importantes no percurso do estúdio e, para melhor compreender e sistematizar a informação, os projetos foram distribuídos por cinco temas fundamentais da cultura do habitar e do projeto de interiores. Esta análise privilegiou fontes primárias, como entrevistas e material fornecido pelo estúdio, e fontes secundárias, como a leitura de livros e artigos, destacando-se os autores Peter Zumthor e Herman Hertzberger.

Abstract and keywords

This document, entitled “Ruffinoassociati Architetti: Um olhar sobre as práticas de projeto”, is an internship report carried out as part of the completion of the Master’s degree in Design, specialising in Interior Design, at ESAD - Escola Superior de Artes e Design, in Matosinhos.

The internship was carried out at the Ruffinoassociati Architetti studio, in Palermo, between January and June 2024, and combined the desire to put into practice the knowledge acquired in an academic context with the opportunity to do so in one of the most renowned studios on the Sicilian architectural scene. During the internship, there was a chance to take part in various projects, including visiting works in progress and having direct contact with clients and collaborators.

An exploration of design methodologies led to an analysis of significant works in the studio’s career and, in order to better understand and systematize the information, the projects were categorized into five fundamental themes related to the culture of living and interior design. This analysis favoured primary sources such as interviews and material provided by the studio, as well as secondary sources, including books and articles, namely by authors Peter Zumthor and Herman Hertzberger.

Interior Design, Architecture, Ruffinoassociati, Mediterranean, Methodologies

Il presente documento, intitolato “Ruffinoassociati Architetti: Um olhar sobre as práticas de projeto”, è una relazione di stage redatta in fase di completamento del Master in Design, con specializzazione in Design di Interni, presso ESAD - Escola Superior de Artes e Design, a Matosinhos.

Lo stage è stato svolto presso lo studio Ruffinoassociati Architetti, a Palermo, tra gennaio e giugno 2024, e ha unito il desiderio di mettere in pratica le conoscenze acquisite in ambito accademico con l’opportunità di farlo in uno degli studi più rinomati del panorama architettonico siciliano. Durante lo stage è stato possibile partecipare a diversi progetti, visitando anche lavori in corso e avendo contatti diretti con clienti e collaboratori.

Dato l’interesse ad approfondire le metodologie progettuali, sono stati analizzati alcuni dei lavori più importanti della carriera dello studio e, per meglio comprendere e sistematizzare le informazioni, i progetti sono stati suddivisi in cinque temi fondamentali della cultura dell’abitare e dell’interior design. L’analisi ha privilegiato fonti primarie, come interviste e materiale fornito dallo studio, e secondarie, come la lettura di libri e articoli, tra cui spiccano gli autori Peter Zumthor e Herman Hertzberger.

Riassunto e parole chiave

Agradecimentos

Estas palavras são dirigidas a todas as pessoas que, de algum modo, influenciaram o meu percurso e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Em primeiro lugar, gostaria de expressar o meu profundo agradecimento à minha orientadora, professora Maria Milano, pela oportunidade de participar nesta experiência, pela ajuda na elaboração deste relatório de estágio e por todos os ensinamentos que me transmitiu ao longo destes anos. Estendo também os meus sinceros agradecimentos aos meus coorientadores, professora Ana Duque e arquiteto Fabrizio Ruffino, pelo constante acompanhamento e apoio no desenvolvimento desta tese.

Agradeço, em especial, a todos os elementos do estúdio Ruffinoassociati, que me receberam de braços abertos e, desde o primeiro dia, me fizeram sentir em casa. Graças a vocês, a minha experiência de Erasmus foi incrível, repleta de bons momentos, lúdicos e de aprendizagem.

Agradeço também aos meus pais e à minha irmã por tornarem tudo isto possível. Obrigado pelo apoio incondicional e encorajamento constante, fundamental para estes meses longe de casa.

Agradeço à Sofia que acompanhou toda esta jornada, sempre presente com as suas palavras de apoio e motivação. Agradeço especialmente o último mês que passou comigo em Palermo, que foi, sem dúvida, a melhor forma de terminar este ciclo.

Agradeço ao Carlos por se ter juntado a mim nesta aventura, na qual partilhámos a nossa primeira experiência de trabalho e momentos inesquecíveis durante as nossas viagens pela Sicília.

Por fim, deixo uma palavra de agradecimento a todos os meus amigos. Agradeço a quem me foi visitar a Palermo para matar saudades e àqueles que, mesmo estando longe, sempre me fizeram sentir próximo. Realço um especial agradecimento à Carla, à Beatrice e ao Jorge, pelo apoio nas revisões e traduções, fundamentais para a elaboração este relatório de estágio.

Introdução	13	Índice
Capítulo 1. Relatório de estágio	19	
Capítulo 2. Ruffinoassociati Architetti		
2.1. A história do estúdio	37	
2.2. A identidade do estúdio	45	
2.3. Cronologia de projetos	52	
Capítulo 3. Obra: Uma seleção temática	57	
3.1. A relação com o mediterrâneo e o respeito pela pré-existência	63	
Benetton (Palazzo Gran Cancelliere)	68	
Villa Sztejnberg	74	
Casa dell'Ulivo	78	
3.2. Iluminação natural e iluminação artificial	85	
Cantina Cusumano	90	
Ville Mallo	96	
Dimora Cusumano	100	
3.3. A materialidade do espaço	107	
Cantina Alta Mora	112	
Dimora Cala del Pozzo	116	
Casa Fiorito	120	
3.4. A relação entre o interior e o exterior	127	
Dimora Cottanera	132	
Camparia	136	
Villa Faraglioni	142	
3.5. A ligação do espaço com os objetos que o preenchem	149	
Casa Sorrentino	154	
Loft Aiello	158	
Casa Leone	162	
Considerações finais	167	
Referências Bibliográficas	171	
Lista de Imagens	177	
Anexos		
I. Entrevistas	191	
II. Memórias descritivas dos projetos	211	

Com a finalidade de conclusão e atribuição do grau de mestre, no contexto do Mestrado em Design - especialização em Design Interiores -, na Escola Superior de Artes e Design (Matosinhos), foi realizado um estágio curricular e, conseqüentemente, a redação de um relatório que obedece ao artigo 20º do Decreto-Lei nº 74/2006 de 7 de agosto. O documento corresponde ao trabalho realizado no âmbito do estágio curricular, levado a cabo numa entidade empresarial, cujo tema incide sobre uma área científica do Mestrado em Design de Interiores.

Este relatório de estágio tem como objeto de estudo o atelier Ruffinoassociati Architetti e como objetivo aprofundar as suas metodologias de projeto, através de uma seleção temática, baseada na análise de alguns dos projetos mais emblemáticos da sua história. Esta análise permite a sistematização dos projetos do estúdio e cria bases para o desenvolvimento de um corpo teórico, que servirá para a elaboração de uma futura monografia sobre o Ruffinoassociati. Situado em Palermo, o estúdio é amplamente reconhecido no panorama arquitetónico siciliano, o que motivou a realização deste estágio através do programa Erasmus+. Esta dinâmica permite dar continuidade à aprendizagem dentro da área do design, complementada com experiência de viver fora do país, expandindo o horizonte cultural através do contacto com outras pessoas e culturas.

O estágio teve a duração de cinco meses, nos quais existiu uma participação ativa nas diversas fases de projeto, incluindo a parte criativa e as reuniões da equipa sobre os projetos. A maior parte do tempo foi dedicada ao trabalho no estúdio; contudo, realizaram-se diversas visitas aos projetos para acompanhar de perto as obras em progresso, assim como alguns trabalhos já concluídos, que são analisados mais adiante neste relatório de estágio.

A participação nos vários projetos, em fases distintas, não permite que um deles seja nomeado como o mais importante neste percurso, até porque, em cinco meses, seria muito difícil conseguir acompanhar um projeto do princípio ao fim. Ainda assim, esta experiência permitiu perceber que Ruffinoassociati é um estúdio que sempre se identificou com os valores de uma arquitetura versátil e inovadora, em que os seus projetos são desenvolvidos à medida de cada cliente.

O estúdio rege-se por três princípios: conhecer, trabalhar e preservar, algo fundamental numa região onde a maior parte da atividade arquitetónica é a de reabilitação.

Este documento está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo destina-se ao relatório de estágio, onde é descrita a atividade no estúdio e os projetos nos quais houve colaboração. O segundo capítulo aborda a história e identidade do estúdio, desde a sua fundação até aos tempos atuais. Por fim, no terceiro capítulo procurou-se aprofundar os conhecimentos acerca das metodologias de projeto, baseando-me na análise de cinco temas e utilizando como exemplo alguns dos projetos mais importantes desenvolvidos pelo estúdio.

Os projetos foram selecionados em parceria com os membros do estúdio que, durante o estágio, disponibilizaram todo o material sobre os mesmos, como desenhos técnicos, fotos e textos descritivos para facilitar a análise, que foi concluída já depois do regresso a Portugal. Através disto, foi possível analisar e refletir sobre a importância do design de interiores e sobre a forma como o estúdio o relaciona com a arquitetura.

Para a realização deste relatório de estágio, houve acesso a fontes primárias, como, por exemplo, entrevistas aos projetistas, observação do dia a dia no estúdio, visitas a alguns dos projetos que foram analisados e a ajuda dos responsáveis do estúdio para a seleção dos projetos. Como fontes secundárias, referencia-se a bibliografia elencada, composta por livros e artigos que acrescentam outros conhecimentos e pontos de vista aos conteúdos desenvolvidos, dos quais se destacam o livro “Atmosferas”, de Peter Zumthor, fundamental para uma melhor compreensão da luz e dos materiais, e o livro “Lições de Arquitetura”, de Herman Hertzberger, essencial para um entendimento mais aprofundado sobre a relação entre o interior e o exterior, a relação com os objetos e os incentivos à habitação de um espaço.

O estúdio Ruffinoassociati já conta com diversas publicações e artigos em várias revistas, das quais *iQArch*, *Be SicilyMag* e *I love sicilia*, e em livros como *Architettura contemporanea in Sicilia*, de Maurizio Oddo, e *Cantine da Collezione*, de Luca Molinari. Para além disso, também existe um relatório de estágio realizado neste mesmo estúdio, da autoria de Sofia Lemos.

Apesar do estúdio já ter o seu trabalho publicado de várias formas, todas elas são focadas em apenas alguns dos projetos. Nesse sentido, este documento pretende compilar essa informação, realçando o trabalho desenvolvido de forma mais abrangente.

Esta investigação é importante para criar um corpo teórico relativo à cultura dos interiores e à relação entre a arquitetura e o design de interiores. O confronto com a realidade de outro país, no que diz respeito a este tema, também contribui com um ponto de vista diferente sobre o design em Portugal.

1. Relatório de Estágio

1. Relatório de Estágio

O estágio teve a duração de cinco meses, tendo iniciado a atividade a 15 de janeiro de 2024. Logo no primeiro dia, deu-se início ao trabalho no projeto “Mugavero”, começando pela elaboração de alguns desenhos técnicos de detalhe, que serviram também como uma espécie de diagnóstico.

Pouco tempo depois, iniciou-se a aprendizagem de modelação em SketchUp, o programa utilizado pelo estúdio, que levou à exploração de um novo programa: “Enscape”. Este programa, até então não utilizado no estúdio, despertava alguma curiosidade. Assim, começou uma aprendizagem autónoma sobre o seu funcionamento, recorrendo a tutoriais e à exploração do *software* por iniciativa própria. Este processo decorreu de forma bastante satisfatória e acabou por moldar significativamente a experiência do estágio.

O projeto “Mugavero” acompanhou este processo de aprendizagem, tanto na modelação como nas visualizações 3D, contribuindo para o desenvolvimento de um dos seus quartos. Mais tarde, no final de abril, o mesmo projeto foi novamente proposto, com o objetivo de desenvolver outros espaços, já com uma experiência mais consolidada.



Fig. 1, 2, 3 e 4.
Visualização 3D do projeto “Mugavero”.
Imagem produzida pelo autor.





Outro projeto que acompanhou grande parte do percurso no estúdio foi o “Terrasini”, que se estendeu desde o início de fevereiro até maio. Embora a participação na fase criativa tenha sido menor, houve um acompanhamento próximo das várias alterações feitas ao longo do processo. Ficou sob responsabilidade do autor a fase final de cada etapa, onde foram aplicados materiais, texturas, iluminação, enquadramento e outros elementos necessários para a renderização e criação de vídeos.

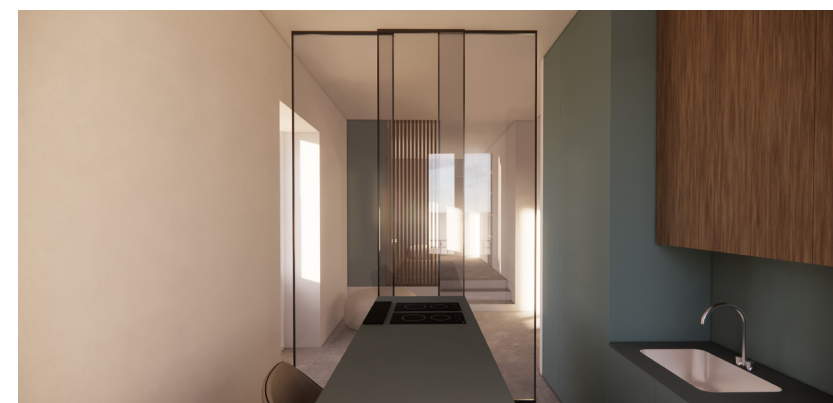
Fig. 5 e 6.
Visualização 3D do projeto “Terrasini”.
Imagem produzida pelo autor.



No início de fevereiro, iniciou-se a participação num dos projetos mais marcantes do estágio, onde se participou ativamente no processo criativo: o projeto “Ciaccio.” Trata-se de uma obra de restauro de um edifício histórico localizado junto à costa, no centro de Palermo. O projeto foi acompanhado até ao final de maio e exigiu elevada dedicação e atenção, sendo um dos mais significativos ao longo do estágio.



Fig. 7, 8, 9 e 10.
Visualização 3D do projeto “Ciaccio”.
Imagem produzida pelo autor.





Em meados de fevereiro, começaram os projetos “Fundarò” e “Davì”. O primeiro, um edifício de escritórios, já contava com uma base modelada, embora incompleta, que foi finalizada e preparada para todo o processo de *rendering*. Foi neste projeto que se realizou o primeiro vídeo com o programa “Enscape” e se desenvolveu grande parte do processo de aprendizagem sobre a sua utilização. O projeto “Davì”, por outro lado, é uma moradia onde se trabalhou principalmente na projeção exterior do edifício, concluindo a modelação de várias propostas e a produção de *renders* e vídeo. Houve ainda a oportunidade de participar na reunião com o cliente para apresentação do projeto.

Fig. 11 e 12.
Visualização 3D do
projeto “Fundarò”.
Imagem produzida pelo
autor.



Fig. 13 e 14.
Visualização 3D do
projeto “Davì”. Imagem
produzida pelo autor.



No início de março, iniciou-se um novo projeto: “Gaglio Fara”. Neste caso, a intervenção está centrada no restauro de uma ampla varanda. A participação incluiu o levantamento métrico do espaço, seguido pela modelação virtual e renderização de possíveis soluções, além de ajustes e alterações subsequentes conforme as necessidades do projeto.



Fig. 15, 16 e 17.
Visualização 3D do
projeto “Gaglio Fara”.
Imagem produzida pelo
autor.



Nesta altura, aproximava-se a *Vinitaly 2024*, uma feira internacional de vinhos em Itália, na qual o estúdio ficou, mais uma vez, responsável pelo *stand* da empresa Cusumano. O *stand* do ano anterior foi aproveitado quase na sua totalidade, com pequenas alterações que visavam promover as novas edições dos seus produtos. Aqui, executaram-se essas alterações e sucessivas melhorias até ao resultado final, através da modelação e *rendering*.

Fig. 18 e 19.
Visualização 3D do projeto “Cusumano Vinitaly 2024”. Imagem produzida pelo autor.



O projeto “Lo Giudice” iniciou-se a meio de março e foi acompanhado durante um mês. Para este projeto foram dedicadas muitas horas, participando ativamente na fase criativa, com foco principal no desenvolvimento do exterior. Ao longo do processo, foram geradas diversas soluções, resultando na produção de mais de 180 renders.



Fig. 20, 21, 22, 23 e 24.
Visualização 3D do projeto “Lo Giudice”. Imagem produzida pelo autor.



No final do mês, houve colaboração no projeto “Pistoia”, que começou com a criação de modelos 3D e, posteriormente, incluiu a visita ao espaço físico. Durante a visita, identificou-se um problema relacionado com a escada, tendo participado na sua resolução, propondo várias soluções. Mais tarde, já em fins de maio, foi desenvolvido ao detalhe o mobiliário da cozinha, com base em três versões distintas.



Fig. 25, 26, 27 e 28.
Visualização 3D do projeto “Pistoia”. Imagem produzida pelo autor.

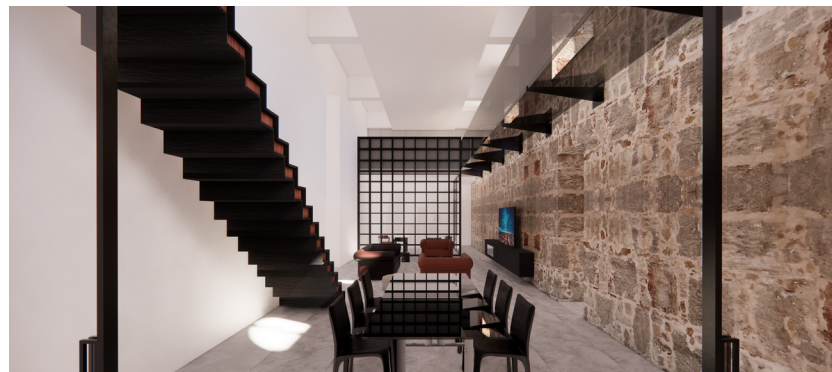


Em meados de abril, foi proposta a intervenção no projeto “Alta-villa”, com trabalho focado principalmente no interior, envolvendo a finalização da modelação e a produção de renders e vídeo correspondente. No final do projeto, com algum tempo livre, foi possível realizar alguns testes de luz artificial. Na última quinzena de abril, houve colaboração no projeto “Crisafulli”, com o trabalho centrado na modelação de uma varanda e no desenvolvimento de renders e vídeo para essa área.

Fig. 29 e 30.
Visualização 3D do
projeto “Altavilla”.
Imagem produzida pelo
autor.



Fig. 31 e 32.
Visualização 3D do
projeto “Crisafulli”.
Imagem produzida pelo
autor.



Entre o final de maio e o início de junho participou-se no projeto “Ficuzza”, que já estava modelado e apenas foi feito o tratamento do mesmo, para a visualização 3D. Este, assim como o projeto “Gitto”, em fevereiro, envolveu uma participação mais reduzida, produzindo os renders e, neste último caso, um vídeo.



Fig. 33.
Visualização 3D do
projeto “Ficuzza”.
Imagem produzida pelo
autor.

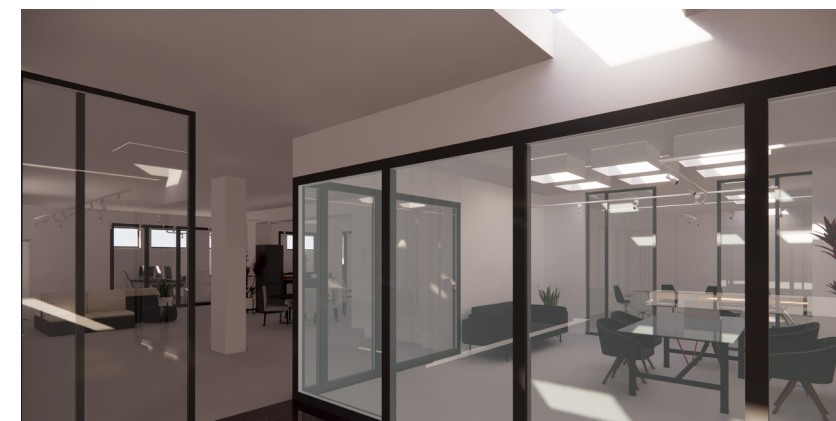


Fig. 34.
Visualização 3D do
projeto “Gitto”. Imagem
produzida pelo autor.

Além destes, houve envolvimento em outros projetos, como o “Luca”, que consistiu no design de um cabeleireiro, com colaboração nos desenhos técnicos e no processo criativo. No projeto “Via Sellerio”, foi realizada a limpeza e transcrição da planta original para o AutoCAD. No projeto “Saraceno”, efetuou-se a modelação de todos os volumes dos edifícios ao redor do terreno, onde posteriormente seria feita a intervenção. No projeto “Via Michele Titone”, foi realizada a passagem para o 3D e iniciada a modelação da base. Entre estes, houve muitos outros projetos com uma participação breve, mas sempre com o objetivo de contribuir para o estúdio e de ser uma mais-valia para a equipa.

A par do trabalho no estúdio, o estágio incluiu diversas atividades complementares, como visitas a *showrooms*, contacto e visitas a fornecedores e colaboradores de outras áreas e visitas a vários projetos, alguns deles em andamento e outros já finalizados, incluindo alguns dos projetos analisados neste relatório de estágio.

Fig. 35.

Visita ao projeto em curso “Camparia”. Fotografia tirada pelo autor.



Fig. 36.

Visita ao projeto em curso “Dimora Cottanera”. Fotografia tirada pelo autor.



A experiência no estúdio revelou-se bastante intensa, com participação em várias fases de inúmeros projetos. Embora o foco tenha sido maioritariamente no trabalho em 3D, houve envolvimento em várias outras áreas, o que favoreceu a aprendizagem no global. Na fase final do estágio, foi realizada uma gestão eficiente do tempo, permitindo a organização do material necessário para o relatório e para entrevistas. Além disso, as visitas a diversos projetos proporcionaram uma compreensão mais profunda do impacto do trabalho do estúdio e permitiram uma análise mais detalhada e rigorosa no relatório.



Fig. 37.
Visita, com clientes, aos fornecedores “Lo Bianco Marmi”. Fotografia tirada pelo autor.



Fig. 38.
Acompanhamento do mobiliário produzido pelos colaboradores. Fotografia tirada pelo autor.



Fig. 39.
Visita a um showroom para apresentação de novos produtos. Fotografia tirada pelo autor.

2. Ruffinoassociati Architetti

2.1. A história do estúdio

2.1. A história do estúdio

Em 1999, Fabrizio Ruffino terminava o curso de arquitetura quando se uniu a Manfredi Leone, seu colega na *Università degli Studi di Palermo*, para criar o estúdio de arquitetura, inicialmente chamado de ArchiMedia.

“Para dizer a verdade, comecei com alguns estudos de economia; na verdade, depois do instituto técnico comercial fiz dois anos de economia e comércio. Nessa altura, apercebi-me que a minha paixão era a arquitetura, por isso, desisti completamente dos estudos de economia e inscrevi-me em arquitetura. Entre outras coisas, sem uma educação clássica, onde, digamos, se pode construir sobre tudo o que fizemos no passado, incluindo o desenho. Foi por isso que comecei a estudar desenho, fui fazer um curso de desenho na Academia Beneditina aqui em Palermo, por isso, se tiver de responder o que me levou a tornar-me arquiteto, foi a paixão. Para ser exato, a minha paixão era o design industrial, por isso, falei com a professora de design industrial da faculdade de Palermo, na altura a professora Fundarò, mas, como na altura o design industrial não estava definitivamente maduro na Sicília, ela aconselhou-me a fazer primeiro arquitetura e depois a especializar-me em design industrial.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[1]



Fig. 40. Arquiteto Fabrizio Ruffino, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.

¹ Retirado e traduzido da entrevista a Fabrizio Ruffino, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati, realizada em setembro de 2024.

Manfredi trouxe o terceiro sócio, Silvio Calandra, que, para além de todo o seu conhecimento, tinha também experiência em design gráfico e, portanto, completava o panorama necessário do estúdio.

“Tudo começou com a minha curiosidade incessante. Desde criança, fiquei constantemente espantado com a extraordinária capacidade de construção do ser humano, observava com admiração estruturas como túneis, pontes, casas, igrejas e sobretudo grandes fábricas ou edifícios industriais: creio que foi daí que nasceu a minha paixão pela arte e pela arquitetura, embora só muito mais tarde tenha associado estas disciplinas. A minha formação não teve nada a ver com a arquitetura e muito menos com a arte. Inicialmente, estudei num liceu técnico, estava fascinado pelos computadores e por toda a nova tecnologia que estava a surgir. Mas a minha curiosidade levou-me a descobrir um mundo diferente através de um professor de desenho técnico que me fez desenhar pela primeira vez o templo do Partenon, em Atenas. Ao mesmo tempo, estava a ser lançado o filme “Blade Runner” de Ridley Scott. A cidade estava perpetuamente envolta em nevoeiro produzido pela poluição, que ofuscava o sol e produzia chuva contínua. As ruas, sujas pela chuva, estavam cheias de veículos e pessoas de todas as etnias. Apercebi-me, então que aquilo que mais me fascinava em criança podia tornar-se um caminho, uma viagem que me levaria, talvez um dia, a realizar as obras que me fascinavam em criança. Arranha-céus modernos e indústrias a erguerem-se ao lado de edifícios mais antigos, na sua maioria em ruínas e adaptados às “novas tecnologias” através de tubagens nas fachadas exteriores, era isto que eu tinha dentro de mim e que queria trazer para fora.” (Silvio Calandra, 2024) ^[2]

Fig. 41.
Arquiteto Silvio Calandra,
sócio fundador do estúdio
Ruffinoassociati. Foto
fornecida pelo estúdio.



² Retirado e traduzido da entrevista a Silvio Calandra, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati, realizada em junho de 2024.

Mais tarde, em 2005, Manfredi Leone passou a dedicar-se a tempo inteiro à universidade e acabou por sair do estúdio, uma vez que não podia dedicar-lhe mais do seu tempo. Aqui, o estúdio transfere-se para a sede atual, mudando também de nome para Ruffinoassociati. Em 2010, Gioacchino Munna entra para o estúdio logo após terminar o curso, e mais tarde em 2017, torna-se sócio da Ruffinoassociati.

“Formei-me na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Palermo em 2010; durante os anos universitários trabalhei num escritório de arquitetura especializado em grandes estruturas e paisagismo e, logo após a licenciatura, conheci a Ruffinoassociati, inicialmente para uma colaboração em projectos e depois para uma colaboração permanente que me levou, ao longo dos anos, a tornar-me sócio do estúdio juntamente com o Fabrizio e o Silvio. A minha paixão pela arquitetura começou quando era criança, o meu pai também é arquiteto e comecei a frequentar o seu estúdio em criança, onde os primeiros computadores e impressoras representavam algo de mágico e espantoso aos meus olhos, uma paixão que cultivei ao longo dos anos, à medida que fui crescendo.” (Gioacchino Munna, 2024) ^[3]



Fig. 42.
Arquiteto Gioacchino
Munna, sócio do estúdio
Ruffinoassociati. Foto
fornecida pelo estúdio.

³ Retirado e traduzido da entrevista a Gioacchino Munna, sócio do estúdio Ruffinoassociati, realizada em junho de 2024.

Fig. 43, 44 e 45.
Interior do estúdio
Ruffinoassociati. Foto
fornecida pelo estúdio.



Fig. 46 e 47.
Exterior do estúdio
Ruffinoassociati. Foto
fornecida pelo estúdio.



Fig. 48.
Silvio Calandra, Fabrizio
Ruffino e Gioacchino
Munna, atuais sócios do
estúdio Ruffinoassociati.
Foto fornecida pelo
estúdio.

2.2. A identidade do estúdio

Ruffinoassociati Architetti é um estúdio que visa concretizar a visão comum de arquitetura dos seus três sócios: Fabrizio Ruffino, Silvio Calandra e Gioacchino Munna. Esta visão está alicerçada num sistema cultural de valores, que a equipa procura constantemente investigar, desenvolver e partilhar, com o intuito de criar soluções arquitetónicas inovadoras e colaborativas.

Atualmente situado num edifício no bairro do Monte Pellegrino, em Palermo, a missão deste estúdio passa por trabalhar incessantemente na satisfação das expectativas do cliente, investindo a máxima atenção ao detalhe e cultivando a ideia de uma arquitetura versátil, fazendo com que o seu produto seja objeto de estudo, admiração e curiosidade.

2.2. A identidade do estúdio



Fig. 49.
Vista do estúdio para o Monte Pellegrino e Castello Utveglio. Foto fornecida pelo estúdio.

O estúdio rege-se por uma filosofia de arquitetura à medida, adaptando-se às necessidades e preferências dos clientes, mas também respeitando a pré-existência e as suas características tipológicas. Assim, o projeto parte da análise do território e das

suas necessidades, sempre acompanhado por uma abordagem criativa que possibilita o desenvolvimento de soluções inovadoras. No desenrolar do projeto, o estúdio atribui especial destaque a dois elementos: a luz e os materiais. A luz representa provavelmente um dos temas de maior estudo e dedicação, sempre com o objetivo de proporcionar ao espaço a conexão mais harmoniosa possível entre a luz natural e a luz artificial. Os materiais são também elemento de destaque, utilizando frequentemente materiais locais, mais sustentáveis, que conhecem, trabalham e preservam, garantido uma relação especial entre eles, transversal a todos os seus projetos.

Fig. 50.
Ristorante Bye Bye Blues ^[4]. Foto de Fabio Gambina.

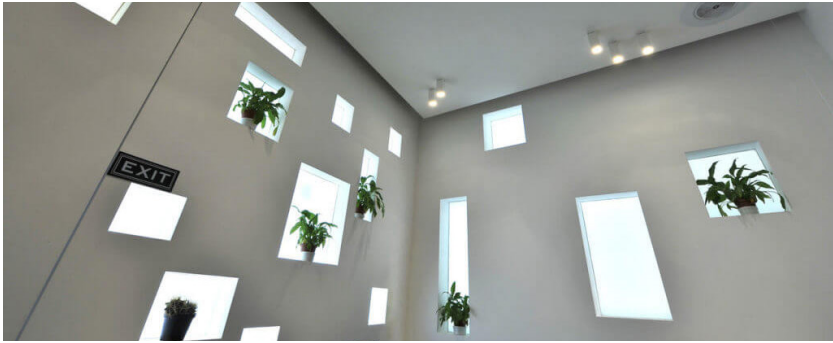


Fig. 51.
Cantina Alta Mora ^[5]. Foto fornecida pelo estúdio.



Por fim, o estúdio reconhece também a influência da arquitetura portuguesa no seu trabalho, devido ao facto de Fabrizio e Silvio terem passado um ano da sua formação em Portugal através do programa Erasmus+, surgindo, assim, referências como Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura. Para além disso, os seus sócios referiram em entrevista outros nomes importantes da arquitetura como Mies Van der Rohe, Frank Lloyd Wright, Louis Kahn, Tadao Ando, Aldo Rossi, Mario Botta, Philip Johnson, Peter Eisenman e Francesco Dal Co.

⁴ Ristorante Bye Bye Blues, um projeto onde a iluminação é um elemento de destaque.

⁵ Cantina Alta Mora, um projeto onde a materialidade tem um papel preponderante.

A maioria dos projetos realizados está localizada na Sicília, tal como o estúdio, e muitos deles são trabalhos de reabilitação. Isso deve-se ao facto de, no passado, ter havido um excesso de construção no território siciliano, o que hoje resulta numa diminuição de novas construções e numa maior prevalência de projetos de recuperação da arquitetura antiga. Em qualquer um dos seus projetos, o trabalho em equipa é essencial, permitindo que todos os elementos do estúdio partilhem as suas visões e as discutam entre si, o que contribui para o crescimento e evolução de cada um.



Fig. 52.
Tarde de trabalho no estúdio. Fotografia tirada pelo autor.

Esta dinâmica é ainda mais enriquecedora quando existe uma boa relação entre os membros do estúdio, como é o caso, sendo promovidos almoços diários no estúdio com a equipa, além de outros eventos, fortalecendo as ligações pessoais e criando uma maior conexão entre todos. Além disso, a escolha cuidadosa e a colaboração com profissionais de outras áreas, permitem um maior domínio das diversas vertentes do projeto, melhorando a qualidade do resultado final.

Fig. 53.
Almoço temático no
estúdio. Foto de Sofia
Moinhos.



No fundo, cada projeto é único porque está ligado ao cliente, ao território, às características tipológicas locais e aos materiais, realçando a sua autenticidade.

“É um pouco como um chefe de cozinha, cozinhar em Palermo, cozinhar em Marraquexe ou cozinhar em Paris, ou em Bruxelas, sem trazer ingredientes de casa, mas com ingredientes locais, e para as pessoas locais comerem. “ (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[6]

Com esta abordagem, o estúdio pretende deixar a sua marca dentro da comunidade arquitetónica e, sobretudo, que esta reconheça, de alguma forma, a sua contribuição para o crescimento e evolução da arquitetura. A visão para o futuro é otimista, uma vez que o interesse dos investidores tem crescido, assim como a valorização do território siciliano. Além disso, têm surgido mais trabalhos e clientes de várias partes de Itália, sendo provável que comecem a operar cada vez mais fora da Sicília, devido à rede de contactos construída ao longo deste percurso.

⁶ Retirado e traduzido da entrevista a Fabrizio Ruffino, sócio fundador do Ruffinoassociati, realizada em junho de 2024.



Fig. 54, 55 e 56.
Detalhes do interior do
estúdio Ruffinoassociati.
Foto fornecida pelo
estúdio.

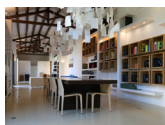


2.3. Cronologia de projetos

2002



Casa dell'Ulivo
Cinisi (PA)



Baglio Cusumano
Partinico (PA)

2006



Cantina Cusumano
Partinico (PA)



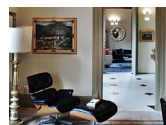
Casa Leone
Palermo (PA)

2009



Casa V

2011



Casa O

2013



Dimora dell'Olivastro

2015

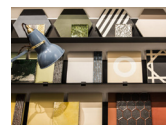


Cantina Alta Mora
Castiglione di Sicilia (CT)



Casa RC

2017



OM
Palermo (PA)

2019



Casa Fiorito
Carini (PA)



Dimora Botteghele
Trapani (TP)

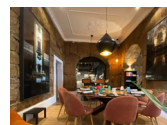
2021



Camparia
Favignana (TP)



Nuova Sede IM*MEDIA
Palermo (PA)



Gagini
Palermo (PA)

2023



Villa Szejnberg
Mondello (PA)



Dimora Cusumano
Linguaglossa (CT)



Rocce Bianche
Favignana (TP)



Tonnino
Alcamo (TP)

2002

2004



Casa C

2007



Loft Aiello
Palermo (PA)

2010



Benetton
Palermo (PA)



Bye Bye Blues
Mondello (PA)



Casa G

2012



Villa C
Trappeto (PA)

2014



Oliveri sa di casa

2016



Villa S



Casa SC



Dimora Cala del Pozzo
Favignana (TP)



Uffici Alta Mora
Castiglione di Sicilia (CT)



Accoglienza Alta Mora
Castiglione di Sicilia (CT)

2018



Villa Faraglion
Scopello (TP)



Boffi Studio

2020



Villa S



Casa D
Palermo (PA)



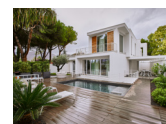
Casa K
Palermo (PA)

2022

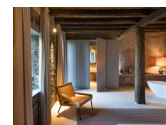


Casa Sorrentino
Palermo (PA)

2024



Ville Mallo
Mondello (PA)



Dimora Cottanera
Castiglione di Sicilia (CT)

3. Obra: Uma seleção temática

3. Obra: Uma seleção temática

Devido ao interesse em aprofundar o conhecimento relativamente às metodologias de projeto, decidiu-se analisar alguns dos trabalhos mais importantes do estúdio onde foi realizado o estágio. Para isso, em colaboração com os responsáveis pelo estúdio, foram selecionados quinze projetos que consideram ser os mais significativos no seu legado.

Embora a maioria dos projetos pudesse ser catalogada em mais do que uma categoria de análise, para uma melhor compreensão e sistematização da informação recolhida, foram identificados cinco temas fundamentais da cultura do habitar e do projeto de interiores com os quais as suas obras se relacionam. Estes temas são:

- A relação com o mediterrâneo e o respeito pela pré-existência; elabora-se uma breve contextualização sobre as principais características da arquitetura mediterrânica e realça-se a importância da preservação da pré-existência nos projetos de restauro.
- Iluminação natural e iluminação artificial; aprecia-se a forma como a luz é trabalhada nestes espaços e como são conciliados estes dois aspetos.
- A materialidade do espaço; explora-se a questão dos materiais e de como eles influenciam sensorial e emocionalmente a experiência do utilizador.
- A relação entre o interior e o exterior; analisa-se a forma como estes interagem, focando-se especialmente no que cada edifício revela e no que escolhe ocultar.
- A ligação do espaço com os objetos que o preenchem; aborda-se, sobretudo, a participação do cliente no projeto através da personalização do espaço.

Os projetos serviram como pretexto para uma reflexão sobre estes temas fundamentais da cultura do habitar e do design de interiores, que foram analisados com base em todo o material recolhido durante o estágio, tal como, fotografias, desenhos técnicos, textos e, em alguns casos, a visita presencial dos espaços.

Os temas foram escolhidos em colaboração com os responsáveis do estúdio, que identificaram as características que melhor refletem a sua identidade e evidenciam o seu trabalho no contexto do design de interiores e da arquitetura. A seleção dos projetos seguiu o mesmo critério, destacando algumas das obras mais significativas ao longo do seu percurso, que ilustram de forma eloquente a abordagem e a filosofia do estúdio em cada um dos temas tratados.

Esta análise foi enriquecida pelo conhecimento adquirido ao longo dos anos de formação, essencialmente na faculdade e na experiência de estágio, mas também pela constante pesquisa e leitura relacionadas com esta área. Neste processo, os livros anteriormente citados, como “Atmosferas”, de Peter Zumthor, e “Lições de Arquitetura”, de Herman Hertzberger, foram fundamentais para melhor compreender temas como a luz, os materiais e a relação do espaço com o seu habitante.

A análise dos projetos do estúdio permitiu aprofundar o conhecimento sobre as metodologias de projeto, e a sua organização por temas contribuiu para sistematizar a informação, a qual poderá ser útil na elaboração de uma monografia sobre o estúdio Ruffinoassociati no futuro.

3.1. A relação com o mediterrâneo e o respeito pela pré-existência

Esta categoria de análise foi identificada considerando a tipologia, o caráter e a localização de um conjunto de projetos do estúdio. A relação com a pré-existência e a relação com o mediterrâneo são considerados num único tema porque, no contexto geral de trabalho do estúdio, cuja incidência é maioritariamente na Sicília, a pré-existência está ligada à arquitetura mediterrânea.

“O que é o Mediterrâneo? Mil e uma coisas ao mesmo tempo. Não uma paisagem, mas inúmeras paisagens. Não um mar, mas uma série de mares. Não uma civilização, mas várias civilizações sobrepostas.” (Fernand Braudel, 1985) ^[7]



3.1. A relação com o mediterrâneo e o respeito pela pré-existência

Fig. 57.
Casa em Baião, de
Eduardo Souto de Moura.

O historiador Fernand Braudel descreve a cultura Mediterrânica como um modelo de adaptação e continuidade, onde práticas tradicionais, como a agricultura e a transumância ^[8], revelam modos de vida milenares. O Mar Mediterrâneo, por sua vez, atua como um elemento unificador, promovendo trocas culturais e económicas.

A Sicília é a maior ilha do Mar Mediterrâneo e situa-se no sul de Itália, estando separada da península pelo estreito de Messina. A sua localização estratégica no Mediterrâneo fez dela um ponto de convergência cultural ao longo de 2.500 anos de história documentada, recebendo influências gregas, romanas, árabes e normandas. A ilha apresenta uma geografia diversificada que reflete a variedade paisagística típica da região, com um clima característico de verões quentes e secos e invernos amenos.

⁷ Braudel, F. (1985). O Mediterrâneo. Lisboa: Editorial Teorema. p. 6.
⁸ Transumância: Passagem periódica de rebanhos da planície para as montanhas e vice-versa.

“Durante seis meses, entregue ao Sara, o Mediterrâneo será o paraíso dos turistas, dos desportos náuticos, das praias superpovoadas, da água azul imóvel e resplandescente. Mas nessa altura os animais e as plantas, a terra seca, vivem na expectativa da chuva. Água tão rara, riqueza entre todas as riquezas! De Abril a Setembro, os ventos predominantes de nordeste, os ventos etésios gregos, não trazem nenhum apaziguamento, nenhuma humidade real para contrapor à fornalha do Sara.

O deserto retira-se quando intervém o oceano. A partir de Outubro as depressões oceânicas, carregadas de humidade, iniciam as suas viagens processionárias de oeste para leste.” (Fernand Braudel, 1985) ^[9]

A vida na Sicília é marcada por uma forte conexão com o mar, que molda a cultura marítima da ilha, influenciando a economia, a culinária e o estilo de vida local.

Fig. 58.
Restauro do Convento
das Bernardas, de
Eduardo Souto de Moura.
Foto de Luís Ferreira
Alves.



Nesse sentido, a arquitetura é adaptada ao clima e destaca-se pela integração de pátios internos e jardins, que proporcionam áreas sombreadas e promovem a vida ao ar livre e convivência em espaços públicos. Estes garantem também ventilação e entrada de luz natural através de amplas janelas e aberturas, estendendo-se às varandas e aos terraços. Outro aspeto fundamental nesta arquitetura é a forte conexão com a natureza, pois é uma arquitetura muito ligada ao solo, visível no uso de cores e texturas naturais, na presença de plantas mediterrâneas na ênfase atribuída à integração de pontos de água. Esses elementos refletem a cultura local através da utilização de materiais naturais e da criação de espaços simples e funcionais.

⁹ Braudel, F. (1985). O Mediterrâneo. Lisboa: Editorial Teorema. p. 17.

Uma vez compreendidas as características da arquitetura mediterrânea, é importante perceber como preservá-la em projetos de restauro, mantendo o valor estético, cultural e patrimonial de cada edifício. Assim, um projeto de restauro resulta de uma estratificação, que procura o respeito pela tradição, mas também dá abertura à inovação, alinhando-se com o conceito de “continuar-inovando”, de Fernando Távora. Este princípio defende que o novo não precisa de ser uma rutura completa com o passado, mas antes uma continuidade, utilizando o passado como matéria-prima essencial para a construção do futuro.



Fig. 59.
Casa no Centro Histórico
de Guimarães, de
Fernando Távora.

Quando questionado em entrevista sobre este tema, o arquiteto Fabrizio Ruffino afirmou que:

“A maior parte dos projetos desenvolvidos pelo estúdio são certamente na Sicília, e são frequentemente renovações, são obras de restauro. As obras são de restauro porque, na Sicília, constrói-se muito pouco hoje em dia, porque no passado construímos um pouco demais, por isso já saturámos as necessidades de construção no território e, portanto, muita arquitetura do passado precisa de ser recuperada, precisa de ser funcionalizada, precisa de ser restaurada.

Infelizmente, isto também é muitas vezes um excesso, talvez devêssemos demolir para reconstruir de vez em quando, e seria também uma solução mais racional, mais fácil, mais económica. Hoje em dia, em Itália, conservamos demasiadas vezes as pedras, mesmo quando essas pedras não têm qualquer história no seu interior.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[10]

O estúdio Ruffinoassociati trabalha predominantemente com obras de reabilitação de origem mediterrânea, sendo o respeito pela sua cultura um princípio fundamental. Durante o estágio, percebeu-se que o estúdio valoriza profundamente o conceito de adaptação e continuidade, que espelha perfeitamente a cultura mediterrânea. Isso é especialmente evidente nos projetos de restauro, mas também se reflete nas suas novas construções, onde procuram, de forma intencional, transmitir os valores históricos e culturais do Mediterrâneo.

Fig. 60.
Restauro do Convento de Santa Maria do Bouro, de Eduardo Souto de Moura.
Foto de Luís Ferreira Alves.



Com o objetivo de exemplificar o processo projetual do estúdio Ruffinoassociati, atento à cultura e ao habitar mediterrânico, efetuou-se uma seleção de projetos onde estes princípios são expressos de forma mais clara:

- Benetton (Palazzo Gran Cancelliere)
- Villa Szejnberg
- Casa dell'Ulivo

¹⁰ Retirado e traduzido da entrevista a Fabrizio Ruffino, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati, realizada em setembro de 2024.



Fig. 61.
Benetton (Palazzo Gran Cancelliere). Foto de Fabio Gambina.



Fig. 62.
Villa Szejnberg.
Fotografia tirada pelo autor.



Fig. 63.
Casa dell'Ulivo.
Fotografia tirada pelo autor.



Benetton (Palazzo Gran Cancelliere)

Data: 2010

Local: Palermo (PA)

Cliente: Benrap

Tipologia de intervenção:

Restauração e reestruturação

Destino:

Centro Empresarial Benetton

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Gioacchino Munna

Construção:

Ruisi Costruzioni

Engenheiros:

Eng. Alfonso Cusumano

Eng. Ivan Torreta

Créditos:

14 Ora Italiana

Alias

Cassina

Daikin

Rimadesio

Viabizzuno

O projeto Benetton é uma obra de restauro no Palazzo Gran Cancelliere, no centro histórico de Palermo, e teve como objetivo a criação de uma sede para o grupo Benetton. O Palazzo Gran Cancelliere é um edifício histórico com séculos de existência, localizado numa área fortemente atingida pelos bombardeamentos de 1943, durante a Segunda Guerra Mundial. Este palácio já foi alvo de várias intervenções de restauro, destacando-se, entre os projetos mais recentes, a proposta de sede do Grupo Benetton em Palermo (atualmente em análise). Hoje, o edifício foi adaptado para o turismo e funciona como um *Bed and Breakfast*.

“Desde o início, o projeto mereceu a atenção do Presidente Luciano Benetton, que eu descobri ter um pedaço do seu coração em Palermo.” (Silvio Calandra) ^[11]

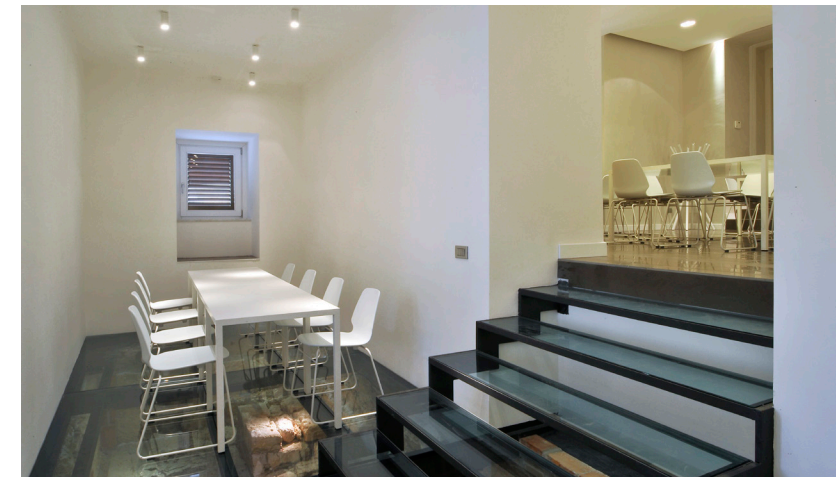


Fig. 64.
Sala de reuniões,
Benetton. Foto de Fabio
Gambina.

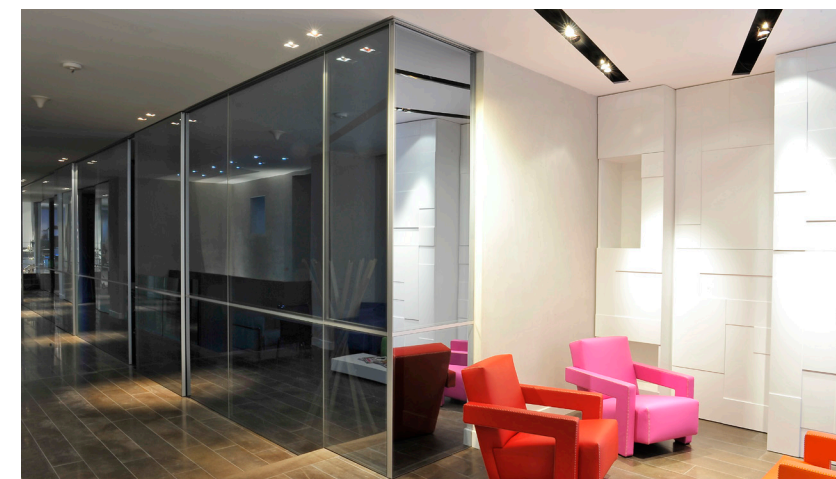


Fig. 65.
Área de recepção,
Benetton. Foto de Fabio
Gambina.

¹¹ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Silvio Calandra.

Fig. 66.
Zona de escritórios,
Benetton. Foto de Fabio
Gambina.

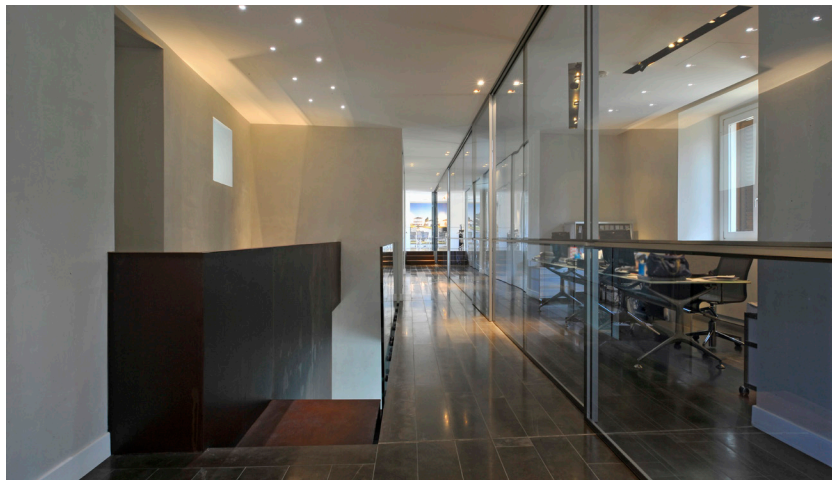


Fig. 67.
Pavimento em vidro
sobre os achados
arqueológicos. Foto de
Fabio Gambina.



Benetton é um projeto onde a relação com o mediterrâneo está muito presente, desde a sua estrutura, que preserva elementos do edifício com centenas de anos, repleto “de achados arqueológicos documentados, desde Palermo púnico ^[12] até aos dias de hoje, passando pelo século XIV e Palermo normando.” (Silvio Calandra). ^[13] Este edifício tem uma área bastante considerável e a ideia era fragmentar o espaço o menos possível, unindo as salas duas a duas, gerando grandes salões. O Palazzo Gran Cancelliere caracteriza-se pelas suas espessas paredes de pedra calcária exposta, que moldam passagens em arco e tetos abobadados. Dispõe também de um pátio interior, um elemento típico deste estilo, assim como os anteriores, que já faziam parte do edifício aquando da intervenção do estúdio Ruffinoassociati. Esta ligação também é evidenciada nos revestimentos, como por exemplo:

¹² Púnico: termo associado a Cartago e à civilização cartaginesa.

¹³ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Silvio Calandra.

“O pavimento de todas as salas mantém o mesmo revestimento, uma pedra cinzenta da bacia mediterrânica, extraída na costa norte-africana e cortada em ripas para uma interpretação mais contemporânea. As paredes também têm um único revestimento, um marmorino de cal cinzento, uma combinação da tradição veneziana e de um marmorino do século XIX com influências do tadelakt ^[14] magrebino.” (Silvio Calandra) ^[15]

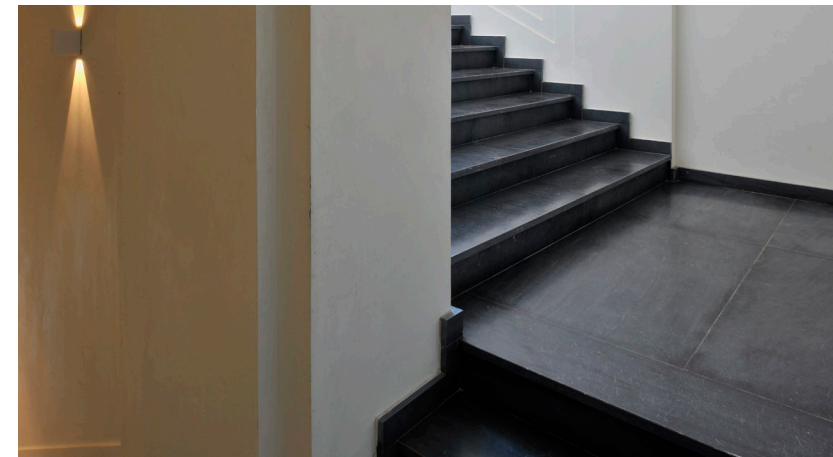


Fig. 68.
Pavimento em pedra
cinzenta da bacia
mediterrânica. Foto de
Fabio Gambina.



Fig. 69.
Escritório com teto
abobadado, original do
edifício. Foto de Fabio
Gambina.

A intervenção neste edifício sempre garantiu um grande respeito pela pré-existência e isso é evidente sobretudo na manutenção das paredes originais de pedra, assim como na fachada. Mas o elemento de maior destaque neste projeto é uma série de achados arqueológicos, sobre os quais foi criado um pavimento com uma estrutura metálica coberta por vidro, mantendo-os visíveis e, sobretudo, destacando-os. Entre estes, vários outros elementos foram preservados do projeto original, como passagens e certas divisões e, principalmente, o exterior, que não foi alterado, apenas foi feita a devida manutenção.

¹⁴ Tadelakt: reboco tradicional marroquino de cal.

¹⁵ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Silvio Calandra.

Fig. 70.
Casa de banho
com pedra calcária
preservada. Foto de
Fabio Gambina.



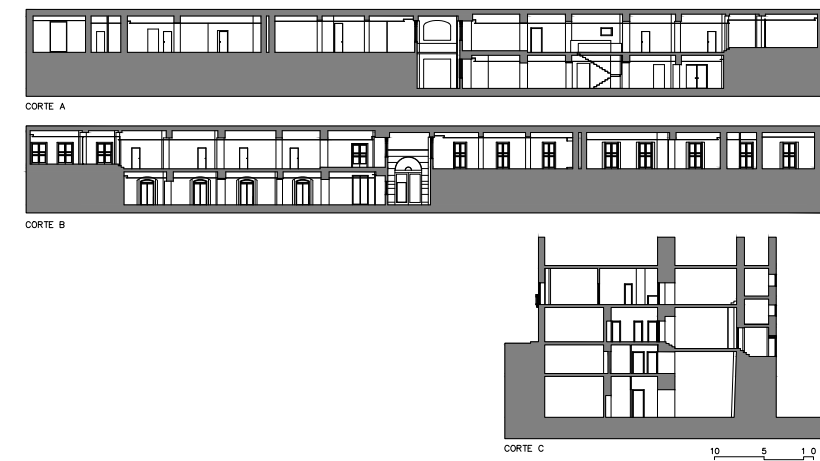
Fig. 71.
Pátio tipicamente
mediterrânico. Foto de
Fabio Gambina.



Fig. 72.
Escritório, Benetton. Foto
de Fabio Gambina.



Fig. 73, 74 e 75.
Desenhos técnicos
de Ruffinoassociati:
Benetton.



De modo geral, este projeto responde ao tema da relação com o Mediterrâneo e do respeito pela pré-existência, pois aborda ambos os tópicos de forma integrada. Essa característica advém do facto de se tratar do restauro de um edifício histórico, mantendo-se a ligação com os elementos arqueológicos presentes no local.



Villa Szejnberg

Data: 2023

Local: Mondello (PA)

Ciente: G. Szejnberg

Tipologia de intervenção:

Nova construção

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Silvio Calandra

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Gioacchino Munna

Denise Patti

Construção:

Costruedil Srl

Engenheiros:

Eng. Domenico D’Arrigo

Eng. Vito Speciale

Créditos:

Arkoslight

Arte viva

Bauline

Culligan

Effegibi

Eugenio Vellati Ebanista

F.LLI Cacioppo SNC

Flou

Fortezza

Foscarini

Gaggenau

Gervasi Lab

Harpo

Iguzzini

Lenid

LID Design

Lo Bianco Marmi

Lombardo

Longho

Molteni

OM

P.M.A. Cost. Metalliche

Parquet e Dintorni

Roda

Samsung Italia

Spazio Bla Bla

Technogym

Verdependibile

Vetriere Minniti

Vibia

Wever & Ducret

Zanet Falegnameria

A Villa Szejnberg situa-se em Mondello, Palermo, e é uma casa que representa as características de uma arquitetura mediterrânea contemporânea. Esta moradia incorpora a essência da Sicília e a sua estrutura espacial está organizada em torno de três pátios, elementos tipicamente mediterrâneos, valorizados pelos muros de pedra local, criando uma forte conexão com o território, tanto pelos materiais empregados, como por uma abordagem profundamente orgânica.

A ligação deste projeto com o mediterrâneo é obtida inicialmente através da organização a partir dos pátios, mas estende-se ao uso de materiais naturais locais como a madeira, bem como aos passadiços e terraços em travertino branco bujardado, que evocam as antigas estradas pavimentadas e poeirentas das ilhas mediterrâneas. A piscina, revestida em pedra de lava, é um elemento de sofisticação que reforça a ligação aos recursos locais. Ainda no exterior, o constante contacto com a natureza criado pelo verde dos jardins, cria uma suave continuidade visual com o Monte Pellegrino.



Fig. 76. Jardim e piscina. Local de convivência ao ar livre. Foto de Maurizio Zambito.



Fig. 77. Sala de estar, Villa Szejnberg. Foto de Maurizio Zambito.

Na arquitetura mediterrânea os edifícios associam-se a volumes emergentes do solo, como se fossem uma extensão do mesmo. No interior, esses volumes possuem arestas arredondadas e texturas suaves e naturais, contribuindo para um ambiente acolhedor e confortável. Nas paredes, os nichos esculpidos reforçam esta ligação ao solo e tornam a atmosfera mais orgânica, acompanhada de uma luz suave que realça os materiais naturais. O pavimento em parquet recuperado imprime um sentido de história e sustentabilidade, enquanto as superfícies uniformes nas casas de banho e na cozinha garantem uma sensação de continuidade e leveza. O mobiliário, desenhado à medida pelo estúdio para este projeto, reforça a harmonia global, integrando-se, de forma perfeita, na estética e na filosofia do projeto.

“Cada pormenor foi concebido para valorizar a relação com a natureza e o contexto local, criando uma residência simultaneamente moderna e profundamente enraizada na tradição da ilha.”
(Silvio Calandra, 2024) ^[16]

Fig. 78.
Pavimento em travertino
branco bujardado. Foto
de Maurizio Zambito.



Fig. 79.
Nichos nas paredes,
característicos de uma
arquitetura ligada ao solo.
Fotografia tirada pelo
autor.



Fig. 80.
Arestas arredondadas,
características de uma
arquitetura ligada ao
solo. Foto de Maurizio
Zambito.

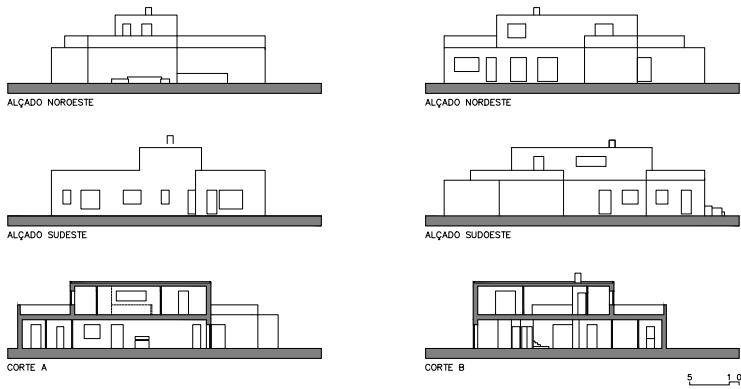
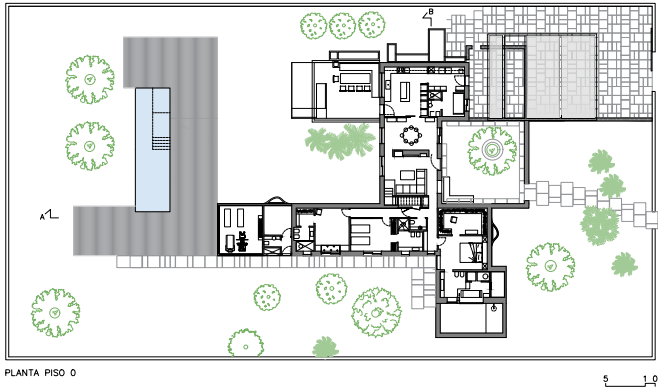


Fig. 81, 82 e 83.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Villa
Szteinberg.

Este projeto tem uma forte relação com o mediterrâneo porque já nasce com inspiração na arquitetura local, embora mais contemporânea. As suas referências evidenciam-se principalmente na planta, onde a organização espacial é trabalhada em função dos pátios, bem como com a criação dos terraços e espaços verdes que conectam com a natureza e proporcionam a convivência e a vida ao ar livre.

¹⁶ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Silvio Calandra.



Casa dell’Ulivo

Data: 2002

Local: Cinisi (PA)

Cliente: A. Ruffino

Tipologia de intervenção:

Nova construção

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Prof. Arq. Manfredi Leone

Construção:

Argusa Srl

Engenheiro:

Eng. Giuseppe Russo

Créditos:

Flamant

Leone Arredi

Longho

“A Casa dell’Ulivo é o primeiro projeto real completo e já engloba todos os princípios que viriam a orientar o meu design ao longo dos anos.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[17]

Também esta casa tem uma forte ligação com a arquitetura mediterrânea. A essência deste projeto está na oliveira, pré-existente, que é o ponto central da casa e também um ponto de partida para o desenvolvimento da planta.

“Tudo isto porque o Mediterrâneo é uma encruzilhada muito antiga. Durante milénios foi um fervilhante ponto de confluência de tudo o que ia enriquecendo a sua história: homens, animais, viaturas, mercadorias, navios, ideias, religiões, profissões. E até mesmo plantas. Julgamos que são mediterrânicas mas, com exceção da oliveira, da vinha e do trigo – originárias de longuíssima data-, quase todas nasceram longe do mar.” (Fernand Braudel, 1985) ^[18]

A oliveira é o elemento central da casa e fica no meio do pátio, espaço típico da arquitetura mediterrânea, que originou toda a organização espacial. Os pátios são muito utilizados nesta zona, porque, para além de convidarem à convivência ao ar livre, trazem ao edifício a entrada de luz natural, melhor circulação do ar e melhores características térmicas. A planta tem a forma de “U”, distribuída com a cozinha e serviços num dos lados, a zona de dormir no outro e, ao centro, a zona de receção, acompanhada da sala de estar, que dá acesso ao alpendre na parte de trás da casa. O terraço, designado pelo arquiteto como “observatório/sala de reflexão”, tem acesso direto pelo pátio e abrange toda a área da casa. Aqui, também se promove a convivência com vista para a deslumbrante paisagem natural envolvente.



Fig. 84.
Alpendre com vista para o mar, Casa dell’Ulivo. Fotografia tirada pelo autor.

¹⁷ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.
¹⁸ Braudel, F. (1985). O Mediterrâneo. Lisboa: Editorial Teorema. p. 6.

Fig. 85.
Cozinha em ilha, Casa
dell'Ulivo. Fotografia
tirada pelo autor.



Fig. 86.
Estante de livros que
molda a passagem para
os quartos. Fotografia
tirada pelo autor.



A ligação ao mediterrâneo estende-se também ao uso de materiais naturais como a cerâmica artesanal, aplicada nos pavimentos e na cobertura, que contrasta com as paredes brancas, caiadas, que ajudam a manter as temperaturas do interior da casa mais baixas, refletindo a luz do sol. No interior e no alpendre também está presente a madeira, principalmente no mobiliário e no chão, atribuindo ao espaço uma maior sensação de conforto e aconchego. Na sala de estar, o elemento de destaque é a grande janela horizontal, que faz um recorte perfeito da paisagem, com o verde das árvores e o azul do mar.

Fig. 87.
Janela horizontal na
sala de estar: recorte
intencional da paisagem.
Fotografia tirada pelo
autor.



Fig. 88.
Terraço habitável:
interação com a
paisagem natural.
Fotografia tirada pelo
autor.

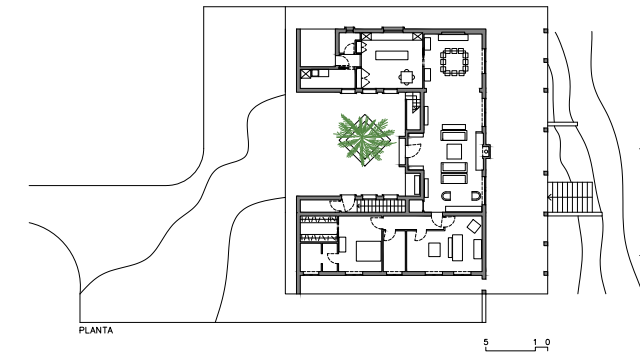
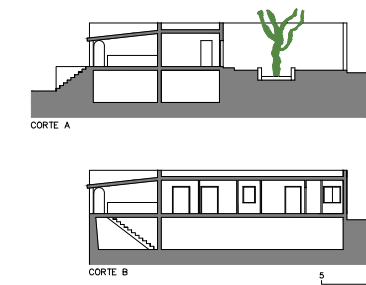


Fig. 89 e 90.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Casa
dell'Ulivo.



Esta moradia foi projetada sobre uma base tipicamente mediterrânica, de modo a criar espaços simples e funcionais que valorizam a convivência ao ar livre e a conexão com a natureza.



Fig. 91.
Oliveira, o elemento
central da casa.
Fotografia tirada pelo
autor.

3.2. Iluminação natural e iluminação artificial

3.2. Iluminação natural e iluminação artificial

Considerada a importância da luz na construção e na vivência do espaço, bem como a importância que o estúdio Ruffinoas-sociati lhe atribui, este foi mais um dos temas escolhidos como parâmetro de análise dos projetos.

”A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz.” (Le Corbusier, 1923) ^[19]

A luz é o elemento mais importante da arquitetura e do design de interiores, pois é através dela que percebemos, vivenciamos e utilizamos os espaços. Esta influencia a percepção das formas, cores e texturas, e pode até transmitir a sensação de um espaço maior ou mais pequeno. Além disso, um bom aproveitamento da luz natural é fundamental para a eficiência energética e sustentabilidade e, por isso, os edifícios são projetados de acordo com a orientação do sol.

“Uma das ideias preferidas é a seguinte: pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como num processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se.” (Peter Zumthor, 2009) ^[20]

A luz natural, proveniente do Sol, entra no espaço através das aberturas previamente projetadas. Esta transmite conforto e bem-estar ao utilizador ao criar uma perfeita harmonia com os materiais, dando ênfase às suas cores e texturas, criando um jogo interessante de sombras e reflexos. Os arquitetos reconhecem a enorme importância da luz natural e trabalham-na de forma a destacá-la nos seus projetos, sendo exemplo disso a Igreja da Luz, de Tadao Ando, a Casa Koshino, também de Tadao Ando e a Piscina das Marés, de Álvaro Siza.

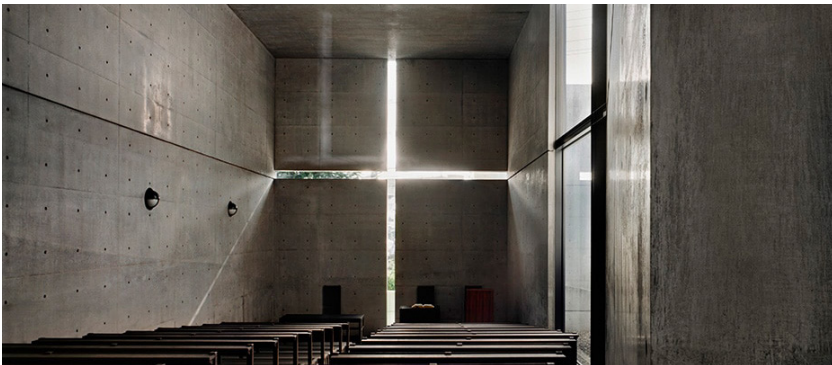


Fig. 92. Igreja da Luz, de Tadao Ando. Foto de Richard Pare.

¹⁹ Le Corbusier. (2000). Por uma arquitetura. São Paulo: Perspectiva. p. 13.
²⁰ Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 61.

Fig. 93 e 94.
Casa Koshino, de Tadao
Ando. Foto de Kazunori
Fujimoto.

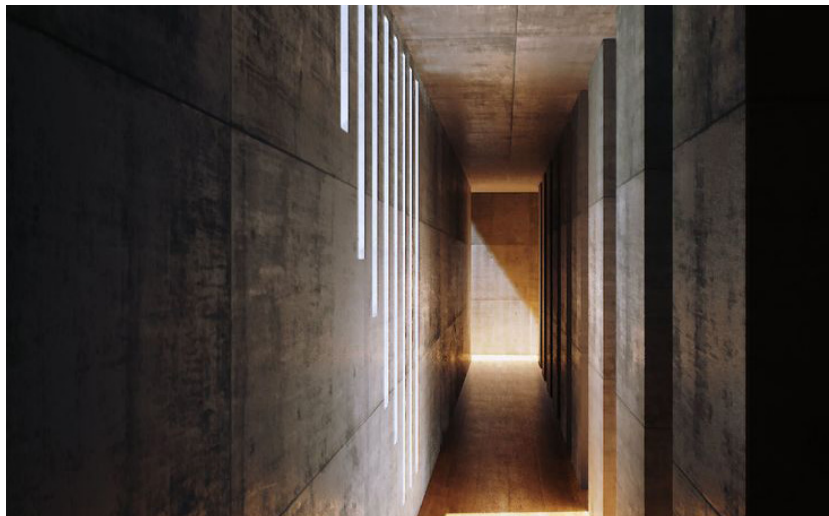


Fig. 95.
Kolumba Museum, de
Peter Zumthor.

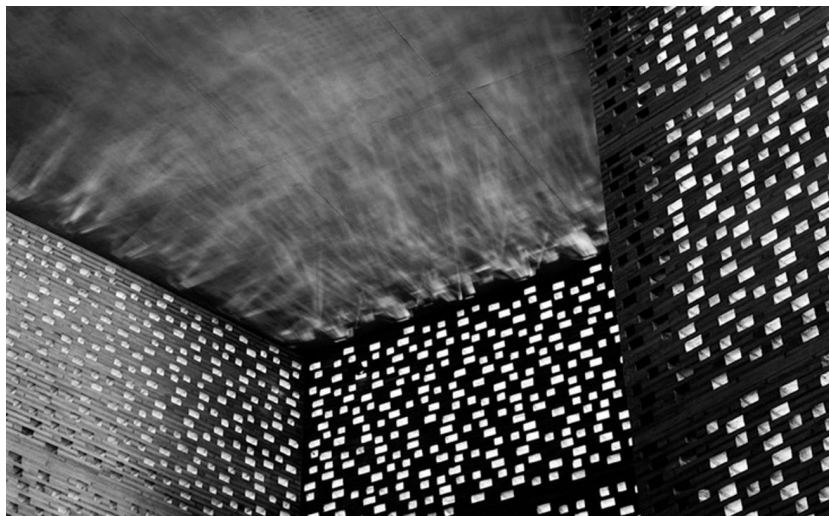
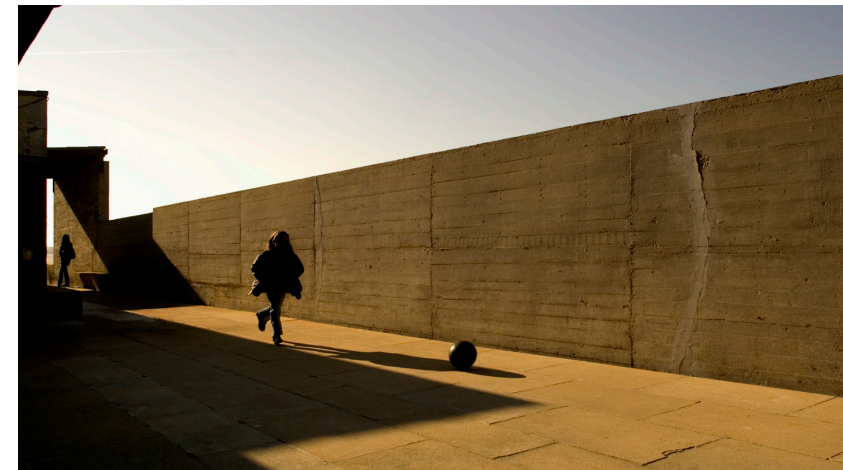
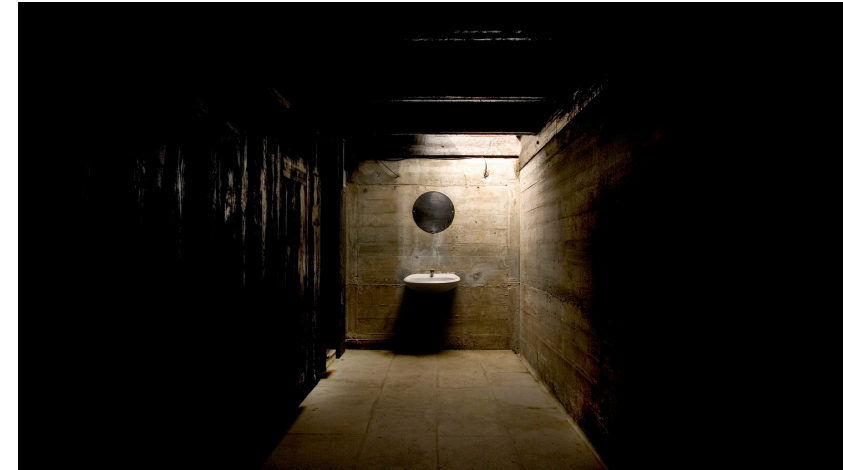


Fig. 96 e 97.
Piscina das Marés, de
Álvaro Siza. Foto de
Fernando Guerra.



“Não percebo esta luz. Tenho a sensação que existe algo maior, que eu não percebo. Estou muito contente, estou imensamente grato que isto exista. E o facto de o arquiteto poder dispor desta luz é mil vezes melhor do que a luz artificial.” (Peter Zumthor, 2009) ^[21]

A luz artificial é também importante, sobretudo à noite e em zonas onde a iluminação natural não é suficiente. Esta não é tão expressiva, mas permite iluminar qualquer coisa a qualquer hora do dia e pode ser facilmente regulável quanto à intensidade e à cor. Isto possibilita a criação de diversos cenários no mesmo espaço ou o seu uso para realçar alguma zona em específico, conseguindo ter o total controlo sobre ela.

O estúdio Ruffinoassociati sempre procurou aprofundar o estudo da luz, sobretudo artificial, e, durante a entrevista realizada, Fabrizio Ruffino foi questionado sobre este tema, apontando:

²¹ Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 63.

“De facto, nos primeiros anos, no final dos anos 90, quando começámos a explorar o mundo da iluminação arquitetónica, juntamente com a Viabizzuno, começámos a descobrir como se podia fazer muita luz com gesso cartonado, com ranhuras, com cortes, com buracos, e fazer desaparecer um pouco o que era o corpo de iluminação, mas trabalhar com a luz, trabalhar com as sombras, e, portanto, foi uma experiência maravilhosa. Hoje em dia, esse efeito foi um pouco reduzido, porque digamos que fomos um pouco longe demais na vontade de esconder o corpo de iluminação, ele não devia estar lá, não devia estar presente de forma alguma. Mas, de vez em quando, a luminária tem de estar lá, faz parte do design, do artefacto, do edifício.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[22]

O essencial para a boa iluminação de um espaço é saber aproveitar o melhor de cada uma delas e utilizá-las de forma a que se complementem, criando uma atmosfera agradável. Além disso, existe ainda outro componente importante neste tema: a sombra. A sombra é um elemento fundamental, sobretudo para a compreensão tridimensional e noção de profundidade do espaço e, o seu uso consciente, pode criar pontos focais, acrescentando expressividade ao espaço e aos objetos nele destacados.

“Alguns poderão dizer que a beleza enganadora criada pela penumbra não é a beleza autêntica. Todavia, [...], nós os Orientais criamos beleza ao fazermos nascer sombras em locais por si mesmos insignificantes.” (Junichiro Tanizaki, 1999) ^[23]

A luz tem um papel fundamental na arquitetura e deve acompanhar os projetos desde início. O estúdio Ruffinoassociati desenvolve frequentemente soluções que integram a luz artificial na arquitetura, que se evidenciam nas suas várias colaborações com a Viabizzuno. Além disso, os projetistas abordam a luz artificial de uma forma mais técnica, estudando a intensidade e a temperatura da fonte luminosa, de forma a perceber como esta se irá adaptar ao espaço.

Com o objetivo de exemplificar o processo projetual do estúdio Ruffinoassociati, atento à iluminação natural e iluminação artificial, efetuou-se uma seleção de projetos onde estes princípios são expressos de forma mais evidente:

- Cantina Cusumano
- Ville Mallo
- Dimora Cusumano

²² Retirado e traduzido da entrevista a Fabrizio Ruffino, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati, realizada em setembro de 2024.

²³ Tanizaki, J. (1999). Elogio da Sombra. Lisboa: Relógio D'Água Editores. p. 47.



Fig. 98.
Cantina Cusumano. Foto de Pietro Savorelli.



Fig. 99.
Ville Mallo. Foto de Eddy Luciano.



Fig. 100.
Dimora Cusumano.
Fotografia tirada pelo autor.



Cantina Cusumano

Data: 2006
Local: Partinico (PA)
Cliente: Soc. Agricola Cusumano Srl

Tipologia de intervenção:
Nova construção

Destino:
Fábrica de produção de vinho

Projetistas responsáveis:
Arq. Fabrizio Ruffino
Arq. Silvio Calandra

Construção:
Billeci Costruzioni

Engenheiros:
Eng. Giuseppe Giambanco
Eng. Ivan Torreta
Eng. Salvatore Maltese
Eng. Sergio Castellana

Paisagista:
Annibale Sicurella

Créditos:
10 Ora Italiana
Alias
Cassina
Cisal
Dalmine Gruppo
Igno Maurer
Mercegaglia
Rimadesio
Siemens
Unifor
Viabizzuno
Wood Design

A Cantina Cusumano, situada em Partinico, Palermo, foi o primeiro grande projeto do estúdio Ruffinoassociati, distinguindo-se tanto pela sua escala, como pelo nível de exigência envolvido. Um projeto desta natureza exigiu um estudo intenso por parte dos projetistas para aprofundar as noções essenciais na criação de um espaço técnico, contando com o apoio do enólogo Mario Ronco e dos irmãos Cusumano, Alberto e Diego, além de visitas a várias outras adegas. Isto permitiu ao estúdio familiarizar-se com os ciclos e fluxos das diferentes fases de produção, garantindo uma melhor otimização do espaço.

“Um projeto feito de materiais, pedras naturais, tipos arquitetônicos resultantes de milênios de diferentes domínios na Sicília, cada um dos quais deixou um vestígio feito de cores, um elemento da paisagem mediterrânica, fundido com luz e sombras.” (Fabrizio Ruffino) ^[24]

Este edifício está dividido essencialmente em três partes. As duas partes mais a sul são inspiradas nas técnicas e no estilo mediterrâneo e acolhem toda a parte do trabalho técnico. Estas diferenciam-se pelo seu telhado de duas águas, inspirado nos armazéns típicos da zona, mas recriado em aço e painéis de madeira. A terceira parte é dedicada aos escritórios e a sua cobertura plana atribui-lhe uma forma mais cúbica, tipicamente árabe, combinando assim, no mesmo conjunto, dois elementos tradicionais da arquitetura do oeste da Sicília.



Fig. 101.
Hall de entrada, Cantina Cusumano. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 102.
Cave de armazenamento do vinho, Cantina Cusumano. Fotografia tirada pelo autor.

²⁴ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.

A Cantina Cusumano é um projeto onde a luz desempenha um papel crucial. O edifício dispõe de várias aberturas para o exterior, assegurando uma abundante iluminação natural. No alçado frontal, as duas secções mais à esquerda possuem um telhado que molda um triângulo, totalmente em vidro, permitindo a entrada de luz natural para a ampla zona técnica. Embora esta área receba luz por outras aberturas, estes dois grandes triângulos são a principal fonte de iluminação. Na secção mais à direita, dedicada aos escritórios, também existem amplas aberturas que procuram maximizar a luz natural. Destaca-se uma imponente janela horizontal, ao nível do solo, acompanhada por um espelho de água que reflete e amplifica a luz solar, criando, em alguns momentos, efeitos dinâmicos através do movimento da água, o que confere ao espaço uma sensação de maior fluidez. Ainda nos escritórios, mas do lado oposto, as janelas integram-se também como elemento decorativo, interagindo com as prateleiras assimetricamente desenhadas.

Fig. 103.
Entrada abundante de luz
natural nos escritórios.
Foto de Pietro Savorelli.

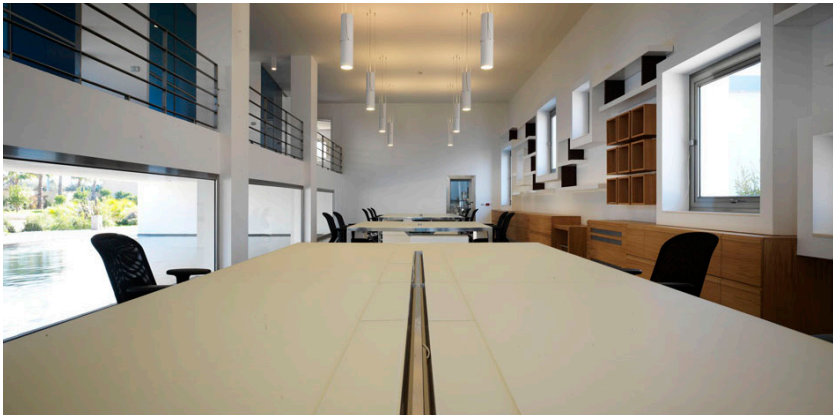
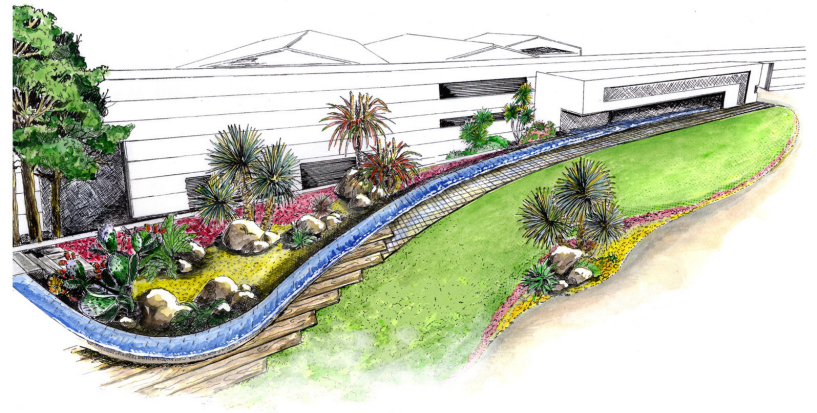


Fig. 104.
Zona de produção
de vinho, Cantina
Cusumano. Foto de
Pietro Savorelli.



Fig. 105, 106 e 107.
Desenhos à mão da
Cantina Cusumano, de
Ruffinoassociati.

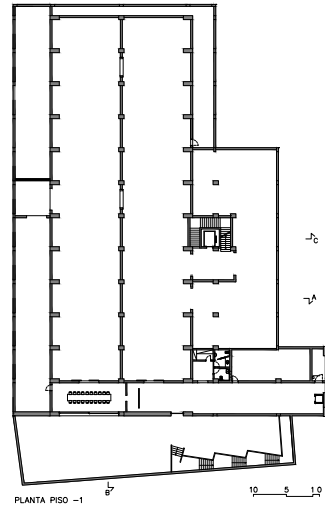
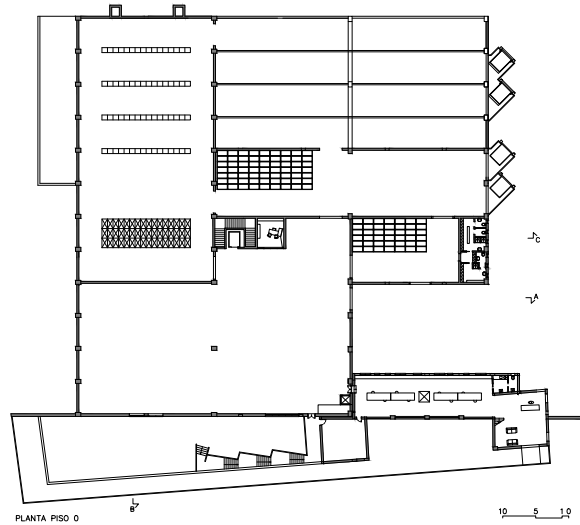


A iluminação artificial foi aprofundada em conjunto com a equipa da Viabizzuno, “empresa que melhor exprime o conceito de luz aderente ao projeto, não feito de luminárias e candeeiros, mas onde a essência é a própria luz, onde a sombra tem igual dignidade com a luz, numa fusão dos três elementos, luz, sombra e arquitetura num único elemento capaz de caracterizar o espaço e valorizar os três elementos.” (Fabrizio Ruffino).^[25] Esta tem a função de complementar a luz natural, garantindo uma boa visibilidade tanto de dia como de noite. No interior do edifício, as fontes luminosas artificiais estão presentes sobretudo em candeeiros de teto suspensos, acompanhados de sancas de luz em alguns dos espaços. No exterior, o destaque recai sobre a iluminação de chão, direcionada para a estereotomia das paredes, que cria um ambiente cinematográfico em torno da adega.

Fig. 108.
Fachada principal:
iluminação artificial. Foto
de Pietro Savorelli.



Fig. 109, 110 e 111.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Cantina
Cusumano.



A Cantina Cusumano permanece como um dos projetos mais emblemáticos da história do estúdio Ruffinoassociati, pela sua dimensão, pelo impacto alcançado e pela contínua relevância. Este projeto é o exemplo perfeito de um trabalho feito à medida do cliente, onde cada detalhe foi cuidadosamente considerado — desde os puxadores das portas, aos copos em que o vinho é servido.

²⁵ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.



Ville Mallo

Data: 2023

Local: Mondello (PA)

Ciente: G. Mallo

Tipologia de intervenção:

Reestruturação

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Silvio Calandra

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Gioacchino Munna

Arq. Costanza Ruffino

Denise Patti

Construção:

Maitech Srl

Engenheiro:

Eng. Vito Speciale

Créditos:

B&B

Cassina

CP Parquet

Dada

Davide Groppi

Desalto

Flos

Kartell

Knoll

Lema

LID Design

Lo Bianco Marmi

Longho

MA.I.TEC Srl

MDF Italia

Modulnova

Parquet e Dintorni

Pirrone

Rappresentanze

Resine

Wever & Ducret

Zalf

Zanet Falegnameria

Ville Mallo são dois projetos de diferente linguagem arquitetônica, mas que se relacionam harmoniosamente, resultando num excelente equilíbrio espacial e volumétrico. Durante o desenvolvimento das duas moradias, houve quase uma competição interna entre os membros do estúdio, que exploraram diversas formas e disposições, mas sempre em constantes comparações entre ambos os edifícios.

“É a expressão de um laboratório de arquitetura em contínua evolução, em que a procura incessante da utilização dos materiais se encontra com a inovação tecnológica, as expressões multifacetadas da forma em harmonia com as proporções, as texturas, através de jogos de luz e sombra valorizados pelo mobiliário e pelo design.” (Silvio Calandra) ^[26]



Fig. 112.
Sala de estar, Ville Mallo.
Foto de Eddy Luciano.



Fig. 113.
Poltrona UP 50, de
Gaetano Pesce. Foto de
Eddy Luciano.

Fig. 114.
Fachada frontal: Ville
Mallo. Fotografia tirada
pelo autor.

²⁶ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Silvio Calandra.

Neste projeto, a luz natural é o elemento protagonista dos espaços e é trazida para dentro das casas através das grandes superfícies envidraçadas, revelando uma forte ligação entre os espaços interiores e exteriores, que se complementam mutuamente. A disposição assimétrica dos volumes também favorece uma projeção dinâmica de sombras, que acrescentam caráter e identidade ao edifício.

A luz artificial atua como um acessório perfeito, utilizando fitas de LED para destacar alguns dos volumes e as suas rotações. Além disso, o projeto integra uma seleção cuidadosa de peças de design que conferem um toque de sofisticação ao espaço, incluindo a icônica Arco, de Achille e Pier Giacomo Castiglioni (Flos), as String Lights, de Michael Anastassiades (Flos) e a Simbiosi, de Davide Groppi. Estas peças embelezam e elevam o ambiente, criando uma atmosfera requintada e moderna.

Fig. 115.
Iluminação artificial: Arco,
de Flos e Simbiosi, de
Davide Groppi . Foto de
Eddy Luciano.



Fig. 116.
Entrada abundante de luz
natural na sala de estar.
Foto de Eddy Luciano.

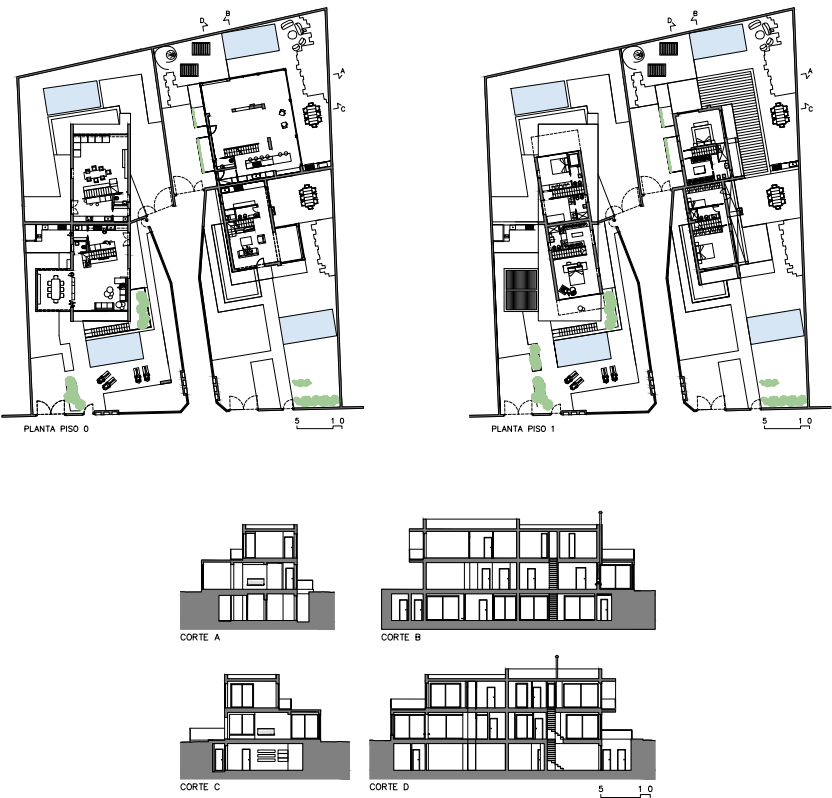


Fig. 117, 118 e 119.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Ville
Mallo.

A dinâmica deste projeto torna-o ainda mais interessante porque foi desenvolvido pelos dois sócios fundadores do estúdio, Fabrizio Ruffino e Silvio Calandra, que desenvolveram separadamente cada uma das casas, atribuindo-lhe a sua própria linguagem e estilo. No entanto, durante este processo, os arquitetos trabalharam em conjunto para que estes projetos distintos estabelecessem uma relação harmoniosa entre eles, conectando-se nas suas formas principais.



Fig. 120.
Exterior: Ville Mallo. Foto
de Eddy Luciano.



Dimora Cusumano

Data: 2023
Local: Linguaglossa (CT)
Cliente: Soc. Agricola Cusumano Srl

Tipologia de intervenção:
Recuperação

Destino:
Turismo

Projetistas responsáveis:
Arq. Silvio Calandra
Arq. Fabrizio Ruffino
Arq. Gioacchino Munna
Arq. Eva De Luca

Construção:
Campione Srl

Engenheiro:
Eng. Vito Speciale

Créditos:
A&D
B&B
Chinnici
Falegnameria Bottone
Flou
Greco Infissi
LID Design
Lo Bianco Marmi
Longho
Maxalto
Meridiana Impianti
Molteni
Parquet e Dintorni

Dimora Cusumano é um alojamento enoturístico associado ao grupo Cusumano, que possui várias adegas e espaços enoturísticos pela Sicília. Localizado nos arredores do vulcão Etna, no meio das vinhas, o projeto visa oferecer experiências gastronômicas ligadas à vinicultura, como degustações dos seus vinhos. Esta é também uma estadia que privilegia do conforto e do silêncio, ideal para um retiro da agitação do dia a dia.

“Um destino único, em Linguaglossa, na rua Arrigo, nas encostas do Etna, onde o vulcão é a montanha, a mãe e o regulador da vida. Imerso numa grande propriedade Cusumano, no Monte Etna, o projeto envolveu a recuperação de uma das típicas casas senhoriais da nobreza catanesa do início do século XX.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[27]

O edifício conecta-se com o meio envolvente através de elementos como a pedra vulcânica, o *coccio pesto* ^[28] e a madeira, que juntamente com os lavatórios de mármore e os tecidos de linho dão ao espaço um luxo informal e acolhedor. O alojamento dispõe de alguns quartos, bem como áreas comuns de refeições e de lazer.



Fig. 121. Dimora Cusumano, situada no meio das vinhas. Foto fornecida pelo estúdio.



Fig. 122. Sala de estar, Dimora Cusumano. Foto fornecida pelo estúdio.

²⁷ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.
²⁸ Coccio pesto: Material de construção utilizado como revestimento impermeável. É composto por fragmentos de tijolos triturados e argamassa fina à base de cal.

A luz desempenha um papel preponderante neste projeto, que tem zonas bastante iluminadas e outras mais escuras. No piso superior, onde ficam os quartos, os espaços são mais claros devido às suas paredes brancas e à entrada de luz natural em maior abundância. Em contrapartida, no piso inferior, onde fica a sala de estar, a entrada de luz natural é mais reduzida, uma vez que a maior parte desta área está abaixo do nível do solo e, conseqüentemente, as janelas são mais altas e pequenas.

Fig. 123.
Um dos quartos, Dimora Cusumano. Fotografia tirada pelo autor.



Fig. 124.
Escada de acesso ao piso -1, Dimora Cusumano. Foto de Sofia Moinhos.



Fig. 125.
Sala de estar: iluminação artificial. Foto fornecida pelo estúdio.

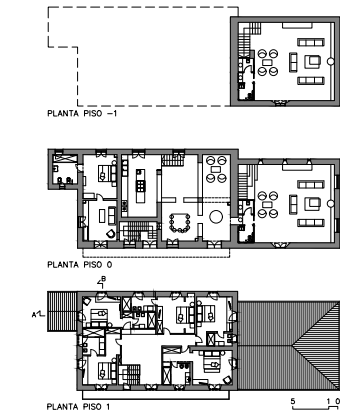
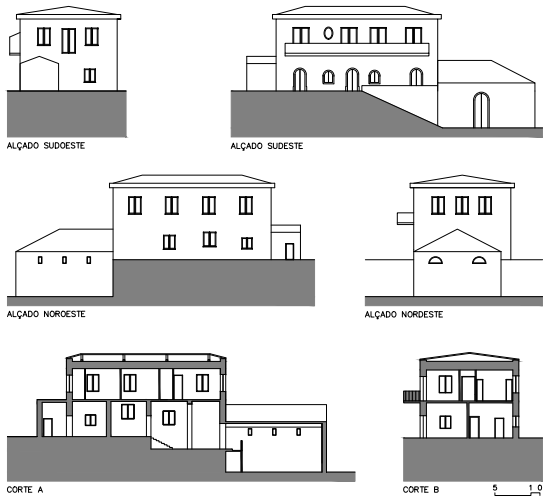


Fig. 126 e 127.
Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Dimora Cusumano.



Devido aos seus tons mais escuros e à insuficiente entrada de luz natural, a sala de estar é o espaço onde a intervenção da iluminação artificial foi mais significativa. A sala conta com vários aparelhos de iluminação de parede e de chão, mas o elemento que mais se destaca são as fitas LED, que percorrem o perímetro do espaço ao nível das janelas. Estes elementos estão direcionados para o teto, de madeira, que reflete a luz e cria um ambiente acolhedor para esta sala de estar.

Dimora Cusumano oferece tranquilidade e repouso aos seus hóspedes, tendo sido o trabalho de Ruffinoassociati crucial na criação dessas atmosferas, com especial valorização do papel da luz.

3.3. A materialidade do espaço

A luz é um instrumento de projeto estritamente ligado à matéria e à expressão dos materiais, elementos que preservam um papel importante na relação entre a luz, a cor, a matéria e o espaço.

“Os materiais são infinitos – imaginem uma pedra que podem serrar, limar, furar, cortar e polir, e ela será sempre diferente. E depois pensem nesta mesma pedra em quantidades muito pequenas ou em quantidades enormes, será outra vez diferente. E a seguir exponham-na à luz, e ela será mais uma vez diferente. Apenas um material e já tem mil possibilidades.” (Peter Zumthor, 2009) ^[29]

A materialidade do espaço é um tema que aborda a seleção e disposição dos materiais no espaço, refletindo a relação entre eles e as sensações que transmitem. Estes possuem características próprias como o peso, a cor e a textura, que podem alterar significativamente o impacto estético e sensorial no ambiente. Além disso, os materiais contribuem para a integração harmoniosa do projeto no contexto envolvente, bem como para a preservação da identidade histórica e cultural de um local.



3.3. A materialidade do espaço

Fig. 128.
Casa em Alcobaça, de
Aires Mateus. Foto de
Fernando Guerra.

A materialidade é caracterizada por alguns fatores, como, por exemplo: a percepção visual, a acústica, a sensação tátil e a sensação térmica. A percepção visual é essencialmente alterada pela luz. A forma como os materiais a absorvem e refletem altera completamente as suas próprias características, incluindo a sua cor. A acústica está essencialmente ligada a características físicas do material que, quando aplicado, pode absorver mais o som ou refleti-lo.

²⁹ Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 24.

“Cada espaço funciona como um instrumento grande, colecciona, amplia e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estes estão fixos. (Peter Zumthor, 2009) ^[30]

A sensação tátil é fornecida principalmente pela textura, onde se pode optar por uma superfície polida, como um vidro, ou uma mais rugosa, como a madeira. Por fim, a sensação térmica está relacionada não só a características físicas, mas também à cor. Quando se pensa em madeira, as suas qualidades térmicas e sensoriais remetem para um material mais quente, já o mármore remete para um material mais frio.

Fig. 129.
Termas de vals, de
Peter Zumthor. Foto de
Fernando Guerra.

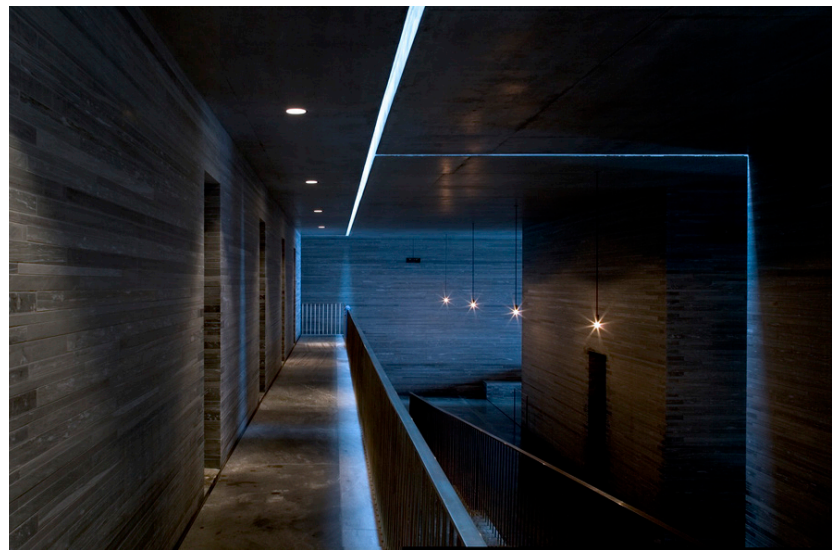


Fig. 130.
Casa em Estrela, de
Aires Mateus. Foto de
João Guimarães.



³⁰ Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 28.

A materialidade é um tema fundamental quando se projeta um espaço. Através dela o ambiente ganha uma identidade que o conecta com o utilizador, proporcionando uma experiência sensorial e emocional. Este tema é tão importante que a neurociência tem vindo, cada vez mais, a estudar os efeitos que os materiais e os espaços têm nas atividades do ser humano, podendo influenciar o seu bem-estar físico e psicológico, transformando a experiência.

Fabrizio Ruffino, quando questionado sobre a escolha de materiais que o estúdio utiliza nos projetos, destacou que:

“[...] precisamente devido à paixão pelo tema, que todos temos, a investigação é contínua e é sempre feita dia após dia, por isso, temos curiosidade por tudo o que é novo e por tudo o que é velho, no sentido em que temos curiosidade por todos os materiais tradicionais, talvez reinterpretados, repensados, muitas vezes revistos e corrigidos nos seus aspetos técnicos.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[31]

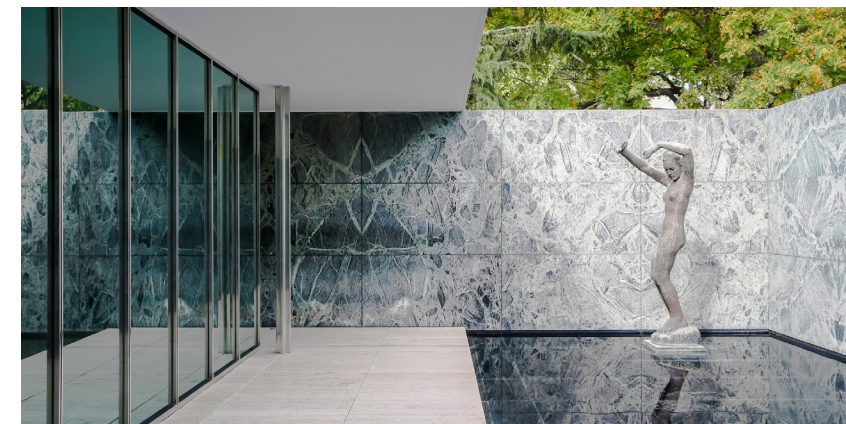


Fig. 131.
Pavilhão de Barcelona,
de Mies van der Rohe.



Fig. 132.
Casa na Terra, de Aires
Mateus. Foto de Nelson
Garrido.

³¹ Retirado e traduzido da entrevista a Fabrizio Ruffino, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati, realizada em setembro de 2024.

Esta abordagem é considerada muito importante para o estúdio Ruffinoassociati e isso reflete-se nos seus projetos. A escolha dos materiais é essencial, utilizando-se, sempre, várias amostras, bem como levando a cabo experiências nos modelos 3D, para perceber qual a relação entre os materiais escolhidos e o tipo de atmosfera que estão a criar.

“Colocamos as coisas de forma concreta, primeiro mentalmente, depois na realidade. E vemos como reagem umas com as outras. [...] Materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único.” (Peter Zumthor, 2009) ^[32]

Fig. 133.
Capela Bruder Klaus, de
Peter Zumthor. Foto de
Aldo Amoretti.



A escolha dos materiais é importante para a identidade do projeto, mas também é representativa da identidade do estúdio. Por vezes, o uso de materiais locais como, por exemplo, o mármore Billiemi ^[33], são escolhas sustentáveis, e que, após sucessivas utilizações, passa a fazer parte da sua identidade. Para exemplificar o processo projetual do estúdio Ruffinoassociati na utilização dos materiais, efetuou-se uma seleção de projetos onde esta atenção é expressa notoriamente:

- Cantina Alta Mora
- Dimora Cala del Pozzo
- Casa Fiorito

³² Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 24.
³³ Mármore Billiemi: mármore siciliano de cor cinza escuro.



Fig. 134.
Cantina Alta Mora. Foto
fornecida pelo estúdio.



Fig. 135.
Dimora Cala del Pozzo.
Foto fornecida pelo
estúdio.



Fig. 136.
Casa Fiorito. Fotografia
tirada pelo autor.



Cantina Alta Mora

Data: 2015
Local: Castiglione di Sicilia (CT)
Cliente: Soc. Agricola Cusumano Srl

Tipologia de intervenção:
Nova construção

Destino:
Fábrica de produção de vinho

Projetistas responsáveis:
Arq. Fabrizio Ruffino
Arq. Silvio Calandra
Arq. Gioacchino Munna

Construção:
Campione Srl

Engenheiro:
Eng. Vito Speciale

Créditos:
BNP Srl
Zanet Falegnameria

A Cantina Alta Mora está situada nas proximidades do vulcão Etna, beneficiando de um solo especialmente fértil, ideal para a produção de vinhos de alta qualidade. O edifício é inspirado na natureza envolvente e foi concebido de modo a minimizar o impacto na paisagem.

Com base num estudo geotérmico, decidiu-se construir a adega predominantemente subterrânea, de modo a garantir uma boa estabilidade térmica na sala de envelhecimento, onde a temperatura é crucial para manter a qualidade do vinho. Complementando o edifício principal, três volumes emergem da terra: o primeiro é dedicado ao armazenamento e proteção das uvas; o segundo funciona como espaço de receção para os visitantes; o terceiro e último é uma área destinada à degustação.



Fig. 137.
Cave de armazenamento de vinho, Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.



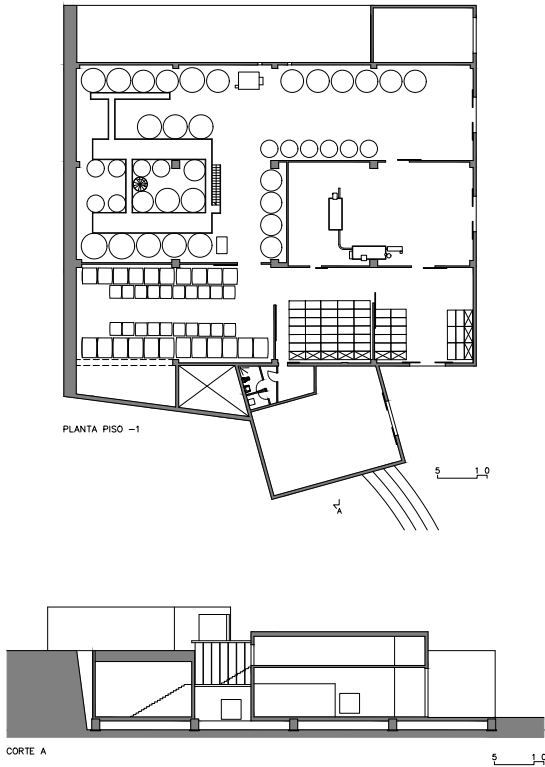
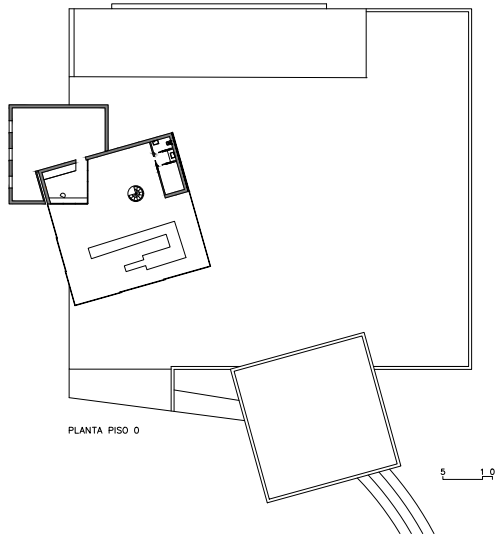
Fig. 138.
Espaço destinado a provas de vinho, Cantina Alta Mora. Fotografia tirada pelo autor.

Como referido anteriormente, este projeto foi desenvolvido com a premissa de causar o mínimo impacto visual na paisagem, e, parte desse resultado surge da seleção dos materiais. O maior dos volumes visíveis é inteiramente revestido em aço corten, que se conecta diretamente ao segundo volume, revestido em *coccio pesto*, e, por fim, o terceiro elemento, também coberto com o mesmo material, mas com uma lateral onde predomina o vidro, suportado pelos caixilhos também em aço corten. Tanto o *coccio pesto* como o aço corten possuem tons terrosos que ajudam o edifício a camuflar-se na paisagem. No interior, a pedra de lava é o elemento predominante, utilizado sobretudo no pavimento.

Fig. 139.
Recepção, Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.



Fig. 140, 141 e 142.
Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Cantina Alta Mora.



A pedra de lava, o *coccio pesto* e o aço corten são os três materiais principais do projeto e, embora diferentes, a sua relação com a terra e os seus tons terrosos concorrem para um espaço e para um objeto arquitetónico harmonioso e perfeitamente integrados. Para além da harmonia visual e dos atributos térmicos, estes materiais ajudam a transmitir a identidade do projeto, garantindo também a sua sustentabilidade por serem produtos locais.



Fig. 143.
Exterior: Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.



Dimora Cala del Pozzo

Data: 2016

Local: Favignana (TP)

Ciente: Terre del Favonio

Tipologia de intervenção:

Restauro e Reestruturação

Destino:

Turismo

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Gioacchino Munna

Construção:

Gibarossa Costruzione Edile

Engenheiro:

Eng. Vito Speciale

Créditos:

Agape

Cielo

Daikin

Flos

Gervasoni

Naici

Rotex

Viabizzuno

Zucchetti

A Dimora Cala del Pozzo é um projeto de restauro de uma típica casa rural de Favignana, de meados do século XIX, que foi transformada num sofisticado alojamento, destacando-se pelas suas instalações, localização e vistas deslumbrantes.

“O projeto previa a revalorização da espacialidade original do edifício principal e dos edifícios satélites, valorizando as suas características típicas constituídas por elementos arquitetónicos, como os arcos, e realçando ao máximo a materialidade dos elementos utilizados na sua construção.” (Fabrizio Ruffino) ^[34]

Este edifício possui características de uma arquitetura tipicamente mediterrânea, evidenciada na sua ligação ao solo através dos volumes e da sua materialidade. Os materiais utilizados são um dos aspetos mais importantes, com especial destaque para os blocos de pedra calcária à vista. Os blocos originais foram cuidadosamente limpos e tratados com uma pasta de base vegetal e resinas naturais, de forma a diminuir a formação de pó, permitindo que permanecessem expostos tanto no interior como no exterior. As coberturas e as faces das paredes também foram mantidas sempre que possível, de forma a preservar as características do edifício, bem como garantindo os seus níveis de isolamento. Porém, sempre que possível, foi acrescentado isolamento térmico no interior, com o intuito de reduzir o consumo de energia.

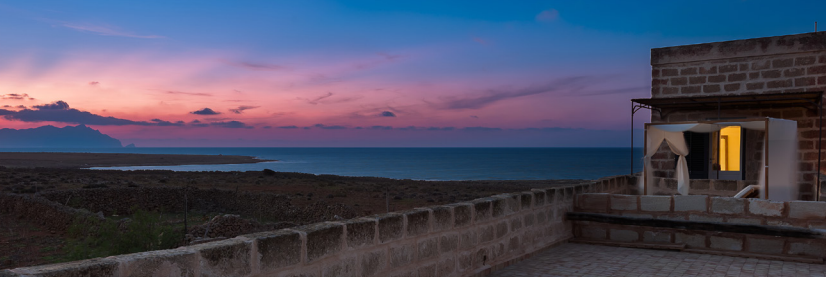


Fig. 144 e 145.
Pôr do sol, Dimora Cala del Pozzo. Foto fornecida pelo estúdio.

³⁴ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.

Estes blocos de pedra calcária são o elemento com maior predominância no projeto, atribuindo uma tonalidade uniforme que contrasta harmoniosamente com as plantas, contribuindo para uma forte caracterização mediterrânica do edifício. A combinação dos tons amarelados das pedras com o verde das plantas, que delineiam os caminhos de acesso dos quartos ao edifício principal, aos pátios e ao mar, cria a fusão perfeita com a paisagem, integrando o edifício de forma natural no ambiente envolvente.

Fig. 146.
Sala de estar e receção,
Dimora Cla del Pozzo.
Foto fornecida pelo
estúdio.



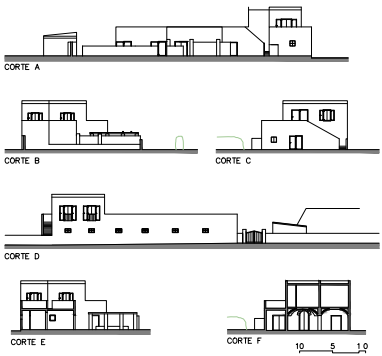
Fig. 147.
Zona de pequeno-almoço
exterior, Dimora Cala del
Pozzo. Foto fornecida
pelo estúdio.



O uso de pedra extraída localmente reflete uma forte preocupação ambiental, com o estúdio a realçar que a utilização de materiais ecológicos foi priorizada, impulsionando a sustentabilidade e a integração harmoniosa com o entorno natural.

“Foi dada prioridade à utilização de materiais ecológicos, privilegiando assim, durante a execução das obras, fornecedores e fabricantes empenhados na utilização e aplicação de produtos com um baixo impacto de produção e um elevado nível de compatibilidade ambiental.” (Fabrizio Ruffino) ^[35]

Fig. 148, 149 e 150.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Dimora
Cala del Pozzo.



³⁵ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.

Casa Fiorito

Data: 2019

Local: Carini (PA)

Cliente: F. Fiorito

Tipologia de intervenção:

Reestruturação

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Gioacchino Munna

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Giovanna Bonica

Construção:

Celedil Srl

Engenheiro:

Eng. Guido Fiorito

Créditos:

Arkos Light

BNP Srl

CEA

Comelit

Crivello

Dada Cucine

Daikin

Davide Groppi

Flos

Georg Fischer

Lo Bianco Marmi

Parquet e Dintorni

Rimadesio

Schuco

Tappezzeri

A Casa Fiorito é um projeto de restauro de uma moradia, na qual o estúdio Ruffinoassociati procurou intervir o mínimo possível no volume original do edifício, ao mesmo tempo em que lhe conferiu uma aparência completamente renovada. Esta abordagem resultou na sobreposição de um novo volume, criando uma pequena pala de um metro que se estende em torno de quase toda a casa.

Todavia, a estrutura inicial acabou por sofrer inevitáveis alterações, destacando-se as grandes janelas criadas nos quatro alçados, que permitem uma maior entrada de luz natural no interior da casa. A entrada principal manteve-se no mesmo sítio, através da sala de estar, adjacente à cozinha. Entre estas duas áreas foram instalados quatro painéis ripados de madeira e vidro, que, quando fechados, permitem separar os dois espaços. Por fim, encontra-se o corredor que dá acesso aos quartos e ao escritório.



Fig. 151.
Entrada, Casa Fiorito.
Foto fornecida pelo estúdio.



Fig. 152.
Ilha da cozinha revestida em pedra de lava. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 153.
Painéis deslizantes
que separam a sala de
estar da cozinha. Foto
fornecida pelo estúdio.

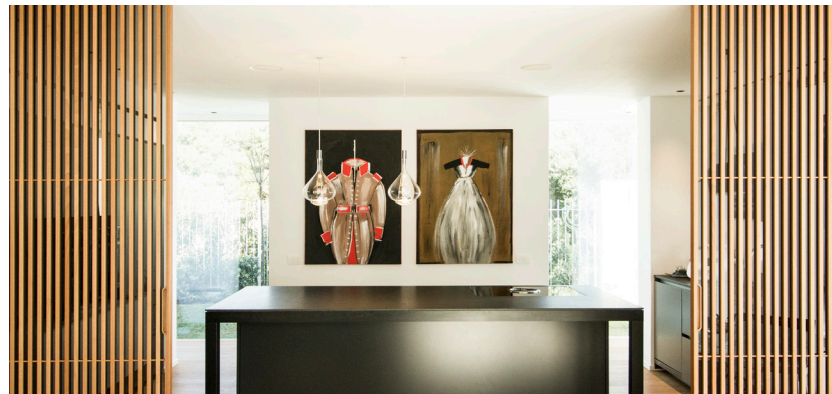


Fig. 154.
Casa de banho, Casa
Fiorito. Foto fornecida
pelo estúdio.



Fig. 155.
Jardim: imagem noturna.
Foto fornecida pelo
estúdio.



Este projeto estabelece uma relação particularmente forte com os materiais. No exterior da casa, sobressai a pintura branca das paredes, que transmite elegância e ajuda a manter o interior do edifício mais fresco no verão, e o calcário cinzento, utilizado na piscina e no pavimento à sua volta. Estes dois elementos, em contraste com o verde da relva, criam uma ligação harmoniosa, que se estende pela paisagem, através do reflexo da água da piscina.

No interior, a combinação dos materiais cria um ambiente mais quente, através do abundante uso da madeira, tanto no pavimento como em diversas peças de mobiliário. A cozinha destaca-se pelos armários em tons mais escuros, que se conectam com a pedra de lava que cobre a ilha central.

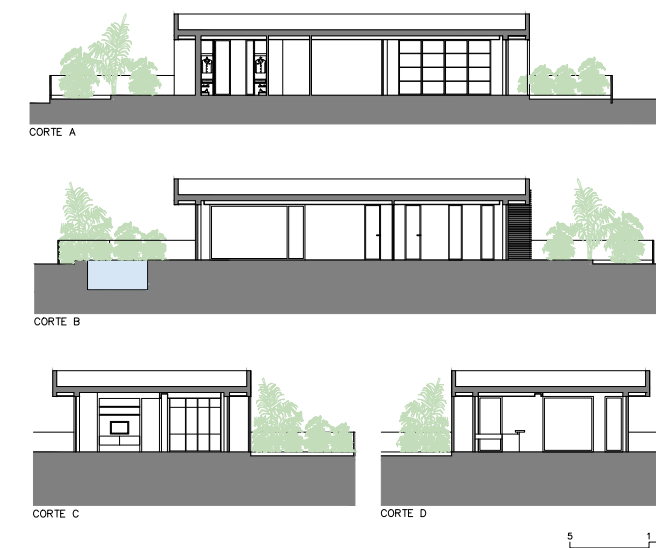
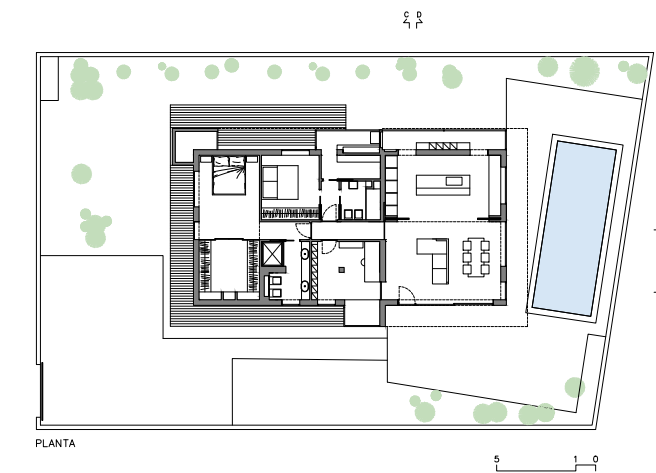


Fig. 156 e 157.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Casa
Fiorito.

Neste projeto, os materiais desempenham um papel central, refletindo uma ligação ligeiramente mais fria no exterior, enquanto no interior prevalece uma atmosfera mais quente e acolhedora. Este contraste entre o exterior e o interior acentua a dinâmica e a personalidade do espaço.

3.4. A relação entre o interior e o exterior

3.4. A relação entre o interior e o exterior

“Na arquitetura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior.” (Peter Zumthor, 2009) ^[36]

A relação entre o interior e o exterior é um dos conceitos mais relevantes de um projeto. Trata-se da interação, continuidade e transição entre o interior de um espaço e o exterior envolvente, e essa conexão pode manifestar-se de diversas formas, como portas, janelas, corredores, passagens ou pátios. Porém, o essencial não está na sua forma, mas no que representam. Esta interação entre interior e exterior não tem necessariamente de ser uma relação de continuidade, pode ser de contraste, em que o interior e o exterior têm linguagens distintas, provocando uma tensão visual que enriquece a experiência do utilizador.

Na criação de um projeto, pode-se pensar nesta relação através de vários fatores. A barreira entre o interior e o exterior pode ser dissolvida através de transições suaves, criadas por grandes aberturas ou espaços semiabertos. Aqui, a conexão é dada através da vista para o exterior, que permite ao utilizador estar em constante contacto com a paisagem que o rodeia. A Casa Farnsworth, de Mies van der Rohe, é um bom exemplo onde a barreira entre o interior e o exterior é completamente dissolvida através das grandes superfícies de vidro. Utilizar materiais naturais e cores ou texturas semelhantes também ajuda a criar uma maior continuidade do espaço, bem como a sua integração no meio envolvente. As Termas de Vals, de Peter Zumthor, são um excelente exemplo desta transição, ao integrarem-se na paisagem montanhosa e rochosa.

“Imagino esta situação em cada edifício: o que é que nós, que o utilizamos, queremos ver, quando estamos lá dentro? O que é que quero revelar?” (Peter Zumthor, 2009) ^[37]

Para este conceito, é fundamental compreender o que se observa quando se está dentro do edifício e o que é visível para aqueles que estão do lado de fora, considerando a relação entre o espaço interior e a paisagem exterior, e como essa interação pode influenciar a experiência do ambiente. Quanto ao primeiro, é possível ter o contraste de grandes paredes de vidro, que garantem a sensação de imersão no ambiente externo, ou de ja-

³⁶ Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 46.

³⁷ Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 48.

nelas e aberturas controladas, que podem ser posicionadas estrategicamente para focar em certos elementos. O jogo de luz e sombra, criado por essas mesmas aberturas, conecta o espaço ao seu exterior dinâmico, modificando subtilmente o ambiente ao longo do dia.

Em contrapartida, aquilo que se expõe a quem está do lado de fora depende da tipologia de projeto que se desenvolve, pois cada abordagem exige uma resposta diferente em termos de abertura, privacidade e integração com o entorno. Ao projetar um espaço habitacional, provavelmente, ter-se-á em consideração a privacidade interior e pode-se protegê-la ao diminuir o tamanho das aberturas, ou então a controlar a sua opacidade, utilizando materiais translúcidos ou refletores. Por outro lado, se se tratar de um edifício comercial em que o objetivo é atrair o cliente para dentro do espaço, uma maior transparência pode ser uma solução eficaz, permitindo uma melhor visibilidade do interior e criando uma sensação de acolhimento e acessibilidade.

“Mas em vez de manter a oposição interior-exterior como contraste fundamental, sabemos, no século XX, que interior e exterior são conceitos relativos, que dependem de onde nós estamos e da direção para a qual estamos a olhar” (Herman Hertzberger, 1996) ^[38]

Fig. 158.
Casa Farnsworth, de
Mies van der Rohe.



Fig. 159.
Termas de Vals, de Peter
Zumthor. Foto de Fabrice
Fouillet.



³⁸ Hertzberger, H. (1996). Lições de Arquitectura. São Paulo: Ed. Martins Fontes. p. 126.

É impossível abordar este tema sem referir o conceito de público e privado, que está diretamente ligado às demarcações territoriais e ao intervalo entre elas.

“Uma área aberta, um quarto ou um espaço podem ser concebidos como um lugar mais ou menos privado ou como uma área pública, dependendo do grau de acesso, da forma de supervisão, de quem o utiliza, de quem toma conta dele e das suas respectivas responsabilidades. [...] Numa escola, cada sala de aula é privada em comparação com o hall comunitário. Este hall, por sua vez, é, como a escola em sua totalidade, privado em comparação com a rua.” (Herman Hertzberger, 1996) ^[39]



Fig. 160.
Casa de Chá da Boa
Nova, de Álvaro Siza.
Foto de Nelson Garrido.



Fig. 161.
Kings Road House, de
Rudolph Schindler.

As demarcações territoriais podem ser expressas pela articulação da forma, do material, da cor e da luz, e têm o poder de delimitar o grau de acesso a um determinado espaço. Através dessas demarcações, cria-se uma espécie de mapa que orienta o utilizador na sua deambulação entre os diferentes ambientes, proporcionando uma fluidez e clareza na circulação dentro do edifício.

³⁹ Hertzberger, H. (1996). Lições de Arquitectura. São Paulo: Ed. Martins Fontes. p. 14.

“O conceito de intervalo é a chave para eliminar a divisão rígida entre áreas, com diferentes demarcações territoriais” (Herman Hertzberger, 1996) ^[40]

Os intervalos têm um papel fundamental na dissolução da barreira que separa áreas territoriais divergentes, atuando como um ponto intermédio entre elas. Um elemento importante neste conceito são as soleiras, que oferecem a chave para a dissolução dessa barreira, criando um espaço para boas-vindas e despedidas, promovendo arquitetonicamente a hospitalidade.

Fig. 162.
Igreja sobre a Água, de
Tadao Ando. Foto de
Yoshio Shiratori.



O estúdio Ruffinoassociati sempre deu ênfase a este tema. Muitos dos seus projetos reforçam e valorizam a relação com o exterior e com a paisagem, que, deste modo, passa a fazer parte do projeto. No decorrer do estágio, existiu a oportunidade de ver a concretização da sua aplicação, refletida na atenção à escolha dos materiais, à forma como trabalham as passagens e os recortes da natureza, que criam ao projetarem as janelas. Para clarificar a forma como este tema é abordado no processo projetual do estúdio, foram selecionados alguns projetos que exemplificam o seu trabalho na relação entre o interior e o exterior:

- Dimora Cottanera
- Camparia
- Villa Faraglioni

⁴⁰ Hertzberger, H. (1996). Lições de Arquitectura. São Paulo: Ed. Martins Fontes. p. 40.



Fig. 163.
Dimora Cottanera. Foto
de Alfio Garozzo.



Fig. 164.
Camparia. Foto fornecida
pelo estúdio.



Fig. 165.
Villa Faraglioni. Foto
fornecida pelo estúdio.



Dimora Cottanera

Data: 2023

Local: Castiglione di Sicilia (CT)

Cliente: Cottanera Soc. Agricola

Tipologia de intervenção:

Reestruturação

Destino:

Turismo

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Gioacchino Munna

Construção:

Campione Srl

Engenheiro:

Eng. Vito Speciale

Créditos:

Edile

Fantini

Flos

Greco Serramenti

Gugliemini

Linea Light

Los Project

Mohd

Reynaers

Roda

Salvatori

Este projeto situa-se na Catânia, nas encostas do vulcão Etna, e é um alojamento enoturístico associado à adega Cottanera. A reabilitação deste edifício procura trazer à memória dos visitantes as tradicionais casas de campo sicilianas, sendo possível ver detalhes tipicamente mediterrâneos, como, por exemplo, as traves de madeira nos tetos, as portas em arco e o grande pátio exterior. Este projeto possui treze quartos, uma sala de pequeno-almoço, ginásio e *spa*.

“Dimora Cottanera não é apenas um lugar para ficar, mas uma experiência que envolve todos os sentidos. Os hóspedes podem desfrutar dos aromas e sabores locais, descobrir a paixão pelo vinho e apreciar os valores e o artesanato do local. Cada quarto foi concebido para ser uma experiência única, com um design que harmoniza elementos tradicionais e modernos, criando espaços que permanecem no coração dos hóspedes, representando uma viagem através do tempo e do espaço, uma combinação perfeita de história e modernidade, natureza e conforto, oferecendo uma receção calorosa e autêntica no coração da zona rural do Etna.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[41]



Fig. 166.
Vista aérea, Dimora Cottanera. Foto de Alfio Garozzo.

Neste projeto, existe uma forte ligação com o exterior, começando no pátio, o elemento central, pois contribui para a organização espacial e dá acesso às várias zonas do alojamento. Esta ligação é reforçada pelas grandes janelas e por aquilo que vemos através delas. Neste caso, todo o edifício está orientado para o Etna, enquadrando a paisagem onde o vulcão se insere, bem como as vinhas.

⁴¹ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.

Fig. 167.
Um dos quartos.
Conexão através dos
materiais. Foto de Alfio
Garozzo.



Os materiais selecionados também reforçam a ligação com a natureza, através do uso da pedra lávica e do uso do *coccio pesto*, que ajuda a dissolver o edifício na paisagem. Os quartos, embora cada um com uma identidade própria, estão também conectados ao exterior por meio dos materiais utilizados, como algumas paredes em pedra do edifício original e revestimentos em tons mais escuros, inspirados na tonalidade da pedra lávica. Esta pedra está também presente no interior das casas de banho, aplicada com diferentes texturas.

Fig. 168.
Sala de estar, totalmente
envidraçada. Foto de
Alfio Garozzo.



Fig. 169.
Jacuzzi exterior particular.
Conexão com a natureza.
Foto de Alfio Garozzo.

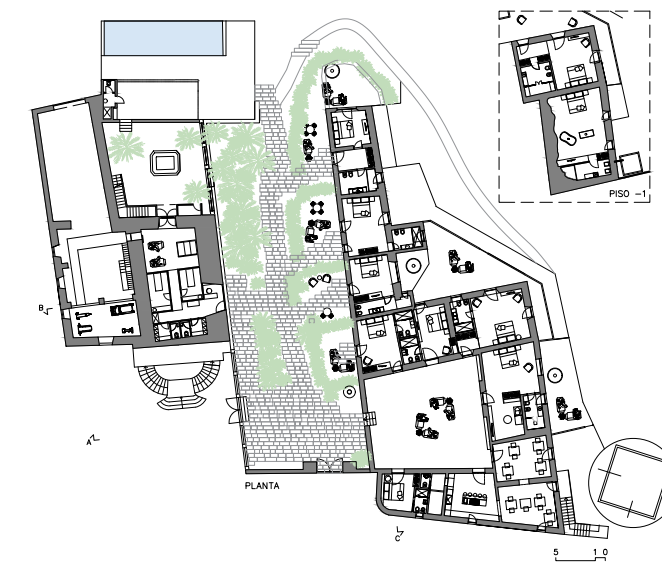


Fig. 170 e 171.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Dimora
Cottanera.



Este projeto estabelece uma forte relação entre o interior e o exterior, resultado, principalmente, da escolha de materiais locais e do cuidado na conceção das janelas, cujos recortes emolduram a paisagem, integrando-a no ambiente interno.



Camparia

Data: 2021

Local: Favignana (TP)

Cliente: Camparia Srl

Tipologia de intervenção:
Restauro e Reestruturação

Destino:
Lounge

Projetistas responsáveis:
Arq. Fabrizio Ruffino
Arq. Silvio Calandra
Arq. Gioacchino Munna

Construção:
CMI Costruzioni Srl

Engenheiros:
Eng. Vito Speciale
Eng. Fabio Sparacino

Créditos:
Chinnici Srl
Enzo Rinaldi
Fortezza
LID Design
Longho
MEDI Systems Srl
OM
Parquet & Dintorni
Tedesco Impianti
Zanet Falagnameria

A Camparia, coração pulsante da antiga Tonnara ^[42] de Favignana, foi construída pela família Florio ^[43], no final do século XIX, tornando-se o principal centro mediterrânico de pesca do atum rabilho ^[44]. Graças à sua imponente estrutura, a Tonnara Florio representa um raro exemplo de arquitetura industrial do final do século XIX. Os vastos espaços da Camparia eram dedicados à construção e manutenção de redes, barcos e equipamentos necessários para a pesca do atum, que era uma fonte de rendimento e prosperidade para toda a ilha. Após décadas de abandono, a Camparia passou por um minucioso processo de restauro, devolvendo-lhe o seu merecido esplendor e transformando-a num espaço que preserva a história e tradição desta fascinante ilha. Camparia, que no dialeto siciliano significa “dar a vida”, é um nome que exprime perfeitamente o que este lugar outrora representou para os habitantes de Favignana.

“Tradicionalmente, a Camparia era utilizada para a manutenção das redes, dos instrumentos de trabalho e de tudo o que estivesse relacionado com as atividades de pesca do atum, bem como para o armazenamento dos atuneiros durante o período de inverno.” (Fabrizio Ruffino) ^[45]



Fig. 172.
Fachada marítima da Tonnara, Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.



Fig. 173.
Lounge, Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.

⁴² Tonnara: lugar para onde se levava os atuns capturados através de armadilhas postas ao longo da costa.
⁴³ Família Florio: Uma das mais importantes famílias sicilianas.
⁴⁴ Atum rabilho: Espécie de atum. Uma das mais apreciadas.
⁴⁵ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.

Fig. 174.
Balcão do lounge,
Camparia. Foto fornecida
pelo estúdio.



A área exterior do espaço foi a primeira a ser desenvolvida, permitindo que o negócio fosse inaugurado antes da conclusão total do restauro do edifício. Esta é composta pelo balcão de bar e todo o equipamento técnico necessário, bem como por todo o mobiliário cuidadosamente selecionado, que, em colaboração com a iluminação cinematográfica, criam um ambiente único e charmoso.

Fig. 175, 176 e 177.
Lounge, Camparia. Foto
fornecida pelo estúdio.



Este edifício privilegia do contacto direto com o mar e, através dele, cria-se uma forte ligação entre o interior e exterior. Esta frente marítima está conectada através da rampa, que antigamente servia para a entrada e saída dos barcos, e através das aberturas para a paisagem. Em contrapartida, as três fachadas viradas para o interior são altas e opacas e quebram totalmente a relação do interior com o exterior. Isto deve-se ao facto de este ser um espaço sofisticado e, desta forma, consegue garantir-se uma maior privacidade para o cliente.

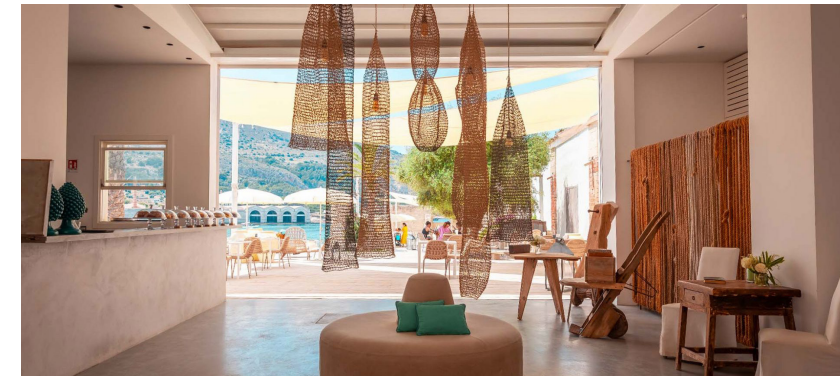


Fig. 178.
Decoração para um
evento, Camparia. Foto
fornecida pelo estúdio.

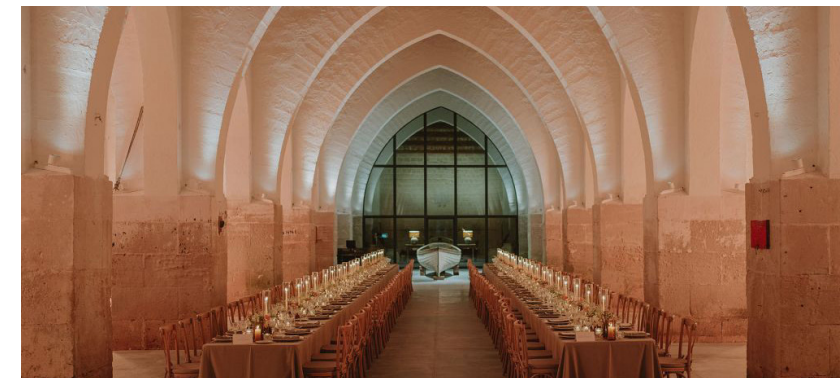


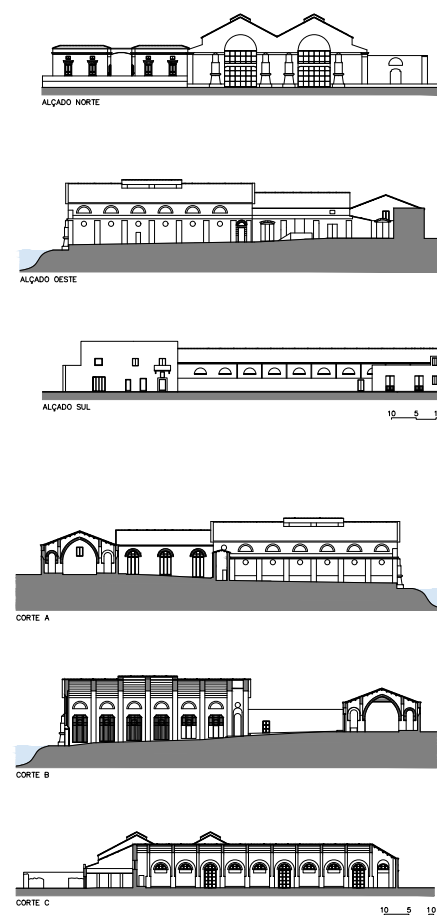
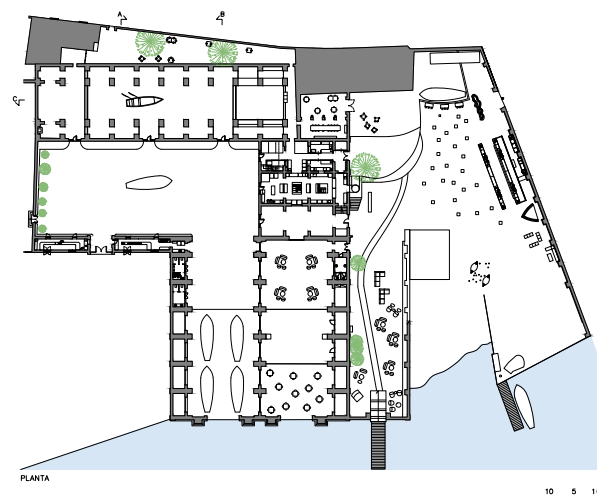
Fig. 179 e 180.
Lounge: ambiente
noturno. Foto fornecida
pelo estúdio.





Este é um exemplo claro de um projeto concebido a pensar naquilo que se vê do interior do espaço e naquilo que o espaço permite que se veja. Uma vez dentro do espaço, as aberturas orientadas para o mar fornecem vistas incríveis sobre a paisagem natural, composta essencialmente pelo azul do mar e pelo verde da montanha, que transporta para o interior uma enorme sensação de tranquilidade. Já do lado de fora, a vista para o interior é limitada ou inexistente nas fachadas terrestres. No entanto, ao aproximar-se da ilha de barco, é possível vislumbrar parte do interior do *lounge*, o que pode despertar o interesse dos turistas.

Fig. 181, 182 e 183.
Desenhos técnicos
de Ruffinoassociati:
Camparia.



Este projeto relaciona-se com o exterior de duas formas distintas. Numa das fachadas, há várias aberturas a conectarem o edifício ao exterior, que valorizam a paisagem exuberante. Nas restantes, acontece o inverso, já que os muros altos rompem esta ligação, oferecendo ao usuário mais privacidade dentro do espaço. Isto demonstra a importância da manipulação desta membrana que separa os espaços íntimos e privados dos espaços públicos.



Villa Faraglioni

Data: 2018

Local: Scopello (TP)

Cliente: M. della Vigna

Tipologia de intervenção:

Reestruturação

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Gioacchino Munna

Arq. Eva de Luca

Construção:

Celedil Srl

Créditos:

Arclinea

Atmosphera

CEA

Gervasoni

Longho

Parquet e Dintorni

Rexa

Salamone e Pullara

Talenti

Wever & Ducret

Zanet Falegnameria

A Villa Faraglioni situa-se em Scopello, Trapani, e é um projeto de restauro resultante da colaboração entre Ruffinoassociati e A&D Design. Esta moradia destaca-se pela sua localização única e mágica, sobre uma encosta, junto ao mar. Devido à sua localização, as restrições legislativas e urbanísticas não permitiram qualquer alteração estrutural da casa.

“É claro que as restrições de proteção não permitiram qualquer alteração, mas, felizmente, o projeto original está muito bem conseguido, tanto estética como tecnicamente. A casa está situada na costa e as suas aberturas são o resultado de um estudo cuidadoso dos ventos e da insolação.” (Fabrizio Ruffino) ^[46]

A intervenção foi realizada sobretudo no interior, que conta com cinco suites, uma ampla sala de estar dividida em dois níveis, cozinha e zonas de estar exteriores.



Fig. 184. Zona de estar exterior, Villa Faraglioni. Foto fornecida pelo estúdio.



Fig. 185. Grande janela na sala de estar, que proporciona uma vista deslumbrante para os *faraglioni*. Foto fornecida pelo estúdio.

⁴⁶ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.

A ligação entre o interior e o exterior desta moradia é consequência da sua particular localização, encastrada nas rochas e virada para o mar, sem outras casas à sua volta. O facto de se encontrar numa zona sem nada à volta permite bastante privacidade e possibilita a existência da enorme janela na sala de estar, sem expor o seu interior. Esta janela é um dos principais elementos da casa, porque cria uma relação direta e única com o exterior. Através dela, obtém-se um recorte perfeito da encantadora paisagem mediterrânea, realçando-se os *faraglioni* ^[47].

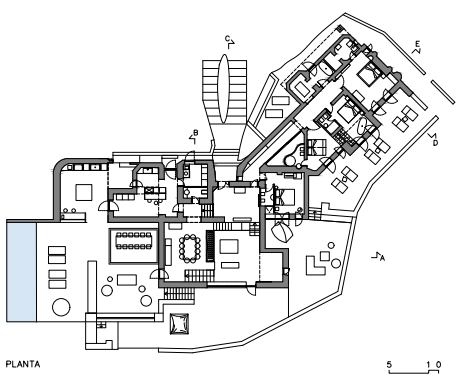
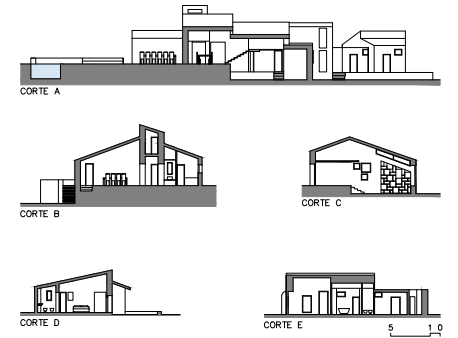


Fig. 188 e 189.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Villa
Faraglioni.



A relação entre o interior e o exterior deste projeto está, sobretudo, associada à relação do projeto com a paisagem, representada, em especial, nas janelas e nas vistas que elas oferecem. A escolha das cores transporta a paisagem para cada um dos espaços, permitindo que os utilizadores tenham uma visão contínua a partir de qualquer ponto da casa.

Fig. 186.
Sala de jantar, Villa
Faraglioni. Foto fornecida
pelo estúdio.



Fig. 187.
Cozinha, Villa Faraglioni.
Foto fornecida pelo
estúdio.



O trabalho dos projetistas passou também por ligar esta casa ao exterior através dos materiais e cores utilizadas. Nos elementos de decoração, há uma abundante presença do azul, como no tapete e nas almofadas, e do amarelo, como nos candeeiros e na temperatura da luz artificial, cores predominantes da paisagem, que se conectam com o interior através do mar e das rochas.

⁴⁷ Rocha em forma de pico que emerge da água do mar perto da costa, causada pela ação erosiva do movimento das ondas em águas rasas.

3.5. A ligação do espaço com os objetos que o preenchem

3.5. A ligação do espaço com os objetos que o preenchem

Os objetos que preenchem um espaço são fundamentais para lhe conferir uma identidade única. Geralmente, estes objetos são pertences pessoais que fazem com que os habitantes se sintam em casa, como quadros, livros, lembranças de viagens, fotos de familiares e amigos... Além disso, com “objetos”, inclui-se também o mobiliário que compõe estes ambientes, moldando o espaço e aproximando a arquitetura e o design de interiores.

Ao entrar em ambientes frequentados regularmente pelas mesmas pessoas, sejam eles privados, como a sua casa, ou públicos, como o seu local de trabalho, aquilo que chama à atenção são as molduras com fotos no *hall* de entrada, os globos de neve no parapeito da lareira ou, até mesmo, um lápis em cima da secretária que alguém trouxe de uma viagem a Paris. Isto porque estes objetos são algo mais pessoal e mostram um pouco da pessoa que habita aquele espaço. Peter Zumthor, no livro “Atmosferas”, recorda a entrada numa habitação, em Colónia, na qual ficou impressionado com todos os objetos pessoais expostos, como livros e instrumentos, que tornavam o espaço muito expressivo.

“Perguntei-me se terá sido tarefa da arquitetura criar o invólucro para receber estes objetos?” (Peter Zumthor, 2009) ^[48]



Fig. 190.
Le Cabanon, de Le
Corbusier.

⁴⁸ Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili. p. 36.

A arquitetura deve preparar um espaço para receber o mobiliário, porque, só assim, é possível obter uma relação harmoniosa entre os elementos. Para isso, é necessário compreender questões como proporção e escala, de modo a garantir que as peças se encaixam adequadamente no espaço, respeitando a harmonia e a fluidez do ambiente. Também é importante perceber onde incide a luz natural e aproveitá-la para zonas de estar ou de trabalho, criando ambientes mais agradáveis. Além disso, o espaço deve ser flexível para que se adapte à medida que as necessidades dos clientes se alteram.

Os designers e arquitetos têm a responsabilidade de criar incentivos para que os clientes habitem os espaços. Desta forma, os projetos devem ser realizados tendo em vista a criação de espaços flexíveis e versáteis, capazes de acolherem os objetos do usuário, bem como o desenvolvimento de mobiliário à medida, que satisfaça as necessidades do cliente e realce os seus pertences pessoais. Para isso, deve-se ter em consideração que, por exemplo, uma superfície plana é mais convidativa ao uso do que uma superfície curva ou inclinada, pois oferece maior estabilidade e facilidade de adaptação aos diferentes tipos de peças e atividades. Neste processo, é importante que haja um contacto constante e próximo com o cliente, de forma a projetar um espaço que este o identifique como “seu”.

“Se uma coisa é adaptada muito especificamente para certo objetivo, funciona da maneira como foi programada para funcionar, como se espera que funcione. É o tipo de funcionalismo sobre o qual os funcionalistas falavam, mas também é o mínimo de utilidade que se pode esperar na arquitetura.” (Herman Hertzberger, 1996) ^[49]

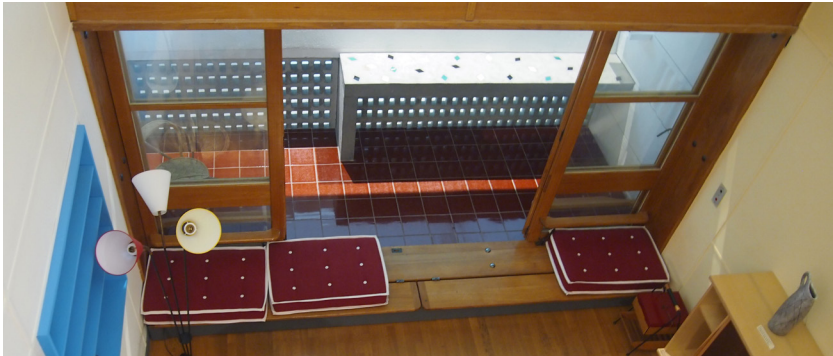


Fig. 191.
Unité d'habitation, de Le Corbusier.

⁴⁹ Hertzberger, H. (1996). Lições de Arquitectura. São Paulo: Ed. Martins Fontes. p. 176.

Em Itália, a história do design tem uma grande relevância na identidade dos arquitetos e projetistas e, no estúdio Ruffinoassociati, valoriza-se muito essa cultura, nomeadamente as frequentes visitas ao *Salone del Mobile*. Questionados em entrevista sobre a relação entre a arquitetura e o design de interiores, os sócios do estúdio responderam:

“A ligação entre a arquitetura e o design de interiores é fundamental. Quando pensamos numa arquitetura como um estúdio, pensamos nela em todos os sentidos, ou seja, pensamos desde o início como será o seu interior, como será construída, como será mobilada, como será acabada em termos de materiais e tudo isso é, digamos, toda a parte do design de interiores.” (Fabrizio Ruffino, 2024) ^[50]

“É a mesma ação, o mesmo espírito, o mesmo caminho, não gosto de separar os dois momentos, são engrenagens de um mesmo mecanismo virtuoso e maravilhoso.” (Silvio Calandra, 2024) ^[51]

“É uma ligação inseparável, o invólucro e o conteúdo são duas partes da mesma coisa a que podemos chamar arquitetura, algo que só é bonito de se ver pode ser equiparado a uma obra de arte, o interior, neste sentido, é a parte de conclusão de um bom projeto, porque o torna utilizável, dobrando-se às regras do próprio projeto, seja ele qual for.” (Gioacchino Munna, 2024) ^[52]



Fig. 192.
Villa Planchart, de Giò Ponti.

⁵⁰ Retirado e traduzido da entrevista a Fabrizio Ruffino, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati, realizada em setembro de 2024.

⁵¹ Retirado e traduzido da entrevista a Silvio Calandra, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati, realizada em setembro de 2024.

⁵² Retirado e traduzido da entrevista a Gioacchino Munna, sócio do estúdio Ruffinoassociati, realizada em setembro de 2024.

Fig. 193.
Fisher House, de Louis Kahn.



Para concluir, é importante que haja uma boa ligação entre o espaço e o objeto, mediada pelo mobiliário. O estúdio Ruffinoassociati valoriza muito a relação entre estes fatores e defende que esta pode e deve ser trabalhada com a ajuda do cliente, para que o projeto seja à sua medida. Acontece com alguma regularidade que os clientes tragam peças que gostariam de incluir no novo espaço, e o estúdio trabalha para dar-lhes destaque, moldando a identidade do ambiente de forma a integrar essas peças de maneira harmoniosa e significativa. Esta ligação aos objetos pode ver-se até mesmo no próprio estúdio, onde todos trabalham na mesma sala, na mesma mesa, muito embora cada lugar tenha objetos pessoais, flores, desenhos, apontamentos, o que faz com que cada um sinta que aquele é o seu sítio.

Para exemplificar o processo projetual do estúdio associado ao tema da ligação do espaço com os objetos que o preenchem, foi feita uma seleção de projetos onde estes métodos são expressados de forma clara:

- Casa Sorrentino
- Loft Aiello
- Casa Leone



Fig. 194.
Casa Sorrentino. Foto de Benedetto Tarantino.



Fig. 195.
Loft Aiello. Foto de Vittorio Giannella.



Fig. 196.
Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.



Casa Sorrentino

Data: 2023

Local: Palermo (PA)

Cliente: A. Sorrentino

Tipologia de intervenção:

Reestruturação

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Gioacchino Munna

Arq. Giovanna Bonica

Construção:

Sammaritano Costruzioni e Impianti

Engenheiros:

Eng. Vito Speciale

Créditos:

Affreschi & Affreschi

Ambiente (di Mario Ciotta)

Antonio Lupi

Arrital

Caleido

Cassina

CEA

Flos

Flou

Garden House

LID Design

Lo Bianco Marmi

Lo Cicero Marmi

OM

Parquet e Dintorni

Pirrone Rappresentanze

Salvatore Bottone Falegnameria

Solquer

Viabizzuno

Wever & Ducret

A Casa Sorrentino é um projeto de renovação de um grande apartamento, situado num edifício histórico do século XX. Este espaço representa a identidade do cliente, apaixonado pelo design e pelo mobiliário, que culminou num espaço cheio de vida e arte.

A base deste projeto são as peças de design da coleção do proprietário, sugerindo-se a criação de um espaço ajustável a este, bem como a futuras aquisições. O resultado final é um apartamento cheio de carisma, repleto de peças de arte que se conjugam com mobiliário desenhado à medida pelo estúdio Ruffinoassociati.

O espaço inclui peças de arte como o Radio in cristallo de Franco Albini, Mezzadro, de Achille Castiglioni, Traccia Table, de Meret Oppenheim, e Tavolo con ruote, de Gae Aulenti. Estão, ainda, presentes dois exemplares da peça Hayama, de Patrícia Urquiola, dois da mesa Sarpi, de Carlo Scarpa, e uma Mesa Vintage LC6, de Charlotte Perriand, Le Corbusier e Pierre Jeanneret. Quanto à iluminação, também se encontram peças de design sofisticado, como Snoopy, Arco e Traccia Glass, de Achille e Pier Giacomo Castiglioni, Simbiosi, de Davide Groppi e Helice, de Marc Newson.



Fig. 197.
Casa Sorrentino. Foto de
Benedetto Tarantino.

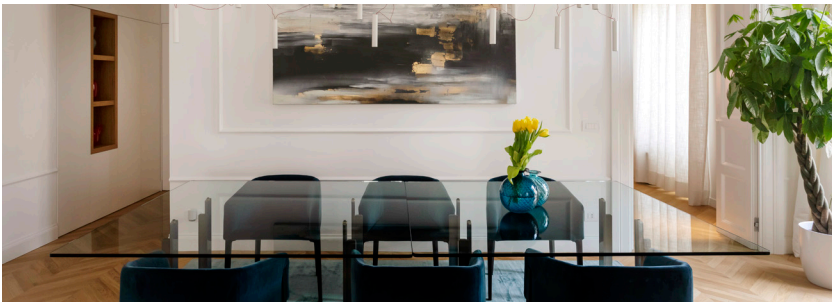


Fig. 198.
Mesa Sarpi, de Carlo
Scarpa. Foto de
Benedetto Tarantino.

Fig. 199.
Mesa Vintage LC6,
de Charlotte Perriand,
Le Corbusier e Pierre
Jeanneret. Foto de
Benedetto Tarantino.



Em complemento a todas estas peças extraordinárias, o estúdio projetou mobiliário, maioritariamente embutido, com o objetivo de fazê-lo “desaparecer” em função de um maior realce dos objetos colecionados, criando um espaço preparado para a interação entre todos os elementos. A tarefa de integrar tantas obras de arte num espaço relativamente reduzido nem sempre é fácil, pois, por vezes, o espaço parece demasiado pequeno para a grandiosidade de tais peças.

Fig. 200.
Cozinha desenhada
à medida. Foto de
Benedetto Tarantino.



Fig. 201.
Quarto com mobiliário
embutido. Foto de
Benedetto Tarantino.

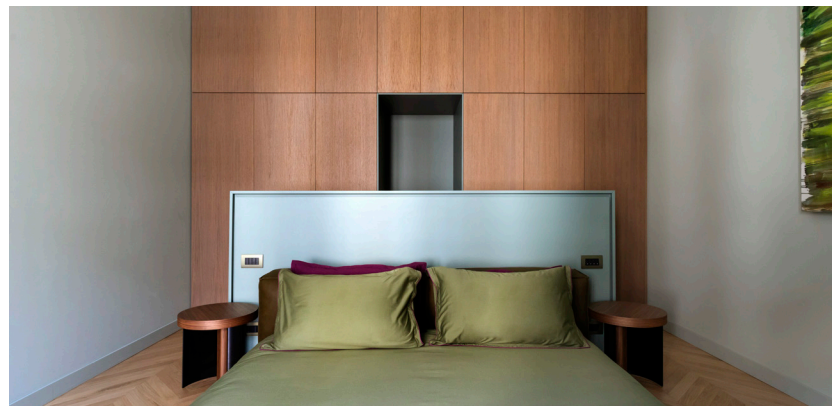


Fig. 202.
Sala de estar, Casa
Sorrentino. Foto de
Benedetto Tarantino.

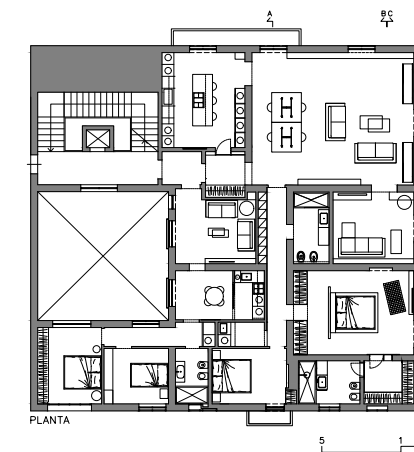


Fig. 203 e 204.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Casa
Sorrentino.



Este é um projeto à imagem do cliente, na medida em que transmite a sua identidade através dos objetos que o preenchem, e esse resultado é fruto de um diálogo contínuo entre as várias partes envolvidas no projeto, assegurando que o espaço criado está preparado para receber o cliente e refletir a sua essência.



Loft Aiello

Data: 2007

Local: Palermo (PA)

Cliente: C. Aiello

Tipologia de intervenção:

Reestruturação

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Eva De Luca

Arq. Cora Barnao

Construção:

Carini Costruzioni

Engenheiros:

Eng. Alfonso Cusumano

Créditos:

B&B

Daikin

Dornbracht

Gyrofocus

Hoffman

Maxalto

Minotti

Salamone e Pullara

Simas

Viabizzuno

Loft Aiello é um projeto no centro de Palermo, surge no momento em que o cliente vislumbra uma casa projetada por Ruffinoas-sociati e se apaixona por ela. Entra, então, em contacto com o estúdio para que juntos pudessem criar um imóvel capaz de recriar as mesmas emoções. O espaço foi projetado à medida do cliente, de modo a que o próprio encontrasse, neste ambiente, as suas necessidades e desejos, sentindo-se no seu *habitat*. O interior não tem qualquer parede divisória, tornando-o num grande espaço aberto, dividido em dois níveis, com a área diurna no piso inferior e a noturna no mezanino.

“Estamos na presença de um loft, uma única divisão distribuída por dois alçados e desenvolvida ao longo do eixo horizontal.”
(Silvio Calandra) ^[53]



Fig. 205.
Lareira Gyrofocus, de
Dominique Imbert. Foto
de Vittorio Giannella.



Fig. 206.
Quarto no mezanino, Loft
Aiello. Foto de Vittorio
Giannella.

⁵³ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Silvio Calandra.

Neste projeto, o espaço tem uma forte ligação com os objetos, começando pelo elemento que une estes dois níveis. A escada foi um dos desafios mais exigentes para o estúdio neste projeto. Esta leva ao extremo as leis da estabilidade, estando apenas fixa aos dois pisos e os degraus de ferro, revestidos com pedra, apoiados apenas numa das laterais. Esta escada é acompanhada de uma plataforma, também em ferro, que percorre todo o comprimento do espaço. A habitação conta com alguns preciosos objetos históricos, do século XVII, que decoram as paredes e transmitem a identidade do espaço. Os interiores são ainda realçados pelas várias peças de design, como a lareira Gyro-focus, de Dominique Imbert, a mesa da Maxalto, as cadeiras estofadas da Hoffman, as poltronas, o sofá e a cama da B&B e a cozinha da Minotti.



Fig. 208.
Mezanino, Loft Aiello.
Foto de Vittorio
Giannella.

Fig. 207.
Sala de estar, Loft Aiello.
Foto de Vittorio Giannella.



O conjunto de todos estes objetos e do mobiliário são elementos que acompanham o projeto desde o início e que, pelo constante diálogo com o cliente, moldam o espaço e atribuem-lhe a sua identidade. A nível arquitetónico, percebe-se que o projeto se preparou desde o início para receber os novos objetos, demonstrando o incentivo claro dos projetistas em estimular a apropriação espontânea do espaço. Elementos como o parapeito mais largo no piso superior convidam o cliente a habitá-lo, preenchendo-o com os seus objetos, desde os mais simples aos mais imponentes, criando uma relação harmoniosa entre eles e fazendo com que a pessoa se sinta verdadeiramente em casa.

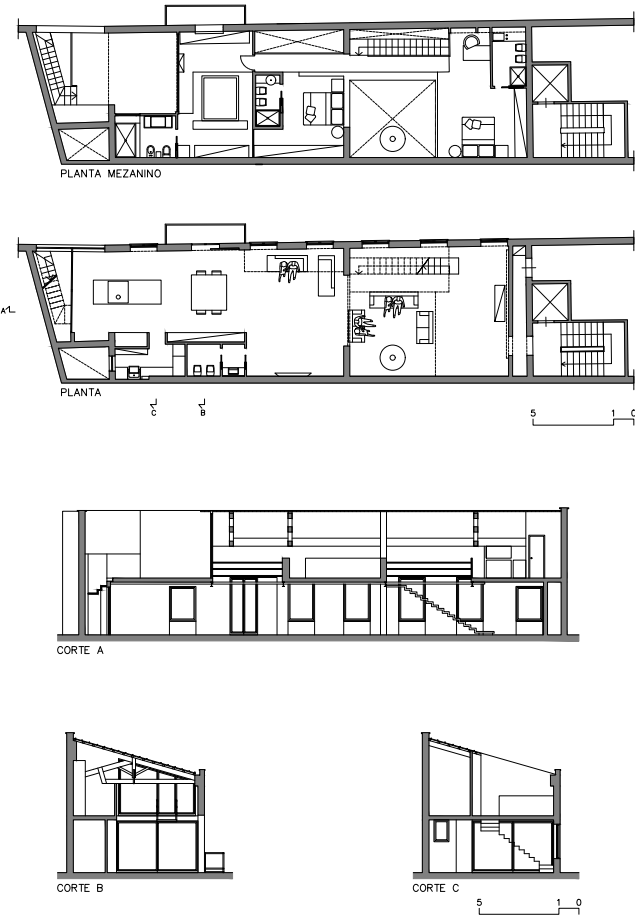


Fig. 209 e 210.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Loft
Aiello.

“A casa caracteriza-se por um minimalismo que tem pouco de mínimo, mas nada de gritante, que, tal como a cozinha mediterrânica, é feita de ingredientes simples combinados com grande habilidade, mas onde cada um mantém a sua própria identidade, onde o doce com o amargo e o frio com o quente são os protagonistas. Um minimalismo mediterrânico feito de materiais, pedras naturais, espaços ininterruptos, linhas simples e geometrias essenciais.” (Silvio Calandra) ^[54]

⁵⁴ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Silvio Calandra.



Casa Leone

Data: 2006

Local: Palermo (PA)

Cliente: C. Leone

Tipologia de intervenção:

Reestruturação

Destino:

Habitação

Projetistas responsáveis:

Arq. Fabrizio Ruffino

Arq. Silvio Calandra

Arq. Manuela Giuliani

Construção:

RGS srl

Paisagista:

Annibale Sicurella

Créditos:

14 Ora Italiana

Acierno

Bulthauo

Cassina

Chiarenza

Containers

Daikin

Mobiluxor

Moroso

Poltrana Frau

Salamone e Pullara

Vetreria Buscetta

Viabizzuno

Woodesign

A Casa Leone, situada no centro histórico de Palermo, é fruto de uma cuidadosa relação com o cliente, cujo objetivo era criar grandes espaços representativos, bem como uma zona de dormir espaçosa, de forma a proporcionar um ambiente acolhedor e confortável para longas horas em casa.

“O edifício é o resultado de uma rara estratificação que vê, desde os alicerces até ao sótão, milhares de anos de história, desde as muralhas do século VII que constituíam a cidade de Palermo, à sua elevação normanda, até ao nosso apartamento construído nos últimos anos, resultado da reconstrução de um vazio de guerra.” (Fabrizio Ruffino) ^[55]

O apartamento tem dois pisos, que possuem uma ampla sala de estar, três quartos com casa de banho privativa, cozinha e sala de jantar. À distância de três degraus, existe ainda uma terceira zona, um terraço ao ar livre com vista para a cúpula do Teatro Massimo.



Fig. 211.
Sala de jantar, Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.



Fig. 212.
Zona de estar junto à lareira, Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.

⁵⁵ Retirado e traduzido do texto sobre o projeto fornecido pelo estúdio, escrito por Fabrizio Ruffino.

Este projeto destaca-se pela forte ligação entre o espaço e o mobiliário, integrando peças de design de referência, como, por exemplo, Moroso Lowland, Rodolfo Dordoni, Francesco Binfarè, Cassina, Bultap, Frau, Rimadesio, Effegibi e Dornbracht. Para além disso, o estúdio desenvolveu uma série de elementos personalizados para o espaço e para o cliente, que visam incorporar a sua identidade no espaço. O elemento de maior destaque é a imponente escada adjacente à sala de estar, em forma de “C”, que, devido aos seus traços, transmite movimento para o interior da casa, bem como luz natural proveniente da cobertura em vidro que leva ao terraço. A outra escada também é tratada como se fosse uma peça de mobiliário feita à medida, sendo totalmente aproveitada como espaço de arrumação e incluindo até uma mesa de estudo rebatível. É importante ter em conta que este projeto foi concluído em 2006, e, por isso, várias peças de mobiliário que hoje podem parecer datadas, tiveram, na sua época, grande relevância e impacto. Por fim, são principalmente as casas de banho que revelam as opções mais ousadas, desde os revestimentos até aos diversos tipos de lavatórios escolhidos.

Fig. 213.
Mesa de estudo rebatível,
Casa Leone. Foto
fornecida pelo estúdio.



Fig. 214.
Casa de banho, Casa
Leone. Foto fornecida
pelo estúdio.



Fig. 215 e 216.
Desenhos técnicos de
Ruffinoassociati: Casa
Leone.

A ligação do espaço com os objetos que o preenchem é um tema do design e da arquitetura que permite orientar os projetistas a prepararem um espaço à medida do seu cliente, fazendo com que ele se sinta em casa. O projeto da Casa Leone foi desenvolvido, desde o primeiro momento, com base neste princípio, resultando num espaço que espelha a identidade e a personalidade do cliente.

Considerações Finais

Este estágio revelou-se uma experiência extremamente enriquecedora, desempenhando um papel importante na conexão entre a formação académica e o mundo do trabalho no design de interiores. A oportunidade de realizar o estágio em Palermo, no estúdio Ruffinoassociati, permitiu não só o contacto com o panorama arquitetónico siciliano, como também a concretização do desejo de viver a experiência Erasmus+, numa cultura onde a arquitetura e o design de interiores têm uma ligação histórica marcante.

A integração no estúdio superou as expectativas, graças à receção acolhedora da equipa, que foi fundamental para a adaptação ao ambiente de trabalho e às exigências da área. O ambiente colaborativo e a partilha constante de conhecimento foram determinantes para o crescimento pessoal e profissional, preparando o caminho para desafios futuros na área do design de interiores.

Ao longo do estágio, foi possível aplicar conhecimentos adquiridos em contexto académico e explorar novas experiências práticas, como visitas a obras em desenvolvimento, levantamentos métricos e contacto direto com clientes e fornecedores. Esta experiência permitiu uma comparação direta entre as dinâmicas do ambiente académico e do mundo profissional, destacando-se o ritmo intenso e a participação simultânea em vários projetos. Além disso, proporcionou uma reflexão sobre as diferenças metodológicas com os estúdios em Portugal, que, geralmente, valorizam o uso de maquetes para a compreensão tridimensional do espaço, ao contrário do contexto siciliano, onde a sua execução é frequentemente dispensada. A criação de esboços é uma prática mais frequente, mas, no estúdio Ruffinoassociati, estes raramente são arquivados, o que justifica a ausência de material deste tipo para complementar a análise desenvolvida.

O tema central deste relatório foi o estudo das metodologias de projeto, com foco numa análise detalhada de alguns dos projetos mais emblemáticos do estúdio. O seu trabalho é essencialmente direcionado para o setor privado, no qual os projetos ha-

bitacionais têm um peso importante. O estúdio destaca-se pela atenção dada aos detalhes, sobressaindo-se a iluminação e a materialidade. Além disso, a relação com o mediterrâneo e o respeito pela pré-existência, a relação entre o interior e o exterior e a ligação entre o espaço e os objetos foram temas explorados, destacando a relevância destas questões para o estúdio e a importância de personalizar cada projeto em colaboração com o cliente.

Esta experiência de estágio foi extremamente enriquecedora, permitindo a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação acadêmica e incentivando a evolução de competências pessoais e profissionais no design de interiores. A análise dos projetos constituiu um elemento essencial para aprofundar o entendimento das metodologias de projeto e adquirir uma nova perspectiva sobre o design, contribuindo para uma preparação mais consciente e sólida para o desenvolvimento profissional nesta área.

Ángel Moratinos, M. (s.d.). The Mediterranean: Past, Present and Future. IEmed. Retirado em julho 30, 2024 de, <https://www.iemed.org/publication/the-mediterranean-past-present-and-future/>

Archdaily (2022). 15 Salas de estar abertas que conectam o interior com o exterior. Retirado em agosto 20, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/990725/15-salas-de-estar-abertas-que-conectam-o-interior-com-o-exterior>

Arquiteturaonline (s.d.). O que é: Materialidade arquitetônica. Retirado em agosto 13, 2024 de, <https://arquiteturaonline.com.br/glossario/o-que-e-materialidade-arquitetonica/>

Baeza, C. (2011). Pensar com as mãos. Casal de Cambra: Ed. Caleidoscopio.

Bagni, B. (2011). Uno sguardo dai tetti. Bravacasa, agosto, pp. 121-127.

Bianchi, F. (1991) L'architettura della luce. Roma: Ed. Kappa.

Braudel, F. (1985). O Mediterrâneo. Lisboa: Editorial Teorema.

Camparia (s.d.). La nostra storia. Retirado em novembro 5, 2024 de, <https://www.camparia.com/la-nostra-storia/>

Corradi. (2024, 28 de outubro). *Corradi FuoriStudio @Longho Design Concept Store - intervista a Ruffino, Calandra, Munna*. [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=l2F2kGUuN5I>.

Cristina Marques dos Santos, V. (2023). Neuroarquitetura: como o ambiente construído influencia o cérebro humano. Núcleo do Conhecimento. Retirado em agosto 13, 2024 de, <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/arquitetura/neuroarquitetura>

Crízel, L. (2023). Neuroarquitetura e materialidade: como o design de superfícies influencia a experiência humana. Archdaily. Retirado em agosto 13, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/1008439/neuroarquitetura-e-materialidade-como-o-design-de-superficies-influencia-a-experiencia-humana>

Cusumano wine cellars (2007). Viabizzunoreport, vol. 16, pp. 14-17.

Cutieru, A. (2020). Diluindo os limites entre arquitetura e desenho de mobiliário. Archdaily. Retirado em agosto 27, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/948040/diluindo-os-limites-entre-arquitetura-e-desenho-de-mobiliario>

Férrer Herbster Albuquerque, C. (2023). Neuroarquitetura e o potencial do ambiente construído para a saúde cerebral e a criatividade. Archdaily. Retirado em agosto 13, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/1002456/neuroarquitetura-e-o-potencial-do-ambiente-construido-para-a-saude-cerebral-e-a-criatividade>

Gemelle diverse (2023). Be SicilyMag, vol. 16, pp. 132-135.

Gran cancelliere (2013). iQArch, vol. 48, pp. 28-29.

Grande luce e scelte sostenibili (2023). Be SicilyMag, vol. 16, pp. 154-155.

Grobe, D. (2024). Arquitetura Mediterrânea: Guia essencial. Arquitetório. Retirado em setembro 3, 2024 de, <https://arquitetorio.com.br/estilo-arquitetura-mediterranea/>

Hertzberger, H. (1996). Lições de Arquitetura. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Homify (s.d.). Casas mediterrâneas: Ideias, Fotos, Projetos de Arquitetura, Construção. Retirado em julho 30, 2024 de, <https://www.homify.com.br/espacos/casas-estilo-mediterraneo>

Le Corbusier (2000). Por uma arquitetura. São Paulo: Perspectiva.

Lemos, S. (2023). Habitar a vitivinicultura no mediterrâneo. O design de interiores como estímulo no setor vitivinícola nas regiões do Alentejo e da Sicília. Tese de Mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Porto.

Maracci, L. (s.d.). Tagli di luce mediterranea. progetti. Retirado em janeiro 7, 2024 de, <https://www.rivistaprogetti.com/ruffinoassociati-tagli-di-luce-mediterranea/>

Martino, G. (2021). Estratégias de iluminação artificial em projetos de interiores. Archdaily. Retirado em agosto 6, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/962087/estrategias-de-iluminacao-artificial-em-projetos-de-interiores>

Molinari, L. (2017). Cantine da Collezione. Firenze: Forma Edizioni.

Nicita, P. (2010). Il nuovo look della cantina Cusumano in mostra alla Biennale di architettura. la repubblica, vol. 209, p.67.

Oddo, M. (2007). Architettura contemporanea in Sicilia. Trapani: Corrao Editore.

Peixoto, A. (2023). Studio Provenzano Architetti Associati. Cultura de projeto em Palermo - a lição de Carlo Scarpa e Siza Vieira. Tese de Mestrado. Escola Superior de Artes e Design, Porto.

Perez, T. (s. d.). Sicília – Itália. Constance Zahn. Retirado em novembro 2, 2024 de, <https://www.constancezahn.com/luca-de-mel/sicilia-italia/>

Prescia, R. (2014). Il restauro come atto critico: la ricostruzione di Palazzo Lanza-Trabia. Retirado em novembro 2, 2024 de, <https://iris.unipa.it/retrieve/handle/10447/99107/131294/Per%2038%20aprile%202014%20Prescia.pdf>

Ruffino Associati (2011). I love sicilia, vol. 70, p. 65.

RUFFINOASSOCIATI (s.d.a). Benetton. Retirado em setembro 5, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/spazi-commerciali-e-uffici/benetton/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.b). Camparia Lounge. Retirado em setembro 24, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/allestimenti-e-paesaggistica/camparia-lounge/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.c). Cantina Altamora. Retirado em setembro 13, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/winery/cantina-altamora/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.d). Cantina Cusumano. Retirado em setembro 7, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/winery/cantina-cusumano/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.e). Dimora Cala del Pozzo. Retirado em setembro 16, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/ospitalita-e-ristorazione/dimora-cala-del-pozzo/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.f). Loft A. Retirado em outubro 4, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/residenza/loft-a/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.g). Lo studio. Retirado em abril 9, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/lo-studio/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.h). Studio di Progettazione RUFFINOASSOCIATI. Retirado em janeiro 7, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.). Villa DV. Retirado em setembro 25, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/allestimenti-e-paesaggistica/villa-dv/>

RUFFINOASSOCIATI (s.d.i). Villa F. Retirado em setembro 18, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/allestimenti-e-paesaggistica/villa-f/>

RUFFINOASSOCIATI (2024a). Casa SR. Retirado em outubro 1, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/arredi-e-design/casa-sr/>

RUFFINOASSOCIATI (2024b). Dimora Cottanera. Retirado em setembro 21, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/allestimenti-e-paesaggistica/dimora-cottanera/>

RUFFINOASSOCIATI (2024c). Villa SZ. Retirado em outubro 20, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/allestimenti-e-paesaggistica/ville-mm/>

RUFFINOASSOCIATI (2024d). Ville M&M. Retirado em setembro 11, 2024 de, <https://www.ruffinoassociati.it/progetti/allestimenti-e-paesaggistica/ville-mm/>

São Paulo Construções (2023). A Harmonia Perfeita entre Espaços Internos e Externos. Retirado em agosto 20, 2024 de, <https://www.spcon.com.br/a-harmonia-perfeita-entre-espacos-internos-e-externos/>

Sennett, R. (2008). The Craftsman. New York: Kindle Edition.

Tanizaki, J. (1999). Elogio da Sombra. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Távora, F. (2008). Da Organização do Espaço. Porto: FAUP.

Valdata, D. (2012). Una finestra sul mare. I love sicilia, vol. 80, pp. 122-128.

Velux (s.d.). A luz na arquitetura e o poder de transformar espaços. Retirado em agosto 6, 2024 de, <https://www.velux.pt/artigos/luz-na-arquitetura>

Wikipédia (s.d.). Faraglione. Retirado em novembro 5, 2024 de, <https://it.wikipedia.org/wiki/Faraglione>

Wikipédia (2013). História da Sicília. Retirado em novembro 2, 2024 de, https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Sic%C3%ADlia

Wormald, J. (2024). Conectando o exterior ao interior: terrários em tamanho real e outras formas de contato com a natureza. Archdaily. Retirado em agosto 20, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/1011188/conectando-o-exterior-ao-interior-terrarios-em-tamanho-real-e-outras-formas-de-contato-com-a-natureza>

Zumthor, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili.

- Fig. 1, 2, 3 e 4.** Visualização 3D do projeto “Mugavero”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 5 e 6.** Visualização 3D do projeto “Terrasini”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 7, 8, 9 e 10.** Visualização 3D do projeto “Ciaccio”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 11 e 12.** Visualização 3D do projeto “Fundarò”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 13 e 14.** Visualização 3D do projeto “Davì”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 15, 16 e 17.** Visualização 3D do projeto “Gaglio Fara”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 18 e 19.** Visualização 3D do projeto “Cusumano Vinitaly 2024”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 20, 21, 22, 23 e 24.** Visualização 3D do projeto “Lo Giudice”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 25, 26, 27 e 28.** Visualização 3D do projeto “Pistoia”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 29 e 30.** Visualização 3D do projeto “Altavilla”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 31 e 32.** Visualização 3D do projeto “Crisafulli”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 33.** Visualização 3D do projeto “Ficuzza”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 34.** Visualização 3D do projeto “Gitto”. Imagem produzida pelo autor.
- Fig. 35.** Visita ao projeto em curso “Camparià”. Fotografia tirada pelo autor.
- Fig. 36.** Visita ao projeto em curso “Dimora Cottanera”. Fotografia tirada pelo autor.
- Fig. 37.** Visita, com clientes, aos fornecedores “Lo Bianco Marmi”. Fotografia tirada pelo autor.
- Fig. 38.** Acompanhamento do mobiliário produzido pelos colaboradores. Fotografia tirada pelo autor.
- Fig. 39.** Visita a um showroom para apresentação de novos produtos. Fotografia tirada pelo autor.
- Fig. 40.** Arquiteto Fabrizio Ruffino, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.
- Fig. 41.** Arquiteto Silvio Calandra, sócio fundador do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 42. Arquiteto Gioacchino Munna, sócio do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 43, 44 e 45. Interior do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 46 e 47. Exterior do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 48. Silvio Calandra, Fabrizio Ruffino e Gioacchino Munna, atuais sócios do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 49. Monte Pellegrino e Castello Utveggio. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 50. Ristorante Bye Bye Blues. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 51. Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 52. Tarde de trabalho no estúdio. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 53. Almoço temático no estúdio. Foto de Sofia Moinhos.

Fig. 54, 55 e 56. Detalhes do interior do estúdio Ruffinoassociati. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 57. Casa em Baião, de Eduardo Souto de Moura. Retirado em novembro 18, 2024 de, https://www.google.com/search?q=Eduardo+Souto+de+Moura++Casa+em+Bai%C3%A3o&sca_esv=cede7393a1f5fe97&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwjK4trwnei-JAxWHVaQEHS-OOSEQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=awiqZ0Q74bFI5M&vssid=mosaic.

Fig. 58. Restauro do Convento das Bernardas, de Eduardo Souto de Moura. Foto de Luís Ferreira Alves. Retirado em novembro 18, 2024 de, https://www.google.com/search?q=convento+das+bernardas&sca_esv=cd16e367692c841a&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwil69qxzeaJAxXTqQEHR7FDzcQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=FPqrOJfYPxHYM&vssid=mosaic.

Fig. 59. Casa no Centro Histórico de Guimarães, de Fernando Távora. Retirado em novembro 18, 2024 de, https://www.google.com/search?q=fernando+t%C3%A1vora+casa+no+centro+historico+de+guimaraes&sca_esv=6eb4e011673da749&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwjjw5zzyeaJAxUBfKQEHU-wmBkMQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=vecNv-F91LCnCBM&vssid=mosaic.

Fig. 60. Restauro do Convento de Santa Maria do Bouro, de Eduardo Souto de Moura. Foto de Luís Ferreira Alves. Retirado em novembro 18, 2024 de, https://www.google.com/search?q=souto+de+moura+restauro&sca_esv=6eb4e011673da749&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwj6-P__yuaJAxUVV6QE-HeT3G3sQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=PwMpb-cNuAbTVtM&vssid=mosaic.

Fig. 61. Benetton (Palazzo Gran Cancelliere). Foto de Fabio Gambina.

Fig. 62. Villa Szejnberg. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 63. Casa dell'Ulivo. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 64. Sala de reuniões, Benetton. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 65. Área de recepção, Benetton. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 66. Zona de escritórios, Benetton. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 67. Pavimento em vidro sobre os achados arqueológicos. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 68. Pavimento em pedra cinzenta da bacia mediterrânica. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 69. Escritório com teto abobadado, original do edifício. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 70. Casa de banho com pedra calcária preservada. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 71. Pátio tipicamente mediterrânico. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 72. Escritório, Benetton. Foto de Fabio Gambina.

Fig. 73, 74 e 75. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Benetton.

Fig. 76. Jardim e piscina. Local de convivência ao ar livre. Foto de Maurizio Zambito.

Fig. 77. Sala de estar, Villa Szejnberg. Foto de Maurizio Zambito.

Fig. 78. Pavimento em travertino branco bujardado. Foto de Maurizio Zambito.

Fig. 79. Nichos nas paredes, característicos de uma arquitetura ligada ao solo. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 80. Arestas arredondadas, características de uma arquitetura ligada ao solo. Foto de Maurizio Zambito.

Fig. 81, 82 e 83. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Villa Szejnberg.

Fig. 84. Alpendre com vista para o mar, Casa dell'Ulivo. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 85. Cozinha em ilha, Casa dell'Ulivo. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 86. Estante de livros que molda a passagem para os quartos. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 87. Janela horizontal na sala de estar: recorte intencional da paisagem. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 88. Terraço habitável: interação com a paisagem natural. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 89 e 90. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Casa dell'Ulivo.

Fig. 91. Oliveira, o elemento central da casa. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 92. Igreja da Luz, de Tadao Ando. Foto de Richard Pare. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://pragmatika.media/pt/im-enynnyk-dnia-volodar-betonu-tadao-ando/>.

Fig. 93. Casa Koshino, de Tadao Ando. Foto de Kazunori Fujimoto. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/804046/classicos-da-arquitetura-casa-koshino-tadao-ando/5107fc4eb3fc4b27200000c3-ad-classics-koshino-house-tadao-ando-photo>.

Fig. 94. Casa Koshino, de Tadao Ando. Foto de Kazunori Fujimoto. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=casa+koshino+tadao+ando&sca_esv=3510582108ce3b0c&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwjZ3qKyktWJAXUvR_EDHYHKEQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=SG9giPSSBUXYMM&vssid=mosaic.

Fig. 95. Kolumba Museum, de Peter Zumthor. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=Kolumba+Museum,+Peter+Zumthor&sca_esv=65c129acfcfb652&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwj-rLTagN6JAXXOKvsDHdkUCwoQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=AetFZTsWQUg_0M&vssid=mosaic.

Fig. 96. Piscina das Marés, de Álvaro Siza. Foto de Fernando Guerra. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0f3ce58ece20450001c2-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto>.

Fig. 97. Piscina das Marés, de Álvaro Siza. Foto de Fernando Guerra. retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0ed3e58ece02a000012e-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto?next_project=no.

Fig. 98. Cantina Cusumano. Foto de Pietro Savorelli.

Fig. 99. Ville Mallo. Foto de Eddy Luciano.

Fig. 100. Dimora Cusumano. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 101. Hall de entrada, Cantina Cusumano. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 102. Cave de armazenamento do vinho, Cantina Cusumano. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 103. Entrada abundante de luz natural nos escritórios. Foto de Pietro Savorelli.

Fig. 104. Zona de produção de vinho, Cantina Cusumano. Foto de Pietro Savorelli.

Fig. 105, 106 e 107. Desenho à mão da Cantina Cusumano, de Ruffinoassociati.

Fig. 108. Fachada principal: iluminação artificial. Foto de Pietro Savorelli.

Fig. 109, 110 e 111. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Cantina Cusumano.

Fig. 112. Sala de estar, Ville Mallo. Foto de Eddy Luciano.

Fig. 113. Poltrona UP 50, de Gaetano Pesce. Foto de Eddy Luciano.

Fig. 114. Fachada frontal: Ville Mallo. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 115. Iluminação artificial: Arco, de Flos e Simbiosi, de Davide Groppi. Foto de Eddy Luciano.

Fig. 116. Entrada abundante de luz natural na sala de estar. Foto de Eddy Luciano.

Fig. 117, 118 e 119. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Ville Mallo.

Fig. 120. Exterior: Ville Mallo. Foto de Eddy Luciano.

Fig. 121. Dimora Cusumano, localizada no meio das vinhas. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 122. Sala de estar, Dimora Cusumano. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 123. Um dos quartos, Dimora Cusumano. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 124. Escada de acesso ao piso -1, Dimora Cusumano. Foto de Sofia Moinhos.

Fig. 125. Sala de estar: iluminação artificial. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 126 e 127. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Dimora Cusumano.

Fig. 128. Casa em Alcobaça, de Aires Mateus. Foto de Fernando Guerra. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/785387/house-in-alcobaca-manuel-and-francisco-aires-mateus/570c728be58ece680500003b-house-in-alcobaca-manuel-and-francisco-aires-mateus-foto>.

Fig. 129. Termas de vals, de Peter Zumthor. Foto de Fernando Guerra. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/785387/house-in-alcobaca-manuel-and-francisco-aires-mateus/570c728be58ece680500003b-house-in-alcobaca-manuel-and-francisco-aires-mateus-foto>.

Fig. 130. Casa em Estrela, de Aires Mateus. Foto de João Guimarães. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/908291/casa-em-estrela-aires-mateus/5c1bee3208a5e516a3000ee8-house-in-estrela-aires-mateus-photo>.

Fig. 131. Pavilhão de Barcelona, de Mies van der Rohe. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/987856/redescobrimdo-o-pavilhao-de-barcelona-atraves-de-suas-inovacoes-materiais-aco-vidro-e-marmore/62f5483bf08dd1016fcf80c1-rediscovering-the-barcelona-pavilion-through-its-material-innovations-steel-glass-and-marble-photo>.

Fig. 132. Casa na Terra, de Aires Mateus. Foto de Nelson Garrido. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/918256/casa-em-monsaraz-aires-mateus/5cf186d0284dd1a8ba000037-casa-em-monsaraz-aires-mateus-foto>.

Fig. 133. Capela Bruder Klaus, de Peter Zumthor. Foto de Aldo Amoretti. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.archdaily.com.br/br/798788/capela-de-campo-bruder-klaus-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-aldo-amoretti/58136a43e58ece678a000188-peter-zumthors-bruder-klaus-field-chapel-through-the-lens-of-aldo-amoretti-photo>.

Fig. 134. Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 135. Dimora Cala del Pozzo. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 136. Casa Fiorito. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 137. Cave de armazenamento de vinho, Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 138. Espaço destinado a provas de vinho, Cantina Alta Mora. Fotografia tirada pelo autor.

Fig. 139. Receção, Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 140, 141 e 142. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Cantina Alta Mora.

Fig. 143. Exterior: Cantina Alta Mora. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 144 e 145. Por-do-sol, Dimora Cala del Pozzo. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 146. Sala de estar e receção, Dimora Cla del Pozzo. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 147. Zona de pequeno-almoço exterior, Dimora Cala del Pozzo. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 148, 149 e 150. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Dimora Cala del Pozzo.

Fig. 151. Entrada, Casa Fiorito. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 152. Ilha da cozinha revestida em pedra de lava. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 153. Painéis deslizantes que separam a sala de estar da cozinha. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 154. Casa de banho, Casa Fiorito. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 155. Jardim: imagem noturna. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 156 e 157. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Casa Fiorito.

Fig. 158. Casa Farnsworth, de Mies van der Rohe. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=Casa+Farnsworth,+de+Mies+van+der+Rohe&sca_esv=dbde45d60f3f4c4d&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwjg2K-G3tWJAXW_R_EDHdnIBS8QpwV6BAgDEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=Q19K3posmz8JkM&vssid=mosaic.

Fig. 159. Termas de Vals, de Peter Zumthor. Foto de Fabrice Fouillet. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=termas+de+vals&sca_esv=dbde45d60f3f4c4d&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwivicLe3tWJAXU6bPEDHT-vkOMoQpwV6BAgBEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=cTeLp6Fbt4TtTM&vssid=mosaic.

Fig. 160. Casa de Chá da Boa Nova, de Álvaro Siza. Foto de Nelson Garrido. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=casa+de+ch%C3%A1+da+boa+nova&sca_esv=cb07a7a3b160771b&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwibsbX34tWJAXVSVvEDHQESMBIQpwV6BAgEEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=GAm2mDj2Lcm6rM&vssid=mosaic.

Fig. 161. Kings Road House, de Rudolph Schindler. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=kings+road+house+by+rudolph+schindler&sca_esv=cb07a7a3b160771b&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwiitcLL69WJAXUifKQEHdGEI4gQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=05TFu1kHUEYebM&vssid=mosaic.

Fig. 162. Igreja sobre a Água, de Tadao Ando. Foto de Yoshio Shiratori. Retirado em novembro 11, 2024 de, <https://www.metalocus.es/en/news/nature-image-transcendent-church-water-tadao-ando>.

Fig. 163. Dimora Cottanera. Foto de Alfio Garozzo.

Fig. 164. Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 165. Villa Faragioni. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 166. Vista aérea, Dimora Cottanera. Foto de Alfio Garozzo.

Fig. 167. Um dos quartos. Conexão através dos materiais. Foto de Alfio Garozzo.

Fig. 168. Sala de estar, totalmente envidraçada. Foto de Alfio Garozzo.

Fig. 169. Jacuzzi exterior particular. Conexão com a natureza. Foto de Alfio Garozzo.

Fig. 170 e 171. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Dimora Cottanera.

Fig. 172. Fachada marítima da Tonnara, Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 173. Lounge, Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 174. Balcão do lounge, Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 175, 176 e 177. Lounge, Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 178. Decoração para um evento, Camparia. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 179 e 180. Lounge: ambiente noturno. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 181, 182 e 183. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Camparia.

Fig. 184. Zona de estar exterior, Villa Faraglioni. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 185. Grande janela na sala de estar, que proporciona uma vista deslumbrante para os *faraglioni*. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 186. Sala de jantar, Villa Faraglioni. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 187. Cozinha, Villa Faraglioni. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 188 e 189. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Villa Faraglioni.

Fig. 190. Le Cabanon, de Le Corbusier. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=Le+Corbusier,+Le+Cabanon&sca_esv=65c129acfcfb652&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwib-6G-hd6JAxWMU6QEHXlgCnIQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=vhlvUrMUXtsEM&vssid=mosaic.

Fig. 191. Unité d' Habitation, de Le Corbusier. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=le+corbusier+unit%C3%A9+d%27habitation+marseille+interior&sca_esv=65c129acfcfb652&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwjHvHj_N2JAxW7KvsDHRAXFmoQpwV6BAgDEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=CykmZS2prNCtNM&vssid=mosaic.

Fig. 192. Villa Planchart, de Gió Ponti. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=Villa+Planchart,+de+Gi%C3%B3+Ponti.&sca_esv=a1c2417e3bcb69eb&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwjrpLu1oN6JAxWTTaQEHaq2OzAQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=QjPv5YTz-rPSIM&vssid=mosaic.

Fig. 193. Fisher House, de Louis Kahn. Retirado em novembro 11, 2024 de, https://www.google.com/search?q=Fisher+House,+de+Louis+Kahn.&sca_esv=65c129acfcfb652&udm=2&source=Int&tbs=isz:l&sa=X&ved=2ahUKEwif4ZXo_d2JAx-WxaqQEHZGXKWsQpwV6BAgCEAc&biw=1920&bih=911&dpr=1#vhid=e0j5fVNmviZudM&vssid=mosaic.

Fig. 194. Casa Sorrentino. Foto de Benedetto Tarantino.

Fig. 195. Loft Aiello. Foto de Vittorio Giannella.

Fig. 196. Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 197. Casa Sorrentino. Foto de Benedetto Tarantino.

Fig. 198. Mesa Sarpi, de Carlo Scarpa. Foto de Benedetto Tarantino.

Fig. 199. Mesa Vintage LC6, de Charlotte Perriand, Le Corbusier e Pierre Jeanneret. Foto de Benedetto Tarantino.

Fig. 200. Cozinha desenhada à medida. Foto de Benedetto Tarantino.

Fig. 201. Quarto com mobiliário embutido. Foto de Benedetto Tarantino.

Fig. 202. Sala de estar, Casa Sorrentino. Foto de Benedetto Tarantino.

Fig. 203 e 204. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Casa Sorrentino.

Fig. 205. Lareira Gyrofocus, de Dominique Imbert. Foto de Vittorio Giannella.

Fig. 206. Quarto no mezanino, Loft Aiello. Foto de Vittorio Giannella.

Fig. 207. Sala de estar, Loft Aiello. Foto de Vittorio Giannella.

Fig. 208. Mezanino, Loft Aiello. Foto de Vittorio Giannella.

Fig. 209 e 210. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Loft Aiello.

Fig. 211. Sala de jantar, Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 212. Zona de estar junto à lareira, Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 213. Mesa de estudo rebatível, Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 214. Casa de banho, Casa Leone. Foto fornecida pelo estúdio.

Fig. 215 e 216. Desenhos técnicos de Ruffinoassociati: Casa Leone.

Anexos

I. Entrevistas

Este anexo contém as respostas das entrevistas realizadas pelo autor aos três sócios principais do estúdio Ruffinoassociati. Tradução livre.

Luís (L): Como começou o seu percurso na arquitetura? O que o levou a tornar-se arquiteto?

Fabrizio (F): Para dizer a verdade, comecei com alguns estudos de economia; na verdade, depois do instituto técnico comercial fiz dois anos de economia e comércio. Nessa altura, apercebi-me que a minha paixão era a arquitetura, por isso, desisti completamente dos estudos de economia e inscrevi-me em arquitetura. Entre outras coisas, sem uma educação clássica, onde, digamos, se pode construir sobre tudo o que fizemos no passado, incluindo o desenho. Foi por isso que comecei a estudar desenho, fui fazer um curso de desenho na Academia Beneditina aqui em Palermo, por isso, se tiver de responder o que me levou a tornar-me arquiteto, foi a paixão. Para ser exato, a minha paixão era o design industrial, por isso, falei com a professora de design industrial da faculdade de Palermo, na altura a professora Fundarò, mas, como na altura o design industrial não estava definitivamente maduro na Sicília, ela aconselhou-me a fazer primeiro arquitetura e depois a especializar-me em design industrial.

L: No início do seu percurso enquanto arquiteto houve alguma experiência que tenha mudado a sua forma de ver a arquitetura?

F: Mais do que uma experiência, no início da minha carreira de arquiteto, que mudou a forma como eu via a arquitetura, houve de facto uma experiência importante que me fez realmente compreender a arquitetura. De facto, no meu segundo ano de arquitetura, foi a época da Pantera em Itália, ou seja, a ocupação dos movimentos de reforma universitária. A faculdade esteve fechada durante cerca de seis meses, e foi uma experiência importante porque aproveitei a oportunidade para seguir um estaleiro de construção de forma precisa, pontual e diária, para ver o crescimento da minha própria arquitetura, que já tinha pensado e desenhado. Foi sem dúvida um ponto muito importante para o meu crescimento profissional e foi sem dúvida uma etapa importante.

Fabrizio Ruffino

Sócio fundador
do estúdio
Ruffinoassociati.

L: Como e quando nasce o estúdio?

F: O estúdio nasceu na época da minha graduação, na verdade, naquela época eu era muito próximo de Manfredi Leone, hoje professor da faculdade, com quem tinha estudado muitas matérias. Logo após a licenciatura, surgiu um grande trabalho e criamos o estúdio, que inicialmente se chamava ArchiMedia, e o Manfredi trouxe um terceiro sócio, Silvio Calandra, que conhecia muito bem o estúdio e também tinha experiência em design gráfico, pelo que completou a formação necessária para o estúdio. Portanto, estamos a falar de 1999 e, em 2005, Manfredi, que nessa altura se tinha tornado professor catedrático, já não podia dedicar tempo ao estúdio, pelo que a empresa foi dissolvida e nasceu Ruffino Associati, mudando também de localização, a localização atual, com a saída de Manfredi e a entrada de Gioacchino Munna, um homem jovem mas talentoso e brilhante.

L: Como caracteriza a filosofia de projeto do estúdio? Quais são as suas principais referências?

F: A característica do estúdio, a filosofia que definimos é a da arquitetura à medida, de facto tentamos sempre adaptar-nos às necessidades e indicações do cliente, mas o território, se existirem elementos pré-existentes, e as características tipológicas da arquitetura também desempenham um papel importante no projeto. Assim, cada uma das nossas arquiteturas é, de facto, bastante diferente da outra. A arquitetura está certamente muito ligada ao pormenor, à atenção, à matéria, aos espaços; no entanto, os elementos, digamos, do território, o cliente, as características tipológicas da arquitetura local tornam cada arquitetura única. Se falamos de referências, certamente que a minha experiência em Portugal, que durou quase um ano, me caracterizou fortemente, digamos, na minha conceção e abordagem, certamente que um dos mestres da arquitetura, para mim o principal mestre, é Mies Van der Rohe.

L: Quais são os projetos que considera mais importantes no percurso do estúdio e porquê?

F: O projeto mais importante da minha carreira é, sem dúvida, o primeiro grande projeto, a Cantina Cusumano. Uma adega concebida de raiz, ainda muito jovem, onde a criatividade e, diga-

mos, os testes cuidadosos, com grande atenção à tecnologia, à funcionalidade, foi uma grande responsabilidade porque a Cusumano confiou-me um projeto importante que também marcou um salto de qualidade para eles. Portanto, foi certamente o projeto mais importante para o estúdio, para o crescimento, e durante muitos anos foi, digamos, o projeto de referência. Depois, digamos, ao longo do tempo, felizmente, muitos projetos foram acrescentados ao nosso portfólio e, por isso, dizemos que são muitos e, de alguma forma, cada um dá alguma coisa, deu alguma coisa e continua a dar, porque, na verdade, o estúdio nunca sente que atingiu um ponto máximo, temos sempre este prazer de redescobrir e de pesquisar e de avançar.

L: Como começa o projeto e de que forma evolui? Como conciliam a parte criativa com a parte prática (orçamentos e regulamentos)?

F: O projeto parte sempre da análise, da análise do território, da análise da necessidade, da análise das funções e da parte administrativa do que a administração pode efetivamente permitir. É evidente que a parte criativa tem uma importância considerável e deve, de alguma forma, infelizmente, estar sempre bem relacionada com o orçamento e com os regulamentos, que são, de alguma forma, as margens de um rio que temos de deixar correr, deixar fluir para que haja, digamos, uma planificação, uma criatividade que, de alguma forma, digamos, dê alma ao projeto.

L: Como vê a ligação entre a arquitetura e o design de interiores?

F: A ligação entre a arquitetura e o design de interiores é fundamental. Quando pensamos numa arquitetura como um estúdio, pensamos nela em todos os sentidos, ou seja, pensamos desde o início como será o seu interior, como será construída, como será mobilada, como será acabada em termos de materiais e tudo isso é, digamos, toda a parte do design de interiores. Na verdade, muitas vezes desenhamos muito do mobiliário para a arquitetura, por isso, para nós, a ligação é muito forte. Não há arquitetura sem a sua função, sem as suas necessidades, sem um, digamos, se quisermos usar um termo muito contemporâneo, um estado de espírito ligado também ao interior; não é uma

caixa, não é um objeto, não é absolutamente apenas um elemento do território, mas é também, digamos, algo que vive e que faz as pessoas viverem.

L: Como funciona a dinâmica de trabalho da equipa? E como funciona a colaboração com as outras áreas?

F: Nunca projetei sozinho, sempre iniciei a minha atividade com uma comparação, com um trabalho de equipa, em que a nossa forma de abordar o projeto em 360°, desde a engenharia da planta, aos acabamentos, à parte técnica, à parte administrativa, e portanto o nosso trabalho é sempre um trabalho de equipa, em que nos apoiamos claramente em figuras com as quais temos relações consolidadas de confiança e de aperfeiçoamento das necessidades, que nos acompanham em tudo e por tudo. Em suma, para nós a atenção aos sistemas é muito importante porque a tecnologia é importante para nós mas não gostamos de a ver, não deve estar demasiado presente no projeto, tal como nós dizemos que toda a estrutura deve estar lá, mas nas nossas arquiteturas, digamos que a estrutura raramente é lida, mas é integrada e portanto não deve de forma alguma condicionar o projeto mas deve ser o resultado de um casamento com a própria arquitetura, para que caminhem juntos.

L: Como é feito o acompanhamento na fase de construção? De que forma garantem que as intenções de projeto são mantidas e que medidas implementam para garantirem um padrão de qualidade?

F: Para controlar a fase de construção e ter a certeza de que o projeto é realmente aquele que foi pensado e que garante precisamente toda a qualidade que foi pensada e de alguma forma prevista, a única forma é seguir a gestão da construção. De facto, para nós, o estúdio liga o projeto à gestão da construção de uma forma indissolúvel, e nunca pensamos num projeto feito de um momento que termina com o desenho, mas pensamos sempre que depois há uma gestão da construção que verifica, controla e, se necessário, também ajusta. De facto, acontece por vezes que é preciso fazer variantes e, por isso, é necessário ter a dignidade e a humildade de perceber que algo pode ter escapado ao desenho, ou pode não ter sido elaborado da melhor

maneira possível, e intervir para ajustar o desenho e, portanto, o objetivo do desenho.

L: Como é gerido o envolvimento do cliente no projeto? De que forma conciliam as suas expectativas com a visão de design do estúdio?

F: O cliente é, antes de mais, muito escutado, depois, a partir da escuta e, claramente, a partir da nossa parte de conceção, é gerado o projeto, depois continuamos a escutar o cliente, mas, muitas vezes, aquilo a que chamamos, de facto, processo de conceção, é uma fase sem qualquer presunção, mesmo educativa, é também um processo em que, muitas vezes, tentamos “educar”, explicar o projeto e, portanto, manter sempre o cliente informado da razão de cada uma das escolhas, precisamente para que nunca pareça uma peculiaridade do arquiteto, mas, fundamentalmente, uma escolha do arquiteto, portanto, um elemento do projeto. Assim, tentamos sempre envolver o cliente nas várias escolhas para as partilhar, para podermos criar um projeto que seja do cliente e não do arquiteto, no sentido em que o vosso projeto deve ser um projeto que se adapte perfeitamente ao cliente quando concluído e entregue, e não um projeto concebido para o arquiteto, ao qual o cliente deve depois adaptar-se de alguma forma, em termos de sensações, experiências, espaços e funções. É evidente que, muitas vezes, o nosso papel é conseguir coordenar os desejos, muitas vezes fortemente contraditórios, do cliente, bem como as funções, pelo que racionalizar um pouco tudo o que é a parte funcional da arquitetura é fundamental, e são esses momentos em que o envolvimento do cliente o torna participante e consciente de todas as escolhas que são feitas durante o projeto.

L: Questões como a sustentabilidade ou outras considerações sociais têm influência nas vossas decisões nos projetos?

F: Quando se fala de sustentabilidade, hoje em dia, a palavra é muito utilizada, talvez até um pouco demais, mas é evidente que a sustentabilidade é fundamental. Hoje, temos um planeta que estamos a envelhecer com uma rapidez impensável, desumana; consumimos a um ritmo que antes era de anos e

hoje é de dias, poluímos e tudo o que conhecemos. É evidente que a arquitetura deve também ter um compromisso importante para travar este caminho de consumo do planeta que iniciámos fortemente nos anos anteriores. Há mais de 10 anos, quando ainda se discutia qualidade e eco sustentabilidade, iniciámos o nosso percurso com a CaseClima, que conhecemos com cursos em Bolzano. A partir daí, digamos que a grande sustentabilidade sempre nasceu. Depois, com o tempo, apercebemo-nos de que a sustentabilidade não é apenas uma questão de poupança de energia, mas de muitas coisas, por isso adoramos o 0 km, a arquitetura tradicional que, de alguma forma, ao longo do tempo, conseguiu muitas vezes criar condições ideais sem grande desperdício e sem grande sofrimento, e adoramos redescobrir os materiais da terra.

L: Como é que o estúdio aborda a seleção dos materiais para cada projeto?

F: A questão da seleção do material, em alguns aspetos, também é indissociável. Nós adoramos o material, começámos a trabalhar com resina, por exemplo, quando, embora não seja certamente o material mais sustentável do ponto de vista ambiental, é uma falsificação, para a primeira utilização real da resina, esta escolha foi feita porque nos permitiu não demolir, mas cobrir o existente e, por conseguinte, reduzimos muito a fase de demolição e de resíduos, portanto, nem sempre é ecológico, eco sustentável ou sustentável em geral, o que significa verde, mesmo que tenhamos de entender 0 km, mesmo que seja precisamente a escolha de materiais que viajam dois, três mil quilómetros num camião, mesmo que seja eco sustentável, no final, no balanço real, não o somos. Por isso, é preciso ter muito cuidado neste aspeto, por isso, mesmo na escolha dos materiais, é evidente que tudo isto desempenha um papel importante. Depois, precisamente devido à paixão pelo tema, que todos temos, a investigação é contínua e é sempre feita dia após dia, por isso, temos curiosidade por tudo o que é novo e por tudo o que é velho, no sentido em que temos curiosidade por todos os materiais tradicionais, talvez reinterpretados, repensados, muitas vezes revistos e corrigidos nos seus aspectos técnicos, no sentido de que estamos intrigados com todos os materiais tradicionais, talvez reinterpretados, repensados, muitas vezes revistos e corrigidos

nos seus aspectos técnicos, porque talvez possamos dar-nos ao luxo de os manusear de uma forma diferente, e por outro lado também por toda a parte inovadora, que podem ser materiais novos, materiais tecnologicamente de alto desempenho, temos sempre o cuidado precisamente de criar sempre uma arquitetura que seja também vanguardista, que tenha o melhor desempenho e que seja agradável.

L: Como é tratada a iluminação e como a combinam com a luz natural?

F: Sobre a iluminação e a forma como lidamos com a iluminação, digamos que se abre aqui um pequeno capítulo. Resumidamente, podemos dizer que nós, enquanto estúdio, sempre estivemos muito, muito atentos à iluminação, mesmo quando não se falava de iluminação. De facto, nos primeiros anos, no final dos anos 90, quando começámos a explorar o mundo da iluminação arquitetónica, juntamente com a Viabizzuno, começámos a descobrir como se podia fazer muita luz com gesso cartonado, com ranhuras, com cortes, com buracos, e fazer desaparecer um pouco o que era o corpo de iluminação, mas trabalhar com a luz, trabalhar com as sombras, e, portanto, foi uma experiência maravilhosa. Hoje em dia, esse efeito foi um pouco reduzido, porque digamos que fomos um pouco longe demais na vontade de esconder o corpo de iluminação, ele não devia estar lá, não devia estar presente de forma alguma. Mas, de vez em quando, a luminária tem de estar lá, faz parte do design, do artefacto, do edifício, mas continua a ser a escola de Mario Nanni e todo o mundo da tecnologia da iluminação que ele trouxe, onde, digamos, o fundamental é a forma como a luz é utilizada, assim como nas várias funções do dia, luzes diferentes, portanto, luz artificial, luz natural, integrando a luz natural com a luz artificial se necessário, mas também prestando atenção às temperaturas, que a tecnologia atual nos permite variar de uma forma fácil, bastante prática, e que pode, portanto, permitir-nos também jogar tanto com a cor como com a intensidade da luz.

L: A maior parte dos projetos desenvolvidos pelo estúdio encontram-se na Sicília e uma grande parte deles são trabalhos de restauro. Que aspetos costumam ter em atenção

na preservação da pré-existência e da cultura arquitetónica siciliana?

F: A maior parte dos projetos desenvolvidos pelo estúdio são certamente na Sicília, e são frequentemente renovações, são obras de restauro. As obras são de restauro porque, na Sicília, constrói-se muito pouco hoje em dia, porque no passado construímos um pouco demais, por isso já saturámos as necessidades de construção no território e, portanto, muita arquitetura do passado precisa de ser recuperada, precisa de ser funcionalizada, precisa de ser restaurada. Infelizmente, isto também é muitas vezes um excesso, talvez devêssemos demolir para reconstruir de vez em quando, e seria também uma solução mais racional, mais fácil, mais económica. Hoje em dia, em Itália, conservamos demasiadas vezes as pedras, mesmo quando essas pedras não têm qualquer história no seu interior, mas o facto de o nosso empenho ser maior na Sicília é basicamente um facto logístico, tendo nascido na Sicília e estando sediados na Sicília, é evidente que a maior parte do estudo, ou seja, o trabalho do estudo é na Sicília.

L: De que forma o estúdio se adaptou à evolução da arquitetura e quais foram os principais desafios?

F: É simples, nós, como já referi, nunca parámos na nossa investigação e continuamos a nunca parar na nossa investigação. O estúdio nunca sentiu que chegou ao fim da linha ou digamos a um ponto culminante, mas continuamos a investigar, a evoluir a nossa arquitetura, a adaptá-la aos tempos, às necessidades. Este é o nosso grande desafio, nunca sentir que atingimos um ponto culminante, mas colocarmo-nos sempre em jogo, colocarmo-nos à frente de cada projeto como se fosse o primeiro, estudá-lo com a frescura que acreditamos ser fundamental em cada projeto.

L: De que forma espera que o estúdio seja recordado na comunidade arquitetónica?

F: Espero que, antes de mais, a comunidade arquitetónica se lembre de nós e, no fundo, espero que possam pensar que, de alguma forma, demos um contributo, ainda que pequeno, para o crescimento e a evolução da arquitetura.

L: O que torna cada projeto único e qual o cunho do autor?

F: O que torna um dos meus projetos único, já o disse antes, o projeto para nós é único porque cada projeto está ligado ao cliente, está ligado ao território, está ligado às características tipológicas locais do projeto, está ligado aos materiais do território e, portanto, cada projeto, mesmo que se percorra um pouco todas as nossas obras, isto surge imediatamente. A marca do autor é a capacidade de ser capaz de coordenar estes diferentes elementos no projeto, é muito simples de pensar, é um pouco como um chefe de cozinha, cozinhar em Palermo, cozinhar em Marraquexe ou cozinhar em Paris, ou em Bruxelas, sem trazer ingredientes de casa, mas com ingredientes locais, e para as pessoas locais comerem.

L: De uma forma mais pessoal, qual foi a maior lição que aprendeu ao gerir o estúdio e o que teria feito de forma diferente?

F: Começo de forma diferente. Tendo criado o estúdio a partir do zero e não vindo de um estúdio familiar, cometi claramente muitos, muitos erros. Certamente que um pouco mais de força no início teria sido mais útil, certamente que desde o início olhar um pouco mais para o estrangeiro, olhar um pouco mais para fora da Sicília também teria sido útil, mas foi há 25 anos, por isso muitas coisas também eram diferentes. Por isso, não me arrependo de nada, porque não creio que se pudesse ter feito muita coisa de forma diferente, mas se hoje tivesse de dar um conselho a esse arquiteto de há 25 anos, tê-lo-ia encorajado a olhar um pouco mais para o exterior, mesmo que se trate de um conceito relativo, e viajar para mim é um dos elementos mais importantes da minha educação e formação. Como não era arquiteto, peguei na minha mochila e fui sozinho ver a arquitetura de Kahn, Le Corbusier, Paris, ver parte de França, só para poder ver o interior e não apenas no papel. A curiosidade é o elemento fundamental de um arquiteto, por isso estava curioso para ver estas arquiteturas e comecei, a partir desse momento, a aproveitar todas as oportunidades para as visitar, explorá-las, vê-las em alturas diferentes. A gestão do estúdio é complexa, porque gerir um estúdio é realmente um negócio para todos os efeitos, temos muitas responsabilidades, hoje somos 11, por isso, quer

queiramos quer não, temos 11 pessoas a quem temos de garantir de alguma forma serenidade, fiabilidade, confiança, um sentimento de pertença. Tentamos ser, tanto quanto possível, uma grande família, e é também por isso que não fazemos pausas para almoço, mas ficamos todos no estúdio, porque talvez estes momentos de convívio sejam muito importantes para que a equipa trabalhe melhor, e acho que isso é muito importante.

L: De que forma vê o estúdio no futuro, a curto e longo prazo?

F: No futuro, vejo uma boa época, a começar pelo facto de a minha natureza querer sempre o copo meio cheio e não meio vazio. Em conclusão, vejo um bom futuro para o estúdio, porque o território está a dar muito, vejo que há um grande interesse dos investidores estrangeiros, vejo que há um grande interesse em valorizar finalmente o território siciliano, que durante tantos anos foi apenas explorado. Vejo claramente cada vez mais um olhar para fora da Sicília, devido a uma série de contactos que foram construídos ao longo do tempo e que espero poder de alguma forma praticar o estudo com contaminações de cada indivíduo.

Luís (L): Como começou o seu percurso na arquitetura? O que o levou a tornar-se arquiteto?

Silvio (S): Tudo começou com a minha curiosidade incessante. Desde criança, fiquei constantemente espantado com a extraordinária capacidade de construção do ser humano, observava com admiração estruturas como túneis, pontes, casas, igrejas e sobretudo grandes fábricas ou edifícios industriais: creio que foi daí que nasceu a minha paixão pela arte e pela arquitetura, embora só muito mais tarde tenha associado estas disciplinas. A minha formação não teve nada a ver com a arquitetura e muito menos com a arte. Inicialmente, estudei num liceu técnico, estava fascinado pelos computadores e por toda a nova tecnologia que estava a surgir. Mas a minha curiosidade levou-me a descobrir um mundo diferente através de um professor de desenho técnico que me fez desenhar pela primeira vez o templo do Partenon, em Atenas. Ao mesmo tempo, estava a ser lançado o filme “Blade Runner” de Ridley Scott. A cidade estava perpetuamente envolta em nevoeiro produzido pela poluição, que ofuscava o sol e produzia chuva contínua. As ruas, sujas pela chuva, estavam cheias de veículos e pessoas de todas as etnias. Apercebi-me, então que aquilo que mais me fascinava em criança podia tornar-se um caminho, uma viagem que me levaria, talvez um dia, a realizar as obras que me fascinavam em criança. Arranha-céus modernos e indústrias a erguerem-se ao lado de edifícios mais antigos, na sua maioria em ruínas e adaptados às “novas tecnologias” através de tubagens nas fachadas exteriores, era isto que eu tinha dentro de mim e que queria trazer para fora.

L: Quais são as suas principais referências?

S: Um curso universitário, onde as relações estavam em primeiro lugar, relações com as pessoas, com a arquitetura, com a história da arte e da arquitetura antiga e contemporânea. O encontro com arquitetos já consagrados, a sede de conhecimento, levou-me a participar em conferências internacionais em diferentes cidades europeias, uma série de conferências organizadas por Francesco Dal Co, nas quais tive a sorte de conhecer grandes homens, em primeiro lugar Philip Johnson, Mario Botta, Peter Eisenman e Aldo Rossi. Participei no projeto Erasmus fazendo uma experiência em Portugal na Escola Superior de

Silvio Calandra

Sócio fundador
do estúdio
Ruffinoassociati.

Arte e Design de Matosinhos. Assim que me formei, trabalhei no estúdio de Teresa Cannarozzo, fazíamos planeamento urbano, não gostei muito, mas foi aí que conheci Fabrizio Ruffino e Manfredi Leone com quem, pouco tempo depois, fundámos o nosso estúdio de arquitetura.

L: Qual é o ponto mais importante de um projeto? E porquê?

S: A minha abordagem à arquitetura é filosófica e humanista. A arquitetura deve responder às necessidades humanas básicas e que a essência de um edifício deve ser revelada através da sua estrutura e utilização, através da luz. O projeto não é mais do que uma série de passos, tropeços, regressos, voos e quedas, todos eles destinados a atingir este fim, pelo que todos os esforços e todas as energias devem ser dirigidos para este objetivo. O homem é o centro da arquitetura, o homem é o centro do projeto, tudo gira à sua volta, envolve-o, exalta-o, define-o, completa-o até que se crie uma relação entre o edifício e o homem.

L: Como vê a ligação entre a arquitetura e o design de interiores?

S: É a mesma ação, o mesmo espírito, o mesmo caminho, não gosto de separar os dois momentos, são engrenagens de um mesmo mecanismo virtuoso e maravilhoso.

Luís (L): Como começou o seu percurso na arquitetura? O que o levou a tornar-se arquiteto?

Gioacchino (G): Formei-me na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Palermo em 2010; durante os anos universitários trabalhei num escritório de arquitetura especializado em grandes estruturas e paisagismo e, logo após a licenciatura, conheci a Ruffinoassociati, inicialmente para uma colaboração em projectos e depois para uma colaboração permanente que me levou, ao longo dos anos, a tornar-me sócio do estúdio juntamente com o Fabrizio e o Silvio. A minha paixão pela arquitetura começou quando era criança, o meu pai também é arquiteto e comecei a frequentar o seu estúdio em criança, onde os primeiros computadores e impressoras representavam algo de mágico e espantoso aos meus olhos, uma paixão que cultivei ao longo dos anos, à medida que fui crescendo.

Gioacchino Munna

Sócio do estúdio
Ruffinoassociati.

L: Quais são as suas principais referências?

G: Tive a oportunidade de me aproximar do estudo e do conhecimento de diferentes estilos e arquitetos, de Wright a Louis Kahn, de Tadao Ando à escola portuguesa com Souto de Moura e Siza, este último com um papel fundamental porque o estilo da Ruffinoassociati tem um toque mediterrânico com referências e elementos da arquitetura contemporânea.

L: Qual é o ponto mais importante de um projeto? E porquê?

G: Uma ligação eficaz com o cliente, toda a boa arquitetura nasce de uma necessidade, e essa necessidade não é (nem pode ser) do arquiteto, ela inicia um caminho partilhado em todas as suas partes, onde cada um traz as suas capacidades e competências para a realização de um objetivo que, nesse momento, se torna comum.

L: Como vê a ligação entre a arquitetura e o design de interiores?

G: É uma ligação inseparável, o invólucro e o conteúdo são duas partes da mesma coisa a que podemos chamar arquitetura, algo que só é bonito de se ver pode ser equiparado a uma obra de arte, o interior, neste sentido, é a parte de conclusão de um bom projeto, porque o torna utilizável, dobrando-se às regras do próprio projeto, seja ele qual for.

II. Memórias descritivas dos projetos

Este anexo contém as memórias descritivas dos projetos analisados, escritas pelos projetistas responsáveis. Tradução livre.

Luciano Benetton, animado pelo desejo de uma renovação do centro histórico e com uma confiança na recuperação superior à da maioria dos habitantes de Palermo, manifestou o desejo de capitalizar uma renda considerável para comprar uma sede em Palermo e encarregou a empresa de encontrar instalações adequadas às suas necessidades.

A procura não foi fácil, porque era necessário um grande espaço, possivelmente não em muitos níveis. Tratava-se, portanto, de um edifício de grandes dimensões, com características arquitetônicas monumentais significativas, bem servido pelo sistema viário e que permitisse um estacionamento fácil.

Desde o início, o projeto mereceu a atenção do Presidente Luciano Benetton, que eu descobri ter um pedaço do seu coração em Palermo.

Lembramo-nos bem da expectativa do presidente na sua primeira visita ao local, a sua presença estava claramente ligada ao desejo de garantir que o local de Palermo seria um grande espaço de acordo com os parâmetros da Benetton, e as expectativas não foram claramente defraudadas.

Nas visitas que se seguiram à primeira, a atenção foi sempre máxima, do particular para o geral, com grande atenção também à engenharia das instalações e à contenção dos consumos para um cuidado e respeito pelo ambiente, o que também foi confirmado em muitas outras ocasiões.

Com Gran Cancelliere, conseguimos desenvolver 1800 metros quadrados em apenas dois níveis, diretamente ligados ao Casaro, via Papireto, via Maqueda e piazza Giuseppe Verdi, mais conhecida como piazza Massimo, com um amplo espaço de estacionamento e, por último, mas não menos importante, com a possibilidade de assumir uma série de achados arqueológicos documentados, desde Palermo púnico até aos dias de hoje, passando pelo século XIV e Palermo normando.

**Benetton
(Pallazo Gran
Cancelliere)**

O espaço tem basicamente dois níveis, com um apêndice no menos dois para a sala de reuniões sobre o sítio arqueológico de Palermo Púnico.

Entra-se pela Via Celso, desce-se uma prestigiada escadaria de pedra e entra-se na sala de exposições. O objetivo era fragmentar o espaço o menos possível: grandes salões criados pela junção de duas salas de cada vez servem muitas vezes de área de vendas, enquanto os escritórios são protegidos por cortinas de vidro, e ninguém o poderia ter feito melhor do que Rimadesio.

O pavimento de todas as salas mantém o mesmo revestimento, uma pedra cinzenta da bacia mediterrânica, extraída na costa norte-africana e cortada em ripas para uma interpretação mais contemporânea. As paredes também têm um único revestimento, um marmorino de cal cinzento, uma combinação da tradição veneziana e de um marmorino do século XIX com influências do *tadelakt* magrebino.

A realçar o conjunto estão os candeeiros da Viabizzuno, que, graças a um estudo cuidadoso com a colaboração do estúdio Ruffinoassociati com Upo, conseguiram um bom nível de iluminação, mantendo um consumo muito baixo.

A habitar os espaços estão os móveis da série Alias Fraim, que diferem na cor consoante a marca.

Por ocasião da visita de inauguração, num dia passado na companhia do Presidente Luciano Benetton, que decorreu serenamente e sem momentos de constrangimento ou formalismo, uma das perguntas do Presidente foi: como é que as instituições lidam com escolhas corajosas que permitem a recuperação do património arquitetónico e que trazem para o centro histórico um impacto e uma fruição reduzidos, mas que permitem às pessoas viverem esta área? Respondemos que a única atenção estava centrada na obtenção de um convite para a noite de abertura.

Silvio Calandra

Uma ilha de elegância, o projeto de moradia em Palermo.

No coração de Palermo, Ruffinoassociati realizou uma moradia que encarna a essência da Sicília, um projeto que combina harmoniosamente tradição e modernidade, inspirado na paisagem e na cultura locais. O pedido do cliente estrangeiro era precisamente o de ter uma casa com as características de uma arquitetura mediterrânica contemporânea. A estrutura espacial desenvolve-se em torno de três pátios, acentuados por muros de pedra seca de origem local, aspeto que por si só cria uma forte ligação com o território, devido aos materiais utilizados, e de um ponto de vista essencialmente orgânico.

Os volumes, as arestas arredondadas e as texturas suaves e naturais da moradia contribuem para um ambiente acolhedor e confortável. A presença do verde é central no projeto: três coberturas ajardinadas no primeiro nível permitem um contacto constante com a natureza, criando uma continuidade visual com o Monte Pellegrino. A utilização de materiais naturais é fundamental neste projeto. No exterior, os passadiços em travertino branco bujardado, recordam as estradas pavimentadas e poeirentas das ilhas mediterrânicas, enquanto a teca utilizada no grande solário, confere calor e resistência. A grande piscina, em pedra de lava, é um elemento de requinte e de ligação aos recursos locais. Uma casa com emissões zero, recuperação de águas pluviais reutilizadas para rega, energia fotovoltaica e solar térmica, aquecimento a baixa temperatura e isolamento térmico fazem deste artefacto uma excelência em termos de sustentabilidade ambiental.

O interior da moradia não é menos impressionante. Os nichos esculpidos nas paredes criam um ambiente acolhedor e orgânico, com uma luz suave que realça os materiais naturais. O pavimento em parquet recuperado dá um toque de sustentabilidade e história, enquanto as superfícies contínuas nas casas de banho e na cozinha oferecem uma sensação de fluidez. Os revestimentos de parede, em cerâmica feita à mão, dão um toque de artesanato e singularidade. O mobiliário, concebido e desenhado por Ruffinoassociati especificamente para esta moradia, completa a harmonia geral, integrando-se perfeitamente na

Villa Sztejnberg

Casa dell'Ulivo

estética e na filosofia do projeto. Cada pormenor foi concebido para valorizar a relação com a natureza e o contexto local, criando uma residência simultaneamente moderna e profundamente enraizada na tradição da ilha.

Este projeto não é apenas uma casa, mas um tributo à paisagem siciliana, um lugar onde o passado e o presente se encontram, oferecendo uma experiência de vida única e inimitável.

Silvio Calandra

A Casa dell'Ulivo é o primeiro projeto real completo e já engloba todos os princípios que viriam a orientar o meu design ao longo dos anos. Construída em torno de uma oliveira local pré-existente, a casa desenvolve-se num pátio com vista para o mar num dos lados. Respeita as características tipológicas da zona e os materiais. É toda branca e tem um grande pátio que dá as boas-vindas e que tem vista para todas as funções principais, com a referida oliveira no centro. A planta é mesmo em "U". Num ramo fica a cozinha e os serviços, noutro a zona de dormir, e a eles junta-se a receção, que se abre para a vista do mar e do pôr-do-sol. Aproveitando o declive natural, o piso da cave abre-se parcialmente para o território, permitindo uma grande área para hóspedes.

A estrutura é em alvenaria, e uma escada em alvenaria dá acesso à cobertura. Observatório, sala de reflexão. Os interiores são revestidos com soalho de madeira e revestimentos de parede em mármore local e majólica típica da Sicília.

Fabrizio Ruffino

Cantina Cusumano

O projeto das caves Cusumano é um percurso iniciado em 2002, dois anos antes do lançamento da primeira pedra, um percurso muito exigente que viu um confronto contínuo com os muitos aspetos que envolvem um projeto com estas características, onde a tecnologia e a imagem competem constantemente por uma difícil supremacia.

Um percurso que, como qualquer outro compromisso de design do gabinete Ruffinoassociati, foi desenvolvido em contacto direto com o cliente, para poder realizar um projeto com as capacidades e as competências para permitir ao utilizador viver dentro dele.

O processo envolveu naturalmente o escritório na aquisição de todas as noções fundamentais para a criação de um espaço técnico, obtidas graças ao apoio do enólogo Mario Ronco e dos irmãos Cusumano, Alberto e Diego, e através de visitas a várias adegas em Itália e no estrangeiro, com dias inteiros passados na adega Cusumano pré-existente, para identificar fluxos e necessidades, com longas reuniões com as empresas fornecedoras de toda a tecnologia fundamental, para compreender o uso, as funções e os ciclos de um processo complexo que parte da terra e chega ao paladar.

Após esta fase inicial de investigação, foi possível criar uma rara harmonia, que viu a relação consolidar-se, criando infinitas oportunidades de projeto entre a Ruffinoassociati Architetti e a Cusumano, desde o desenho do stand da *Vinitaly* aos armazéns rurais, desde o desenho da conduta de esgoto à escolha dos talheres, até às caves Partitico e Ficuzza.

O primeiro modelo plástico produzido foi um elemento abstrato, composto por uma tábua de carvalho, uma barra de aço inoxidável e um pedaço de couro que, dispostos aparentemente ao acaso, já marcavam a forma do que viria a ser o projeto final, onde o carvalho representa a tradição, a madeira, a passagem do vinho, com a atribuição de um contributo organolético olfativo único, o aço representa a inovação que marcou o ponto de viragem para o vinho na Sicília porque, combinado com o controlo da temperatura, tornou possível a produção de vinhos de qualidade onde a tradição queria apenas vinhos de lote ou de armazenamento, enquanto o couro representa o lado humano, a es-

sência fundamental, a vontade das pessoas e o seu calor como componentes-chave para que tudo isto se tornasse realidade.

Como já foi referido, os dois anos de projeto foram um percurso de formação mútua, orientado para a investigação e, portanto, para a formação do que é hoje o estilo Cusumano, uma fusão perfeita da vontade mútua do designer e do cliente.

Um projeto feito de materiais, pedras naturais, tipos arquitetónicos resultantes de milénios de diferentes domínios na Sicília, cada um dos quais deixou um vestígio feito de cores, um elemento da paisagem mediterrânica, fundido com luz e sombras.

Deste último elemento, nasce a escolha da Viabizzuno, empresa que melhor exprime o conceito de luz aderente ao projeto, não feito de luminárias e candeeiros, mas onde a essência é a própria luz, onde a sombra tem igual dignidade com a luz, numa fusão dos três elementos, luz, sombra e arquitetura num único elemento capaz de caracterizar o espaço e valorizar os três elementos.

O lote em questão, onde se pretende construir a adega, situa-se na zona San Carlo, junto à estrada estatal 113 que contorna o município de Partitico, e é irregularmente alongado no sentido norte/sul, sem qualquer edificação, em parte não cultivado e em parte com citrinos.

O território em que se insere este prolongamento é uma zona rural no limite do aglomerado urbano de Partitico, uma localidade da província de Palermo onde a urbanização é muitas vezes desordenada e sem personalidade, onde a arquitetura rural característica é muitas vezes ladeada por grandes edifícios que podem ser armazéns ou habitações.

Neste contexto, o projeto visou isolar as características arquitetónicas típicas, ricas numa tradição antiga que começa com os Elíminos e passa pelos Árabes nos primeiros séculos da década de 1000, tendo sido gradualmente enriquecida até aos dias de hoje com um testemunho significativo no antigo *baglio*, parte integrante do projeto.

O projeto é composto basicamente por três elementos: o primeiro é um antigo *baglio* que remonta ao século XIX, construído sobre as fundações de um local de provável origem árabe que

remonta a 1100 d.C.; o segundo é a adega recentemente plantada e o terceiro é o jardim com o muro que forma o “*trait-d’union*” dos vários elementos e espaços.

O *baglio*, estrutura típica da Sicília, que consiste numa construção fechada no exterior com um grande pátio interior, é constituído por um recinto fortificado, uma torre defensiva e de vigia, um estábulo e um poço de água. Enquanto se aguardava a conclusão da parte técnica do projeto, iniciou-se o projeto com a consolidação e a re-funcionalização deste primeiro elemento.

O edifício de produção é composto pela zona de engarrafamento, armazém completo e de refinamento, cave de barris para refinamento em barris de carvalho, armazém de vazios, zona de preparação de embalagens, zona de cargas e descargas, sala de filtragem, zona de clarificação, instalações sanitárias e gabinetes para o departamento de contabilidade, sector de marketing nacional, sector de marketing estrangeiro, gabinete de investigação e promoção, direção e sala de reuniões e de provas.

O edifício, inspirado nas técnicas e no estilo mediterrânico, tem um desenvolvimento planimétrico em forma de “C” que cria um pátio interior, um elemento típico do *baglio* local. Dois lados albergam todo o trabalho técnico, enquanto o terceiro alberga os escritórios.

O lado mais comprido do edifício, que alberga as salas de envelhecimento e de aperfeiçoamento, está orientado no sentido este-oeste para aproveitar melhor a luz solar e os ventos locais, de modo a que a climatização destas salas possa ser controlada da forma mais natural e económica possível através de chaminés eólicas.

Na cabeceira deste corpo de sessenta metros de comprimento e vinte de largura, a uma profundidade de seis metros abaixo do nível do solo, um jardim luxuriante encontra o seu habitat natural, cuja parede principal é constantemente banhada por uma transferência de água que cria um microclima fresco e húmido ideal para a sala de barris, que, ao aspirar ar humidificado e arrefecido através de chaminés de vento no lado oposto do edifício, contribui para o controlo do clima interno.

A estrutura do edifício é de tipo misto, constituída por um sistema de construção em caixilharia, vigas-pilar em betão armado e

enchimento perimetral em blocos de tijolo para um bom controlo térmico.

O telhado de duas águas, inspirado nos armazéns típicos da zona, mas construído com treliças de aço e painéis de madeira, elementos originais que inspiraram o projeto, cria uma câmara-de-ar ventilada, garantindo um isolamento térmico adequado.

Nos escritórios, por outro lado, a cobertura plana confere ao edifício uma forma cúbica tipicamente árabe, de modo a reunir no mesmo contexto dois elementos típicos da arquitetura siciliana ocidental, como o árabe e o resultante das numerosas influências de todos os governantes continentais que passaram pela capital siciliana ao longo dos séculos.

A união e a cesura destas diferentes arquiteturas é o jardim com o seu muro que, atravessando todo o edifício no sentido norte-sul, constitui também a fronteira de diferentes funções logísticas.

O jardim histórico do antigo *baglio*, composto por árvores de citrinos, figos da Índia, oliveiras e uma palmeira alta, indicando na semiótica árabe a presença de um poço, encontrou uma continuação natural no pomar de citrinos.

A decisão da família Cusumano de enveredar pelo caminho da adaptação e da inovação para manter uma posição de liderança no mercado vitivinícola, foi possível graças à clarividência fundamental do progenitor Francesco Cusumano, que teve a coragem de depositar a confiança legítima nos seus filhos Alberto e Diego para aumentar a gama de produção e, assim, enveredar pelo caminho do vinho engarrafado.

De facto, a família Cusumano, que durante anos se dedicou ao vinho a granel e ao mosto concentrado, optou, com a nova geração, por diversificar a atividade e iniciar um percurso de produção direta, com controlo do produto desde a campanha, para fazer do vinho de qualidade uma marca forte.

O caminho difícil, percorrido numa zona caracterizada pela mistura de vinhos, é a aposta que a família Cusumano tem sabido vencer, colhendo prémios e encomendas como prova das escolhas acertadas.

Fabrizio Ruffino

Ville Mallo

Dois projetos diferentes na sua linguagem arquitetónica, mas harmoniosamente relacionados, dão origem a um excelente equilíbrio espacial e volumétrico que faz lembrar as “figuras de dois bailarinos”. As duas moradias recentemente construídas no complexo Fondo Anfossi em Mondello são a expressão de um estúdio de arquitetura onde a Ruffinoassociati se concentra na materialidade, na inovação tecnológica, na sustentabilidade e no design.

A utilização de materiais naturais como a pedra siciliana, o mármore billiemi e a pedra de lava contribuem para uma naturalização dos espaços numa ligação harmoniosa entre interior e exterior.

Pequenas piscinas definem a área de estar interior e tornam-se o seu pano de fundo cénico, enquanto a luz natural é a protagonista dos espaços num diálogo constante com a iluminação artificial.

É a expressão de um laboratório de arquitetura em contínua evolução, em que a procura incessante da utilização dos materiais se encontra com a inovação tecnológica, as expressões multifacetadas da forma em harmonia com as proporções, as texturas, através de jogos de luz e de sombra valorizados pelo mobiliário e pelo design.

A arquitetura analisada tem uma génese bastante peculiar. Um cliente esclarecido, empresário de sucesso, pediu ao estúdio Ruffinoassociati que construísse duas moradias exemplo novo em Mondello, na zona de Fondo Anfossi, com dois projetos diferentes em termos de linguagem arquitetónica, mas desenvolvendo ao mesmo tempo uma harmonia formal entre eles. O resultado foi quase uma competição interna entre os membros do estúdio: foram analisadas diferentes formas e disposições, mas sempre com uma comparação constante que deu origem a dois edifícios diferentes, mas harmoniosos, que se enfrentaram nas suas formas principais, dando origem a um excelente equilíbrio espacial e volumétrico que faz lembrar as “figuras de dois bailarinos”.

É dada a máxima atenção à sustentabilidade ambiental e energética. A recuperação das águas pluviais, o solar térmico, o aquecimento a baixa temperatura e o isolamento, fazem com que estas duas casas estejam atentas às teorias atuais de poupança de energia. A utilização de materiais naturais como a pedra siciliana billiemi e pedra de lava contribuem para uma naturalização dos espaços sem rutura entre o interior e o exterior da casa.

A luz natural está no centro do projeto, as grandes superfícies envidraçadas revelam uma grande relação entre os espaços interiores e exteriores, que pretendem ser extensões um do outro. Pequenas piscinas definem a área de estar interior e tornam-se o seu pano de fundo cénico, enquanto a ausência de diferenças de nível e a continuidade dos materiais utilizados fazem de uma a conclusão natural da outra. A luz natural é a protagonista e complementa na perfeição a iluminação artificial composta por luminárias miméticas, quase invisíveis, que assinalam os volumes e as suas rotações. O arco da Flos, o Simbiosi de Davide Groppi e os String lights também da Flos são assinalados e embelezam os espaços que lhes são dedicados.

A atenção dada aos espaços interiores, com a criação de salas amplas e sem paredes, permitiu a inclusão de mobiliário personalizado, realizado por artesãos locais e identificados em colaboração com Longho.

As duas salas de estar são valorizadas pela Camaleonda (B&B) desenhada por Mario Bellini em 1970, numa bela cor azul. O Cosy Island (MDF) desenhado por Francesco Rota numa cor mostarda brilhante, o Up (B&B) desenhado por Gaetano Pesce em 1960 escolhido nas cores do 50º aniversário. As cozinhas da Modulnova e da DADA são ambas decoradas com tampos em pedra natural, uma em preto absoluto, a outra em Calacatta.

Silvio Calandra

Dimora Cusumano

Com Dimora Cusumano começa um novo projeto do mundo e do espírito Cusumano, que sentiu a necessidade de mergulhar os seus hóspedes no estilo Cusumano, interpretado com o mesmo valor de “terroir”. Estilo é, portanto, emoção, cor, volume, história e pertença.

Um destino único, em Linguaglossa, na rua Arrigo, nas encostas do Etna, onde o vulcão é a montanha, a mãe e o regulador da vida. Imerso numa grande propriedade Cusumano, no Monte Etna, o projeto envolveu a recuperação de uma das típicas casas senhoriais da nobreza catanesa do início do século XX.

O projeto de renovação, obra do estúdio Ruffinoassociati, assistido pelo estúdio A&D para o mobiliário, procurou interpretar a alma do Etna através dos olhos de Cusumano, através da utilização de materiais locais como a pedra de lava e o *coccio pesto*, lavatórios de mármore e tecidos de linho, para dar um luxo não formal mas acolhedor, feito de detalhes e atenções não considerados num ambiente rústico.

Existem seis quartos duplos, todos com casa de banho privativa e duche grande: um quarto *Standard* de 22 metros quadrados, o único com casa de banho sem janela, dois quartos *Superior* de 24 metros quadrados, dois quartos *Delux* de 30 metros quadrados com varanda com vista para o mar, e uma *Suite* no rés do chão, sem barreiras arquitetónicas, de 60 metros quadrados, com possibilidade de sofá-cama. Todos os quartos estão equipados com camas de casal standard 160x190, com exceção de um *Delux* equipado com uma *king-size* 180x200, os colchões são todos de 25 cm, Topper Simmons.

No rés-do-chão, onde outrora existia a mó, encontramos hoje uma confortável cozinha, uma sala de jantar com capacidade para 14 pessoas e, seguindo uma escada de ferro, pelo mesmo caminho que outrora foi o vinho, chegamos à *bottaia*, hoje uma grande sala de estar comum com lareira.

O exterior, em fase de acabamento, rodeado de vinhas, dominado pelo Monte Etna e com vista para o mar do outro lado, ainda que distante, tem um terraço contíguo à sala de jantar, com chão

Cantina Alta Mora

de *coccio pesto* e coberto com um leve sombreiro, para desfrutar do pequeno-almoço ou de uma refeição ao ar livre. Mais abaixo, junto à sala de estar, numa grande área verde, há uma zona de relaxamento com uma piscina construída numa antiga “gebbia”, uma bacia de betão tradicionalmente utilizada no passado para irrigação.

Fabrizio Ruffino

Alta Mora é uma adega situada na zona do Etna, da adega Cusumano.

O projeto é inteiramente inspirado no respeito pela terra e pela natureza. Para reduzir o impacto sobre o ambiente e melhorar o consumo de energia, o declive natural é explorado para evitar a bombagem dos cachos, mas para explorar a gravidade natural.

Os sistemas de iluminação, inteiramente em led, têm diferentes cenários para permitir a utilização correta da luz, sem desperdícios. A adega é inteiramente construída a zero quilómetros, preferindo a pedra de lava e o *coccio pesto* de marga vulcânica para os acabamentos. Os únicos elementos salientes são três cubos, elementos de acolhimento, um para as uvas, outro para as pessoas e outro para os visitantes que têm o prazer de provar o fruto de tanto trabalho, primeiro nos campos e depois na adega.

Fabrizio Ruffino

Dimora Cala del Pozzo

Dimora Cala del Pozzo é um projeto de recuperação, realizado por Ruffinoassociati Architetti, de uma típica casa rural de Favignana, de meados do século XIX.

Respeitando a espacialidade do edifício existente, foram projetados lugares, tanto no interior como no exterior, com características diferentes e únicas, de modo a criar uma série de eventos espaciais e sugestões singulares. Um projeto dinâmico em que o desafio consistiu em analisar cada pormenor, um vislumbre, um cheiro, um fragmento, e fundi-los de forma ordenada e cuidada.

Do ponto de vista arquitetónico, trabalhamos em várias frentes; o trabalho extraordinário de manutenção consistiu em transformar as salas em locais de receção, degustação e serviço de refeições.

O projeto previa a revalorização da espacialidade original do edifício principal e dos edifícios satélites, valorizando as suas características típicas constituídas por elementos arquitetónicos, como os arcos, e realçando ao máximo a materialidade dos elementos utilizados na sua construção.

Os blocos de calcarenite foram limpos de escorrências e fragmentos de gesso encontrados e tratados com uma pasta de base vegetal e resinas naturais para evitar a formação de pó, e deixados expostos tanto no interior como no exterior. Foram criadas duas casas de banho, uma das quais para deficientes, e uma cozinha industrial.

No exterior, um caminho de nível único permite aos utilizadores aceder aos locais acima descritos e ao mar.

Mesmo para os aspectos tecnológicos essenciais, o impacto ambiental foi minimizado através do enterramento do edifício sem utilização de betão armado. As águas pluviais das coberturas em socacos não foram canalizadas, mas serão recolhidas numa bacia existente e reutilizadas para irrigar as zonas verdes do jardim.

No piso superior do edifício principal, foram criados quartos de hóspedes, aproveitando os espaços existentes com duas casas de banho exclusivas.

As coberturas, as faces das paredes e os arranjos foram mantidos de forma a preservar as características típicas do edifício, garantindo os níveis de salubridade e de isolamento e minimizando o consumo global de energia. Outro ponto diz respeito à criação, sempre que possível, de um revestimento térmico interior para duplicar a inércia térmica do edifício. As coberturas planas também serão isoladas internamente e as coberturas inclinadas serão desmontadas e remontadas, inserindo no seu interior um sistema de ventilação natural e de isolamento térmico de forma adequada, sem alterar em nada o aspeto exterior.

O projeto em questão, nas suas escolhas técnico-construtivas, visou a utilização, sempre que possível, de técnicas e materiais que visam a construção sustentável.

Foi dada prioridade à utilização de materiais ecológicos, privilegiando assim, durante a execução das obras, fornecedores e fabricantes empenhados na utilização e aplicação de produtos com um baixo impacto de produção e um elevado nível de compatibilidade ambiental.

Um boutique hotel exclusivo num local encantador, na parte mais selvagem de Favignana, a poucos metros de Cala del Pozzo, uma esplêndida extensão de costa com um mar azul-turquesa.

Virado para oeste, tem vista para um dos mais belos panoramas da ilha. O seu olhar varre um horizonte marítimo com as silhuetas das ilhas de Levanzo e Marettimo ao fundo. Quartos discretos, elegantes e encantadores, em perfeita harmonia com o ambiente que os rodeia.

Fabrizio Ruffino

Casa Fiorito

O extenso caderno de encargos foi organizado de forma a que a intervenção alterasse o menos possível o volume da casa existente, mas ao mesmo tempo lhe desse uma aparência totalmente nova.

Isto foi conseguido através da sobreposição de um novo volume, uma faixa de coroamento de 18 m x 10 m x 1,20 m de altura, com o existente, um paralelepípedo de 16 m x 8 m. O novo bloco, tornado ainda mais essencial na escolha das cores e dos materiais, é fragmentado na sua partitura, de modo a maximizar a relação com o exterior e o espaço interior útil (cerca de 110 metros quadrados), tornando-o utilizável em todo o seu potencial.

Modificando as características dos quatro alçados através da abertura de grandes janelas na zona de estar/convívio, e de elementos de janela estreitos e compridos nas zonas de serviço, atingiu-se o objetivo de um aproveitamento equilibrado da luz natural. No alçado principal, a sudoeste, manteve-se a entrada da moradia, abrindo diretamente para uma ampla sala de estar e para a cozinha, que pode ser isolada, se necessário, por quatro grandes painéis de correr em madeira e vidro. Na parte central existe um corredor que serve de ligação entre a zona de estar e a zona de dormir, composta por dois quartos e um escritório, e a zona de serviço. Esta pequena sala é iluminada artificialmente por um sistema de luz direta de cima e de luz rasante de baixo, que realça o caminho para os quartos.

Todos os interiores se abrem pontualmente para o exterior, usufruindo da vista para o jardim que se estende ao longo do perímetro da casa e para uma piscina infinita totalmente revestida a calcário cinzento. A lâmina de água reflete a paisagem envolvente, criando um efeito cénico marcante, amplificando o espaço e a relação entre o interior e o exterior.

Gioacchino Munna

Dimora Cottanera

O projeto de Ruffinoassociati para Dimora Cottanera é um exemplo extraordinário de hospitalidade rural refinada, localizado nas encostas do Etna. Este lugar não é apenas um alojamento, mas uma experiência que entrelaça história, natureza e design contemporâneo para oferecer uma estadia inesquecível.

A Dimora distingue-se pelos seus 13 quartos, cada um único em forma e cor, todos ligados pela intenção de trazer de volta aos visitantes as memórias das casas de campo sicilianas. Estes espaços evocam a autenticidade das férias de verão passadas entre as vinhas, com um design que combina elementos tradicionais e contemporâneos. As grandes janelas oferecem vistas espetaculares sobre as vinhas circundantes, realçando a ligação com a natureza e o ritmo tranquilo do campo.

A casa, que originalmente pertencia ao engenheiro Priolo e foi mais tarde adquirida por Francesco Cambria na década de 1960, mantém intactas as suas características originais. Em contraste com os típicos edifícios de pedra negra do Etna, a casa tem um telhado inclinado e uma estrutura vermelho-ferrugem, recordando influências arquitetônicas do norte de Itália. Esta escolha estilística presta homenagem à tradição da nobreza siciliana de procurar inspiração noutras regiões italianas.

Uma das características mais fascinantes da Dimora é a mó, um exemplo autêntico da engenharia rural do Etna. Historicamente utilizado para a produção de vinho, a mó foi restaurada e oferece agora aos hóspedes a oportunidade de mergulharem na cultura vinícola milenar da região. As antigas paredes de pedra de lava e os velhos barris de castanheiro contam histórias de tradições familiares e de paixão pelo vinho.

Os armazéns de avelãs, outrora o coração pulsante da propriedade agrícola, foram convertidos em espaços recetivos, mantendo intacta a sua essência histórica. No outono, as avelãs eram colhidas e armazenadas nestas salas, enquanto atualmente algumas suites estão localizadas onde antigamente se encontravam as manjedouras de ovelhas e cabras. Os espaços foram renovados com materiais naturais e design minimalista, obra de mestres artesãos, para criar ambientes acolhedores e requintados.

Dimora Cottanera não é apenas um lugar para ficar, mas uma experiência que envolve todos os sentidos. Os hóspedes podem desfrutar dos aromas e sabores locais, descobrir a paixão pelo vinho e apreciar os valores e o artesanato do local. Cada quarto foi concebido para ser uma experiência única, com um design que harmoniza elementos tradicionais e modernos, criando espaços que permanecem no coração dos hóspedes, representando uma viagem através do tempo e do espaço, uma combinação perfeita de história e modernidade, natureza e conforto, oferecendo uma receção calorosa e autêntica no coração da zona rural do Etna.

Fabrizio Ruffino

Este espaço de prestígio, comissariado por Ruffinoassociati, é a primeira parte de uma grande remodelação e restauro do complexo histórico conhecido como “Camparia”, situado no centro urbano da ilha de Favignana.

Tradicionalmente, a Camparia era utilizada para a manutenção das redes, dos instrumentos de trabalho e de tudo o que estivesse relacionado com as atividades de pesca do atum, bem como para o armazenamento dos atuneiros durante o período de inverno.

Nesta primeira fase de conceção, foi criado o “Camparia Lounge”, um lounge bar/wine bar distribuído por um grande piso onde se encontra o balcão do bar e todos os equipamentos técnicos necessários para a preparação de cocktails, com vista para um grande espaço exterior com vista para o mar de Tonnara, onde o mobiliário de exterior sabiamente escolhido, a iluminação cenográfica e a utilização de materiais tradicionais fazem dele um local único e cheio de charme.

Fabrizio Ruffino

Camparia

**Villa
Faraglioni**

Este projeto foi o resultado de uma colaboração a quatro mãos entre o estúdio Ruffinoassociati e o estúdio A&D, e nasceu exatamente com o objetivo de conceber uma casa ideal para alugar semanal para um mercado inglês de luxo.

A moradia situa-se num lugar único e mágico, em frente aos *faraglioni* da pesca do atum de Scopello. É claro que as restrições de proteção não permitiram qualquer alteração, mas, felizmente, o projeto original está muito bem conseguido, tanto esteticamente como tecnicamente. A casa está situada na costa e as suas aberturas são o resultado de um estudo cuidadoso dos ventos e da insolação.

A intervenção transformou fortemente todo o interior, as instalações, com grande cuidado no acabamento dos materiais e em todos os pormenores.

Foram criados cinco quartos, todos com casa de banho privativa, uma pequena zona de bem-estar com uma banheira de mármore antiga, uma grande sala de estar em dois níveis e uma cozinha ampla e funcional, bem como arrecadações e casas de banho comuns.

Fabrizio Ruffino

**Casa
Sorrentino**

Situada numa das principais ruas da cidade, a Casa Sorrentino é o resultado de um projeto de renovação, design de interiores e iluminação de um grande apartamento numa mansão do início do século XX. A sinergia com um cliente competente e apaixonado pelo mobiliário e pelo design contribuiu para criar um espaço com um estilo intemporal. A entrada conduz a um grande espaço que alberga a sala de jantar e de estar, deliberadamente concebida como um ambiente elegante mas multifuncional, ligado à cozinha com uma ilha que desempenha agora, mais do que nunca, um papel central nas várias dinâmicas quotidianas. Ao lado, uma pequena sala de estar com lareira e zona de televisão completa a área representativa da casa. A continuidade entre

os espaços principais e as zonas privadas foi resolvida por um longo roupeiro/*boiserie* lacado e pantografado, que forma um sistema com as portas de correr a toda a altura que conduzem aos quartos. O quarto principal, com vista para a Via Belmonte, dá acesso ao roupeiro e à casa de banho privativa. Muitos dos móveis e acessórios foram concebidos à medida, cortinas de madeira, móveis de arrumação, roupeiros, outros fazem parte da história do design. A combinação destes elementos e a utilização de materiais requintados ajudaram a criar uma linguagem única, pontuada pelo jogo entre a luz natural e a luz artificial, que realça perfeitamente as características principais.

Gioacchino Munna

Início do novo século. Um contabilista de Palermo vê uma casa à venda desenhada pelo estúdio Ruffinoassociati Architetti e apaixonar-se por ela. Não a compra, mas contacta os arquitetos para encontrarem, em conjunto, um imóvel que possa infundir as mesmas emoções. No centro de Palermo, encontram um, composto por vários mini apartamentos que, graças ao seu plano aberto e a um sótão amplo, permite um desenvolvimento realmente interessante.

Estamos na presença de um loft, uma única divisão distribuída por dois alçados e desenvolvida ao longo do eixo horizontal.

Trata-se de uma arquitetura “à medida”, concebida à escala do utilizador, para que este encontre, no espaço concebido, o seu próprio habitat, os seus próprios desejos, as suas próprias necessidades, coordenadas e homogeneizadas no projeto. Não existem paredes divisórias, tanto os serviços como o roupeiro estão inseridos no sistema de espaços cheios e vazios das paredes perimetrais. O volume divide-se em dois níveis, definindo a zona de estar no inferior e a zona de dormir no superior.

O primeiro é uma única sala de receção longa, caracterizada por dois elementos fortes, uma lareira Gyrofocus com uma chaminé

Loft Aiello

de altura dupla que parece pender do teto como uma gota de uma folha, e a ilha de cozinha de Minotti, monolítica e material com um tampo de pedra. O resto do mobiliário (mesas, cadeiras e sofás) presta-se a um jogo contínuo de deslocação, de mudança de disposição consoante a ocasião, a estação ou a sensibilidade dos proprietários. Os protagonistas deste jogo são a mesa da Maxalto, as cadeiras estofadas da Hoffman, as poltronas e o sofá da B&B. Pelo contrário, o loft quase flutuante, parcialmente destacado das paredes estruturais, é definido por uma parede baixa equipada, uma estante, que dá ordem aos quartos de dormir e “encerra”, de forma coreográfica, a cama de casal em pele castanha escura da B&B e o espaço de pé-direito duplo, onde surge a chaminé esguia e comprida.

A casa de banho principal, servida por uma banheira de hidromassagem feita no local e revestida a quartzito, graças a um grande caixilho de janela, pertence tanto à casa de banho como ao jardim, formando uma articulação entre os dois espaços.

O jardim aberto é o pano de fundo naturalista, caracterizado por uma vegetação densa, uma folha delgada de metal dobrada que se torna uma escada e um banco de betão que parece emergir diretamente do chão. O acesso a partir do piso inferior é sugerido por ripas de madeira colocadas no cascalho, contrastando deliberadamente com a rampa pintada.

O pavimento interior é inteiramente constituído por tábuas retangulares de ardósia de um metro de comprimento que correm ao longo da planta de vinte e quatro metros de comprimento.

Os volumes brancos dos muros perimetrais albergam preciosos objetos históricos, como a importante (e pesada) empena horizontal com decorações que remontam ao século XVII, ancorada ao muro de entrada por um sistema de correntes estruturais por detrás. Uma dobra no final do teto suspenso acolhe um sistema de iluminação pontual encastrado para marcar a sua presença.

A escolha das luminárias recaiu sobre a Viabizzuno, uma empresa que exprime um conceito de luz não feito de luminárias e candeeiros, mas onde a essência é a própria luz, onde a sombra tem igual dignidade à luz.

O telhado é constituído por um único passo de madeira aberto episodicamente por grandes clarabóias e por um sistema de treliças que varia na sua conceção de engenharia de acordo com os percursos e a diversidade das divisões abaixo.

Todas as caixilharias foram desenhadas, sendo que o trabalho de caixilharia em ferro pintado a preto e o desenho das portas é da autoria do estúdio, o que tende a acentuar ainda mais a conotação de horizontalidade e tensão de toda a habitação.

O desafio mais exigente foi a construção da escada. A Ruffinoassociati Architetti levou ao extremo as leis da estática, ao prever uma estrutura de ferro revestida com a mesma pedra do pavimento, que não só está ancorada exclusivamente nos pavimentos dos dois pisos, como a tensão estrutural e a forte sensação de leveza são marcadas pela forma monolítica em L de cada degrau, em consola e apoiado no anterior num único ponto lateral.

As três casas de banho presentes, uma na sala de estar e duas nos lados extremos do nível mais alto, seguem uma linguagem comum, embelezada com inserções em pele, como a moldura dos espelhos ou o revestimento das portas dos armários de parede. Volumes puros e rigorosos caracterizam as formas das loiças sanitárias (Frozen by Simas), realçadas pelas torneiras cromadas Dornbracht com as suas linhas essenciais.

As loiças parecem não existir, inteiramente envolvidas em gesso cartonado e evidenciadas apenas por fendas longitudinais.

A casa caracteriza-se por um minimalismo que tem pouco de mínimo, mas nada de gritante, que, tal como a cozinha mediterrânica, é feita de ingredientes simples combinados com grande habilidade, mas onde cada um mantém a sua própria identidade, onde o doce com o amargo e o frio com o quente são os protagonistas. Um minimalismo mediterrânico feito de materiais, pedras naturais, espaços ininterruptos, linhas simples e geometrias essenciais.

Silvio Calandra

Casa Leone

A casa em questão está situada no centro histórico e representa a expressão perfeita da estratificação histórica.

O edifício é o resultado de uma rara estratificação que vê, desde os alicerces até ao sótão, milhares de anos de história, desde as muralhas do século VII que constituíam a cidade de Palermo, à sua elevação normanda, até ao nosso apartamento construído nos últimos anos, resultado da reconstrução de um vazio de guerra.

O edifício, de facto, muito danificado na Segunda Guerra Mundial, foi objeto de um projeto de recuperação assinado pelo Engenheiro Provenzano. Posteriormente, o projeto passou para o arquiteto Giuseppe Curcio e, finalmente, para o estúdio Ruffinoassociati, que interveio no apartamento na sua realização, escolhas tecnológicas, divisão e acabamento.

O projeto, fruto de uma relação cuidadosa com o cliente, representado por um jovem empresário, optou por criar grandes espaços representativos e uma zona de dormir espaçosa e cheia de comodidades, para tornar a casa acolhedora, confortável e ideal para longas horas em casa.

O apartamento tem dois pisos e o acesso faz-se a partir de uma grande galeria, através de uma grande porta Oikos. Assim que entramos, uma grande luminosidade dá-nos as boas-vindas, a luz proveniente das grandes aberturas é, de facto, amplificada pelo chão de lasa branca, um mármore selecionado diretamente pelo estúdio Ruffinoassociati numa pedreira localizada numa fascinante gruta nos Alpes, onde é possível extrair e trazer para o vale com um teleférico medieval apenas dois blocos por dia, quando a neve e o gelo o permitem.

O primeiro nível está dividido em três áreas principais, com uma área de serviço que alberga uma casa de banho representativa, uma lavandaria e uma despensa. O mobiliário é fascinante, composto por alguns elementos, mas todos obras-primas de design.

A primeira área é designada como sala de estar com um grande sofá de Moroso Lowland e mesas de Orchiola para Moroso; um grande quadro contrasta com uma televisão igualmente grande; em seguida, a sala central abriga a área de jantar com a mesa

Boboli de Cassina desenhada por Rodolfo Dordoni, bem como as cadeiras Pilotta; uma escada de aço esguia, mas monumental, coberta de wengué em frente à grande janela prepara o piso do segundo nível e permite o seu acesso. Na base da escada, uma escultura de sofá, a fascinante aba de Edra desenhada por Francesco Binfarè em 2000, continua a ser um protagonista muito atual e fascinante. O terceiro espaço do primeiro andar abriga uma grande ilha de cozinha de Bultaup com uma parede equipada, na qual uma das portas permite o acesso à área mais reservada que esconde a casa de banho do piso, a lavandaria e uma despensa.

A subida da escada conduz ao piso dos dormitórios, um espaço que permite à família desfrutar de uma intimidade confortável e lúdica, três quartos, três casas de banho com duches duplos, banho turco e uma banheira fascinante, instalação livre de água, as duas casas de banho secundárias iluminadas por cima, apresentam um teto em pirâmide cravejado de luzes.

No piso superior, as paredes em Rimadesio dividem a sala, proporcionando transparências cativantes. Este é completado por uma poltrona-cama Frau, um roupeiro Rimadesio, uma lareira a etanol para ambientação, uma casa de banho revestida a mosaico de tendência, um lavatório e uma banheira Agape, um banho turco Effegibi, torneiras e acessórios Dornbracht.

Três degraus conduzem a um grande terraço com vista para os telhados de Palermo, com a cúpula do Teatro Massimo ao fundo. Uma parte coberta do terraço alberga um grande jacuzzi Teuco para um banho confortável ao ar livre.

Tecnologicamente, a casa é servida por um excelente sistema de aquecimento por piso radiante Velta Calore instalado pela Maitec, ar condicionado Daikin e iluminação Viabizzuno.

O proprietário autorizou o serviço, na condição de não lhe ser feita qualquer referência e de não ser permitida qualquer referência ao edifício em que a casa está situada.

Fabrizio Ruffino

